



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
CENTRO DE CIÊNCIA EXATAS E TECNOLOGIA  
PPGEU - Programa de Pós Graduação em Engenharia Urbana



# A Geografia do Espaço Vivido

Análise do uso social do solo urbano - estudo  
de caso na cidade de São Carlos

Dissertação apresentada como  
requisito para a obtenção de título de  
Mestre em Engenharia Urbana

**Mariana Naxara Poli**

Orientador

**Prof. Dr. Sérgio Antônio Röhm**

Universidade Federal de São Carlos

Co-orientador

**Prof. Dr. Francisco A. Dupas**

Universidade Federal de Itajubá

Colaboração

**Prof. Dra. Lúcia Helena F. Sant'Agostino**

Instituição Financiadora

**FAPESP**

São Carlos, Junho de 2004

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

P766ge

Poli, Mariana Naxara.

A geografia do espaço vivido: análise do uso social do solo urbano – estudo de caso na cidade de São Carlos, SP / Mariana Naxara Poli. -- São Carlos : UFSCar, 2004.  
231 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2004.

1. Planejamento urbano. 2. Educação e percepção ambiental. 3. Estratégias de análise do ambiente urbano. I. Título.

CDD: 711(20<sup>a</sup>)

*Aos meus pais...*

*As minhas irmãs...*

*Ao Jon...*

*A vocês, que fazem parte desta história, pelo amor, pelo exemplo de vida, pela confiança depositada em mim, pela inspiração, pela amizade, pela paciência e pelo companheirismo.*

## AGRADECIMENTOS

---

*Este trabalho foi realizado graças à boa vontade e generosidade de diversas pessoas, com as quais tive o prazer de conviver, de aprender e de compartilhar este caminho de descobertas.*

*Agradeço a Deus, pela saúde e pela força encontrada para contornar os obstáculos e enfrentar as dificuldades.*

*Aos meus pais, por tudo.*

*Ao Jon, por ser meu maior cúmplice, "comparsa" e incentivador.*

*Ao professor Francisco Dupas pela oportunidade e pela confiança no meu trabalho;*

*Ao professor e amigo Sérgio Röhm por ter me incentivado, sempre aberto e disposto às "maluquices" do estudo de uma arquiteta, muitas vezes em crise.*

*À Lúcia Helena, pessoa que admiro desde a faculdade, pelo exemplo, pela perspicácia e franqueza, pela ajuda generosa e pelo apoio incomensurável...*

*Ao professor José Francisco, por ser um grande mestre.*

*À professora Ana Cristina Fernandes, pela inspiração e pelo amor contagiante no estudo urbano, apreendido em suas aulas.*

*Ao meu amigo-irmão Alberto, por tantas vezes ter partilhado de minhas alegrias, tristezas, conquistas e decepções.*

*À Andréa, principalmente por ter me acompanhado durante algumas visitas de campo. Grande ajuda de uma grande amiga.*

*Aos amigos Catherine, Ulisses, Alexandre, Giovana e Thais, pela boa surpresa de encontrar em pessoas tão diferentes, qualidades maravilhosas.*

*À Daniela e ao Vitor, pela cumplicidade nesta trilha.*

*À Tetê e à Vivi, pela convivência e pelo tempo de aprendizado juntas.*

*À Sônia, pela cooperação e amizade.*

*À FAPESP e ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana da UFSCar, pelos suportes financeiro e institucional que tornaram possível a realização desta pesquisa.*

## RESUMO

---

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre o uso social do solo do bairro Cidade Aracy, na cidade de São Carlos. Em sua elaboração, foram analisados conceitos, definições, métodos, técnicas e estratégias de abordagem e interpretação do objeto urbano, em várias escalas. A preocupação do trabalho relaciona-se, de maneira geral, à detecção e interpretação de especificidades sociais de um determinado lugar. Para tanto, a pesquisa articulou estratégias de análises, indo do contexto geral e externo ao específico e interno do bairro. Nesta articulação, foram utilizadas a tecnologia de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e a estratégia metodológica denominada Percepção Ambiental. O SIG foi desenvolvido para auxiliar o levantamento de uso e ocupação do solo do bairro, etapa imprescindível ao estudo proposto. A Percepção Ambiental estruturou a pesquisa de coleta de dados sobre a relação existente entre os usuários e o bairro. Como produto, esta pesquisa também elaborou um vídeo documentário sobre as interpretações realizadas pela pesquisadora sobre o uso social do solo do Cidade Aracy.

**PALAVRAS-CHAVE:** Uso social do solo; estratégias de análise do ambiente urbano; Percepção Ambiental.

## SUMÁRIO

---

<b>1. À GUIA DE INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 Introdução	13
1.2 Objetivos	16
1.2.1 Objetivos Gerais	16
1.2.2 Etapas da pesquisa	17
1.3 A Pesquisa	18
1.3.1 O Problema e A Pergunta	20
<b>2. DEFINIÇÕES, CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES</b>	<b>21</b>
2.1 A Cidade e o Urbano	22
2.2 Território, Paisagem, Espaço e Lugar: sanando confusões	24
2.2.1 "Território"	25
2.2.2 "Paisagem"	26
2.2.3 "Espaço"	30
2.2.4 "Lugar"	32
2.2.4.1 "Cidadania"	33
2.3 Considerações sobre o Planejamento Urbano	35
2.4 Percepção, Signo, Representação, Linguagem e Imaginário	42
<b>3. TÓPICOS ESCOLHIDOS RELACIONADOS AO USO SOCIAL DO SOLO</b>	<b>47</b>
3.1 Especulação Imobiliária e Segregação Urbana	48
3.2 A Degradação Ambiental e a Urbana	52
3.3 Cotidiano	55
3.3.1 Vizinhança	56
<b>4. ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE</b>	<b>59</b>
4.1 Técnicas de Análise e Investigação do Objeto de Estudo	60
4.1.1 Ferramenta SIG	60
4.1.1.1 Análise Multitemporal	64
4.1.1.2 Sistemas de Informação Geográfica e Análise Social	66
4.2 Percepção Ambiental	69
4.3 Articulação de Análises	76
4.4 Aprofundamento - Foco nas Especificidades	78

<b>5.</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO, PERIODIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO</b>	<b>81</b>
<b>5.1</b>	<b>A Cidade: São Carlos</b>	<b>82</b>
<b>5.1.1</b>	<b>São Carlos: Periodização Histórica</b>	<b>83</b>
<b>5.1.1.1</b>	<b>As principais modificações no uso e ocupação do solo</b>	<b>88</b>
<b>5.2</b>	<b>O Bairro: Cidade Aracy</b>	<b>91</b>
<b>5.2.1</b>	<b>Cidade Aracy - Aspectos Físicos</b>	<b>94</b>
<b>5.2.2</b>	<b>Cidade Aracy - Histórico</b>	<b>99</b>
<b>5.2.2.2</b>	<b>Apontamentos sobre o loteador e seus empreendimentos</b>	<b>101</b>
<b>5.2.3</b>	<b>Cidade Aracy - Atual</b>	<b>106</b>
<b>6.</b>	<b>A DESCOBERTA DO LUGAR</b>	<b>112</b>
<b>6.1</b>	<b>A Pesquisa de Campo - coleta dos dados</b>	<b>114</b>
<b>6.1.1</b>	<b>O Projeto versus o Uso</b>	<b>115</b>
<b>6.1.2</b>	<b>Levantamento de Uso e Ocupação - SIG</b>	<b>117</b>
<b>6.1.3</b>	<b>Aplicação da Estratégia Metodológica</b>	<b>124</b>
<b>6.1.3.1</b>	<b>A Pesquisa de Campo</b>	<b>126</b>
<b>7.</b>	<b>ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES</b>	<b>139</b>
<b>7.1</b>	<b>Análise e Interpretação</b>	<b>140</b>
<b>7.1.1</b>	<b>Levantamento - Uso e Ocupação</b>	<b>141</b>
<b>7.1.2</b>	<b>O Uso Social do Bairro - Entrevistas com moradores</b>	<b>159</b>
<b>7.2</b>	<b>Vídeo - Cidade Aracy: uma leitura do lugar</b>	<b>183</b>
<b>7.2.1</b>	<b>Apontamentos importantes</b>	<b>184</b>
<b>8.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>188</b>
<b>9.</b>	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>191</b>
<b>9.1</b>	<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>192</b>
<b>9.2</b>	<b>Bibliografia Complementar</b>	<b>197</b>
<b>10.</b>	<b>APÊNDICES</b>	<b>199</b>
<b>11.</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>218</b>

## SUMÁRIO DE QUADROS

---

QUADRO 1 - Estudo e análise multitemporal ..... 19

QUADRO 2 - Cronologia das principais modificações nos padrões de uso e ocupação do solo,  
relevantes ao processo de segregação sócio-espacial na cidade de São Carlos..... 90



## SUMÁRIO DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Demografia Municipal de São Carlos de 1900 à 1970 .....	85
GRÁFICO 2 - Demografia Municipal de São Carlos - 1970 a 2000 .....	87
GRÁFICO 3 - População Municipal de São Carlos.....	87
GRÁFICO 4 - Número de Domicílios em São Carlos .....	88
GRÁFICO 5 - População do Bairro Cidade Aracy.....	107
GRÁFICO 6 - Faixa Etária - Bairro Cidade Aracy .....	108
GRÁFICO 7 - Condição dos domicílios - Bairro Cidade Aracy .....	108
GRÁFICO 8 - Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes - Cidade Aracy .....	109
GRÁFICO 9 - Nº de Moradores por Domicílio - Bairro Cidade Aracy .....	109
GRÁFICO 10 - Responsáveis pelos Domicílios - anos de estudo - Bairro Cidade Aracy .....	110
GRÁFICO 11 - Uso e ocupação do bairro Cidade Aracy - Nº de estabelecimentos .....	122
GRÁFICO 12 - Uso e ocupação do bairro Cidade Aracy - porcentagem das áreas aproximadas.....	123
GRÁFICO 13 - Pesquisa Piloto - Opinião dos moradores da cidade sobre o bairro Cidade Aracy .....	127
GRÁFICO 14 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Informações Gerais sobre os entrevistados.....	128
GRÁFICO 15 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões Gerais sobre o bairro Cidade Aracy.....	129
GRÁFICO 17 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy .....	130
GRÁFICO 18 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy .....	131
GRÁFICO 19 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy .....	131
GRÁFICO 20 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Moradores do Bairro - Informações Gerais.....	134
GRÁFICO 21 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Lugar de origem e tempo morando no bairro .....	134
GRÁFICO 22 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Frequência de saída e motivo de ir morar no bairro .....	135
GRÁFICO 23 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Constrangimento e Disposição à entrevista .....	135
GRÁFICO 24 - Informações Gerais dos Moradores Entrevistados.....	162
GRÁFICO 25 - Ocupação e Origem dos Moradores Entrevistados.....	163
GRÁFICO 26 - Moradores Entrevistados - Tempo morando na cidade e no bairro .....	165
GRÁFICO 27 - Porcentagem de moradores que moraram ou não em outros bairros .....	165
GRÁFICO 28 - Motivo que levou os entrevistados a morar no bairro.....	166
GRÁFICO 29 - Motivo de gostarem ou não de morar no bairro .....	168
GRÁFICO 30 - O que falta no bairro - moradores entrevistados.....	170
GRÁFICO 31 - Resposta à pergunta "Conhece muita gente no bairro?" .....	173
GRÁFICO 32 - Razão dos moradores entrevistados preferirem ficar mais em casa na rua .....	174
GRÁFICO 33 - O que os moradores entrevistados fazem para se divertir .....	175
GRÁFICO 34 - O que é mais importante no bairro e o 1º lugar mencionado - entrevistados .....	177
GRÁFICO 35 - O que é mais agradável ou desagradável no bairro - moradores entrevistados .....	181
GRÁFICO 36 - Informações específicas dos entrevistados com mais de 7 anos de bairro.....	182

## SUMÁRIO DE FOTOS E FIGURAS

FIGURA 1 - Objetivos gerais da pesquisa .....	16
FIGURA 2 - Digitalização sobre Imagem Orbital .....	61
FIGURA 3 - Visualização da interface do SIG desenvolvido .....	62
FIGURA 4 - Análise multitemporal de uma área na cidade de São Carlos.....	65
FIGURA 5 - Localização do Município de São Carlos no estado de São Paulo .....	82
FIGURA 6 - Fluxograma Geral da Execução do Trabalho.....	91
FIGURA 7 - Fotos aéreas - destaque ao acesso ao bairro Cidade Aracy .....	92
FIGURA 8 - Córrego e áreas ambientalmente degradadas - Cidade Aracy .....	93
FIGURA 9 - Cidade de São Carlos - destaque ao bairro Cidade Aracy.....	95
FIGURA 10 - Vista da encosta e erosão - Cidade Aracy .....	96
FIGURA 11 - Foto panorâmica - Cidade Aracy .....	96
FIGURA 12 - Vista do bairro Cidade Aracy .....	97
FIGURA 13 - Erosão - Cidade Aracy.....	98
FIGURA 14 - Assoreamento - Cidade Aracy.....	98
FIGURA 15 - Residências - Cidade Aracy.....	110
FIGURA 16 - Digitalização do Bairro Cidade Aracy - Uso e Ocupação.....	118
FIGURA 17 - Digitalização do Bairro sobre Fotografia Aérea Georreferenciada (1998).....	118
FIGURA 18 - Detalhe da Digitalização do Uso e Ocupação do Bairro .....	120
FIGURA 19 - Estabelecimentos e construções do Bairro Cidade Aracy.....	121
FIGURA 20 - Dados e medidas formuladas pelo SIG para o objeto de estudo.....	123
FIGURA 20 - Planilha elaborada a partir da pesquisa com os moradores da cidade.....	132
FIGURA 21 - Casas do bairro Cidade Aracy .....	143
FIGURA 22 - Lixão, no "Aracy 3", ao fundo.....	145
FIGURA 23 - Os "Aracys" .....	146
FIGURA 24 - Digitalização dos "Aracys" sobre fotografia aérea georreferenciada de 1998.....	146
FIGURA 25 - Terreno transformado por morador do bairro.....	147
FIGURA 26 - Bancos de uma "praça" feitos por moradores do bairro.....	148
FIGURA 27 - Exemplos de bancos adaptados nas calçadas do Cidade Aracy.....	149
FIGURA 28 - Morador do bairro em sua residência-loja .....	150
FIGURA 29 - Vista da avenida Vicente Laurito.....	151
FIGURA 30 - Grupo de pessoas - rua do bairro .....	152
FIGURA 31 - Exemplos de Igrejas do bairro .....	153
FIGURA 32 - Igreja Congregação Cristã do Brasil - Cidade Aracy.....	154
FIGURA 33 - Exemplos de esquinas do Cidade Aracy.....	155
FIGURA 34 - Anúncios .....	158
FIGURA 35 - Residências do bairro Cidade Aracy.....	159
FIGURA 36 - Pessoas em bares, cabeleireiros e crianças brincando.....	172
FIGURA 37 - CAIC e catadores no lixão .....	179
FIGURA 38 - Menino e bola de gude.....	185
FIGURA 39 - Lixão .....	186
FIGURA 40 - Menino - morador do bairro.....	186
FIGURA 41 - Olhar de menina - moradora do bairro .....	187
FIGURA 42 - Bonecas no armário - casa de moradora do bairro .....	187

### NOTA PRELIMINAR

*O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.*

*A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar.*

*A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.*

*A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.*

*A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. (...)*

*A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, (...), entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.*

Fernando Pessoa

*“(...) Irene é o nome de uma cidade distante que muda  
à medida que se aproxima dela.  
A cidade de quem passa sem entrar é uma;  
é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali;  
uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez,  
outra é a que se abandona para nunca mais retornar;  
cada uma merece um nome diferente;  
talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes;  
talvez eu só tenha falado de Irene.*

Italo Calvino (Cidades Invisíveis)

# 1. À GUIA DE INTRODUÇÃO

---

## 1.1 Introdução

---

"Sociólogos, economistas, geógrafos, arquitetos, planejadores urbanos, etc., todos parecem arar sulcos isoladamente e viver em seus próprios mundos conceituais fechados" (HARVEY, 1980). Esta frase traz à tona a complexidade existente no universo do estudo do ambiente urbano; revela a óbvia necessidade e a obscura dificuldade em associar as várias áreas do conhecimento ao estudo do objeto "cidade". Não obstante, apesar da pertinência do questionamento do papel do profissional capacitado para "resolver" os problemas das cidades ou para direcionar o seu crescimento, este trabalho preocupa-se com um método possível de análise do uso do solo urbano. Tal procedimento deverá tratar de situações reais específicas de um lugar ou fragmento de cidade, buscando unir não somente diferentes áreas do conhecimento como também análises de diferentes escalas de influência\*.

A necessidade de se analisar o uso do solo considerando as relações sociais de um território é defendida por MARICATO (2000): a autora desmente a crença de que o caos das cidades brasileiras se deve à falta de planejamento ou de planejadores capacitados, e afirma que o problema está no descolamento presente entre o discurso dos planos e a situação real existente e manifesta no cotidiano social e na forma das cidades.

Desta maneira, a dinâmica social manifesta no meio urbano pode e deve ser estudada e compreendida. No caso das cidades brasileiras, este entendimento faz-se a cada dia mais urgente e determinante das tomadas de decisões políticas e legais. Neste sentido, este trabalho busca discutir os moldes e métodos de análise do uso social do espaço urbano que possibilitem aos planejamentos coerência com as necessidades reais das cidades e dos cidadãos, visando à justiça, à inclusão social e à qualidade de vida.

---

\* Como, por exemplo, os conceitos desenvolvidos neste trabalho: macro-escala (região, município, cidade, bairro) e micro escala (unidade homem/usuário/cidadão).

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

Dentro dessa proposta, a revisão bibliográfica é apresentada nos dois seguintes capítulos desta dissertação. Nesta revisão foram abordados temas, conceitos, aspectos e definições relevantes ao universo urbano. Também foram tratados os assuntos específicos relacionados ao uso social do solo como os conceitos "cotidiano", "imaginário" e "vizinhança".

No quarto capítulo foram expostas estratégias de investigação e análise do objeto de estudo. As estratégias utilizadas e questionadas nesta pesquisa vão da abordagem do objeto macro-virtual, através do SIG (Sistema de Informações Geográficas) elaborado para o município de São Carlos, à pesquisa de campo que cuidou do levantamento e observação dos aspectos físicos e urbanos e da interação com moradores de um bairro são-carlense (Cidade Aracy).

A contextualização foi uma preocupação constante nesta pesquisa, pois, como método de estudo, serve tanto na organização de variáveis interferentes num contexto, a ponto de torná-lo específico, quanto na apreensão da maneira como tais variáveis se articulam a ponto de permitir a revelação de usos e hábitos que dão ao lugar sua imagem particular. No processo de contextualização, a história do lugar é imprescindível, assim como a articulação dessa história com outras, cuja influência pode ser direta ou indireta sobre o objeto de estudo. Esta foi a preocupação tratada no quinto capítulo que expõe, resumidamente, a história da formação e evolução urbana da cidade de São Carlos e do bairro Cidade Aracy\*, além de aspectos físicos e características estruturais relevantes ao estudo proposto.

A pesquisa procurou entender as formas de apropriação do espaço com enfoque em pontos claros e obscuros da dinâmica social, isto é, contando com o entendimento da estruturação urbana através dos aspectos político, histórico,

---

\* Optou-se pelo aprofundamento de estudo num bairro da cidade de São Carlos, devido às principais intenções da pesquisa: superar a superficialidade de um estudo genérico sobre o uso social do solo. O bairro escolhido como foco de análise, apresenta peculiaridades físicas e urbanas, mas é a relação usuário/lugar que apresenta a maior gama de peculiaridades pertinentes ao estudo do uso social do solo.

econômico e cultural, e, ainda, contando com o entendimento da percepção e do imaginário dos usuários da cidade. Neste sentido, o Capítulo 6 denominado "A Descoberta do Lugar" revela os caminhos da pesquisa que levaram ao entendimento do uso social do solo no bairro Cidade Aracy, expondo a aplicação metodológica.

Assim, tornar o lugar objeto de análise é também interpretar seu uso social, trazendo à tona suas especificidades, compreendendo a complexidade da estrutura social ali presente. Articular análises envolvidas no estudo do urbano, levando em conta as influências sociais, políticas, culturais e econômicas externas e internas<sup>1</sup>, faz-se necessário para a fidelidade do entendimento de tais especificidades.

Quanto aos materiais e aos métodos, a pesquisa aqui apresentada teve como objetivo inicial atualizar dados e análise do estudo multitemporal da cidade de São Carlos, SP (1962 a 2002) realizado com recurso de imagens orbitais (Landsat) e fotografias aéreas antigas (DUPAS, 2001), a fim de captar dados geográficos e subsídios fundamentais para o estudo proposto. Pretendeu-se integrar a tecnologia SIG ao estudo de fenômenos sociais urbanos (hábitos, usos, valores e expectativas determinantes da dinâmica social específica de um lugar).

A coleta de dados para a análise do uso social do solo contou com entrevistas com moradores do bairro, observação e interpretação do cotidiano e da relação dos usuários com o lugar. Este esforço buscou apreender e compreender, de modo geral, a maneira peculiar com que moradores do bairro adaptam-se, moldam-se ao espaço e o transformam segundo necessidades, hábitos, expectativas e valores. Para tal análise e interpretação, a pesquisa

---

<sup>1</sup> Interessante relacionar a este ponto o artigo intitulado *Da Reestruturação Corporativa à Competição entre Cidades: Lições Urbanas Sobre os Ajustes de Interesses Globais e Locais no Capitalismo Contemporâneo*, de FERNANDES (2001) no qual a autora questiona o poder de decisão da escala local potencializada pela globalização.



contou com subsídios teóricos relacionados à estratégia metodológica denominada Percepção Ambiental.

Também faz parte do corpo deste trabalho um vídeo inspirado no olhar da pesquisadora e em sua interpretação sobre a relação existente entre o bairro Cidade Aracy e seus usuários. Desta maneira, o trabalho buscou em diferentes linguagens, enriquecer e aperfeiçoar interpretações, análises e questionamentos elaborados no transcorrer da pesquisa.

## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivos Gerais

Os objetivos gerais da pesquisa estão fundamentados na integração de ferramentas técnicas, como o Sensoriamento Remoto e SIG, na busca de subsídios para a análise da dinâmica e do uso social do solo na cidade de São Carlos. A figura 1 mostra os objetivos gerais da pesquisa.

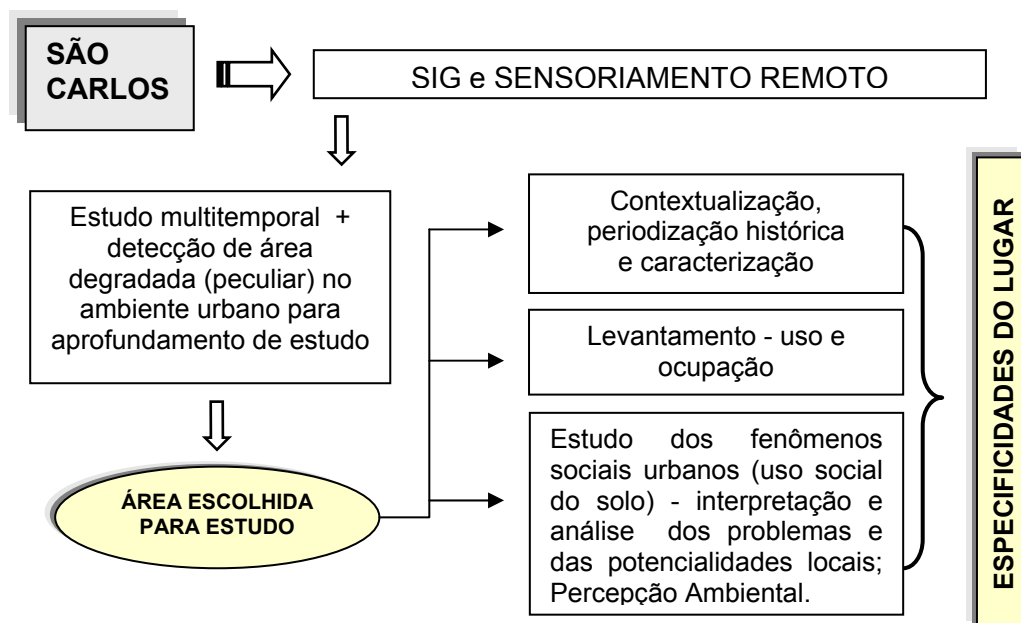


FIGURA 1 - Objetivos gerais da pesquisa

### 1.2.2 Etapas da pesquisa

---

Especificamente, os objetivos da pesquisa foram organizados e embasados conforme as etapas descritas a seguir:

- 1) A referência de dados iniciais foi o estudo de DUPAS (2001) que utiliza o sensoriamento remoto (imagens de 1962 até 1998) e SIG como instrumentos para coleta dos vetores de crescimento e análise do crescimento urbano em função das variáveis físicas (urbanas e ambientais). De posse dos dados iniciais atualizados para 2002, foram detectados alguns pontos peculiares para estudo, dentro da malha urbana. A análise partiu para a articulação dos dados obtidos com as técnicas descritas no estudo do material adquirido sobre a cidade. O material estudado é referente aos subsídios teóricos, dados históricos e indicadores sociais e demográficos (IBGE e fundação SEADE).
- 2) Aprofundou-se a análise em um lugar pertinente ao estudo proposto, elaborando o levantamento do uso e ocupação, e principalmente, procurando captar e interpretar fenômenos sociais urbanos (hábitos, usos, valores e expectativas manifestos no espaço), decorrentes da relação entre o usuário e seu espaço\*. Como foi dito, para tal investigação e interpretação, utilizou-se a *Percepção Ambiental* como estratégia metodológica.
- 3) Com os dados referentes à estruturação urbana e com fenômenos sociais detectados e analisados, foram articuladas informações coletadas e tratadas, integrando os dados digitais analisados da área de

---

\* Por exemplo: Um espaço público que foi ou que está sendo degradado - Neste caso, deve-se descobrir quais são os fatores que induziram tal situação buscando o entendimento da dinâmica social do lugar. Um exemplo de hipótese a ser estudada é a má adequação do projeto às necessidades dos usuários, o que pode proporcionar abandono e descaracterização desse espaço.

estudo a fim de se obter um diagnóstico mais completo e real dos problemas e das potencialidades sociais de emergência e de sua evolução.

### **1.3 A Pesquisa**

---

A pesquisa teve início com estudos e questionamentos de paradigmas do planejamento urbano com um foco abrangente sobre questões relacionadas ao desenvolvimento do município de São Carlos. Conforme determina o rigor científico, foi feito um recorte através de um *zoom* em questões especificamente relacionadas ao uso social do solo. Métodos e modelos de estudo deste universo foram pesquisados e o consenso inicial permeou a articulação de estratégias de análise, de disciplinas e de ferramentas técnicas para a detecção de problemas e de potencialidades relacionados ao lugar. Neste contexto, a idéia defendida inicialmente é a de que os diagnósticos devem ser direcionados à construção de uma imagem da cidade para que as intervenções se aproximem dos conflitos e dos atores sociais, construtores atuantes no cotidiano.

No caso específico de São Carlos, é interessante ressaltar sua potencialidade tecnológica e produtora de conhecimento já que detém duas universidades de grande importância no país, a Universidade de São Paulo (com cursos voltados à área de exatas - engenharia e tecnologia) e a Universidade Federal de São Carlos (com múltiplos cursos de todas as áreas).

Muitos pesquisadores estão debruçados sobre as questões desta cidade, discutindo os caminhos da sustentabilidade, da equidade, da estrutura urbana e da democracia. Convém aliar esse conhecimento à prática de políticas públicas. Esta pesquisa pretende mostrar que é possível conceituar corretamente situações reais e específicas, interligando áreas do conhecimento, antes paralelas, a um objetivo em comum.

A pesquisa também foi inaugurada com um estudo multitemporal. Este foi elaborado para detectar os vetores de crescimento da cidade, para investigar modificações em relação aos aspectos físicos e ambientais e para indicar áreas relevantes ao estudo do uso social do solo são-carlense.

Dessa maneira, tal investigação direcionou a escolha de uma área para aprofundamento de estudo: o bairro Cidade Aracy\*. O QUADRO 1 descreve as etapas e elaboração do estudo multitemporal.

**QUADRO 1 - Estudo e análise multitemporal**

<b>ESTUDO MULTITEMPORAL</b>				
<b>1962</b>	<b>1972</b>	<b>1998</b>	<b>2000</b>	<b>2002</b>
Fotografias - escala 1:25000	Fotografias - escala 1:25000	Fotografias - escala 1:2000	Fotografias - escala 1:30000	Imagem digital - resol. 30x30 m
Utilização das fotografias aéreas, georeferenciadas em SIG Spring;	Utilização das fotografias aéreas, georeferenciadas em SIG Spring;	Utilização das fotografias aéreas, georeferenciadas em SIG Spring;	Utilização das fotografias aéreas, georeferenciadas em SIG Spring;	Utilização das imagens de satélite (Landsat), georef. em SIG;
Mosaico das fotografias no ambiente urbano;	Mosaico das fotografias no ambiente urbano;	Mosaico das fotografias no ambiente urbano;	Mosaico das fotografias no ambiente urbano;	Composição RGB para o ambiente urbano;
Digitalização do limite urbano da época;	Digitalização do limite urbano da época;	Digitalização do limite urbano da época;	Digitalização do limite urbano da época;	Digitalização do limite urbano atual;
Análise do ambiente urbano articulada às análises das outras épocas.	Análise do ambiente urbano articulada às análises das outras épocas.	Análise do ambiente urbano articulada às análises das outras épocas.	Análise do ambiente urbano articulada às análises das outras épocas.	Análise do ambiente urbano articulada às análises das outras épocas.
<b>Detecção de área(s) degradada(s) - escolha do lugar para aprofundamento de estudo</b>				

As análises do ambiente urbano, articuladas entre diferentes épocas, proporcionam, através da comparação, a captação de transformações físicas na estrutura urbana causadas pela ocupação, possibilitando a integração do estudo do contexto do uso social específico de cada lugar.

\* A justificativa desta escolha será descrita mais adiante.

No caso deste trabalho, as fotografias aéreas e as imagens orbitais foram georreferenciadas utilizando a ferramenta SIG. Através destes produtos foi possível desenvolver estudos e investigações sobre os espaços urbano e suburbano.

Sobre as fotografias e as imagens agregaram-se informações como, por exemplo, a hidrografia e os limites urbanos de cada época. Este processo será explicitado no capítulo dedicado às estratégias de análise utilizadas na pesquisa.

### **1.3.1 O Problema e A Pergunta**

---

O problema e a pergunta tratam da angústia investigativa que inspira e desafia o pesquisador. O processo de elaboração do trabalho como um todo engloba estratégias de análise que dão suporte e viabilizam o entendimento do uso social de um lugar ou de um fragmento do território urbano. Não obstante, é essencial compreender a preocupação intrínseca arraigada à pesquisa e que norteia toda reflexão a ser apresentada. Neste ínterim, o "problema" está inserido na "pergunta" que é a seguinte:

Qual é, e como se dá, a relação existente entre os habitantes e o "lugar", considerando o contexto específico de sua formação e ocupação e as interferências provocadas pelas condições físicas e pelo ambiente construído no cotidiano daqueles usuários locais?

Assim, o problema permeia o condicionamento social, impactado pelos aspectos cultural, físico e urbano. Nesta investigação são necessárias, obviamente, informações da história local, sobre o processo de ocupação e de apropriação do espaço, sobre a formação da estrutura urbana encontrada e de sua transformação-adaptação no decorrer do tempo.

## **2. DEFINIÇÕES, CONCEITOS E CONSIDERAÇÕES**

Serão expostos neste capítulo temas e conceitos abordados e encontrados em obras e estudos de diversos autores e pesquisadores. Tais temas e conceitos emergiram durante o percurso do desenvolvimento da pesquisa, formando assim uma base de subsídios teóricos necessários a este trabalho. Dessa maneira, os assuntos aqui explorados estão envolvidos no esforço da pesquisadora em compreender o fenômeno urbano, através de suas generalidades e de suas especificidades.

## 2.1 A Cidade e o Urbano

---

Procurou-se com este trabalho, encontrar um caminho que tornasse possível a descoberta de um lugar específico, peculiar, inserido na cidade de São Carlos. Paralelamente à escolha do lugar, foi desbravada a trilha do conhecimento e das confusões que cercam o tema desenvolvido: análise do uso social do solo.

Portanto, foi necessário distinguir alguns conceitos, avaliar certas definições, buscando, exaustivamente, as possibilidades de entendimento, permitindo o esclarecimento da pesquisadora frente o tema. Dentre os termos deparados e estudados no decorrer da pesquisa, estão "cidade" e "urbano". As definições pertinentes encontradas para tais termos, são similares entre os autores estudados.

SERRA (1987) diz que a *cidade* e o *urbano* podem, de maneira geral, ser compreendidos como aglomerações de adaptações no espaço. Entretanto, expõe a diversidade de conceitos e de enfoques, tanto para o urbano, quanto para a cidade. Aponta, numa das conceituações expostas, a cidade como sendo  *muito mais que uma mera aglomeração de pessoas e de construções, "a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição"*<sup>2</sup> (SERRA, 1987, p. 09).

---

<sup>2</sup> VELHO, *apud* SERRA, 1987.

Uma outra definição, abordada pelo autor, é a de Mumford (1957): *a cidade é o ponto culminante de uma comunidade, "a forma e o símbolo de uma relação social integrada"* (SERRA, 1987, p. 10). Em contraponto, o autor utiliza o termo urbanização, definindo-o como *"a proporção da população concentrada em estabelecimentos urbanos ou o crescimento dessa proporção"*<sup>3</sup>. *O processo de urbanização seria, portanto, a passagem de uma forma menos densa e mais espalhada de distribuição da população no espaço, para uma forma concentrada em centros urbanos* (SERRA, 1987, p. 07).

Ficou claro, para pesquisadora, a diferença entre dois conceitos, principalmente após o encontro com a definição feita por SANTOS (1994):

*Na realidade, há duas coisas que estão sendo confundidas gratuita e alegremente, isto é, a cidade e o urbano. O urbano é freqüentemente o abstrato, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Não há que confundir. Por isso, na realidade, há histórias do urbano e histórias da cidade.*

Como já foi dito, a procura deste trabalho se baseia no entendimento do processo de ocupação de um lugar específico inserido dentro de uma cidade, e da forma como o fenômeno humano se relaciona com o fenômeno urbano<sup>4</sup>. Por isto, a definição dos conceitos tratados aqui, é de extrema relevância.

Busca-se entender a cidade, a partir do embasamento teórico e da análise do uso social do solo, através da interpretação empírica do objeto de estudo, *um lugar*<sup>5</sup> da cidade. Ou seja, entender a cidade, para esta pesquisa, significa compreender o processo de urbanização, do geral ao

---

<sup>3</sup> DAVIS, *apud* SERRA, 1987.

<sup>4</sup> *O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está exatamente na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado.* SANTOS, 1988, *apud* SOUZA, 1994, p. 60.

<sup>5</sup> *O lugar não é um fragmento, é a própria totalidade em movimento que, através do evento, se afirma e se nega, modelando um subespaço do espaço global* (SANTOS, 2002, p. 125).



específico; significa compreender o *concreto*, o *particular*, o *interno*, relacionando-o ao *abstrato*, ao *geral*, ao *externo*.

## **2.2 Território, Paisagem, Espaço e Lugar: sanando confusões**

---

Posições filosóficas e conceitos divergentes - e às vezes até contraditórios - são apreensíveis nas definições de tais termos, levando em conta os diversos autores e a complexidade dos temas. Tratar o *território*, a *paisagem*, o *espaço* e o *lugar* como objetos de estudo, torna necessária, como já foi dito, a análise do uso social do solo; isso pressupõe leituras e interpretações das ações sociais apreendidas concretamente no meio urbano. Pode-se então justificar a necessidade de utilizar metodologias de análise que englobem o entendimento geográfico e o social de situações específicas (os lugares e seus fenômenos sociais) articulados para a produção de conceitos coerentes com a realidade para o planejamento das cidades.

Para tratar tais conceitos destaca-se, entre outros autores e obras, a obra de Milton Santos. Vasta é sua produção acerca destes temas. Como exemplo, em *Território: Globalização e Fragmentação*, o geógrafo afirma: *vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social* (SANTOS, 1993, p.15).

Os temas aqui descritos serão tomados como verbetes onde definições, de diversos autores, serão exploradas a fim de serem minimizadas confusões e ou idéias vagas e ambíguas. Pretende-se assim, tornar o suporte teórico coerente aos objetivos da pesquisa apresentada.

### 2.2.1 "Território"

---

Em FERREIRA (1988), *território* é a base geográfica do Estado, sobre a qual exerce sua soberania, abrangendo o solo, rios, lagos, mares interiores, águas adjacentes, golfos, baías e portos.

O território é objeto de estudo físico, mas o seu uso reflete as ações humanas, tornando-se sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Na conjuntura atual, encontram-se novos recortes no território, além da categoria *região*. Ou seja, o conceito de território é complexo, podendo ser amplo, restrito ou até mesmo virtual. A concepção adotada neste trabalho é a da relação do homem com o seu meio (espaço vivido), para a qual, o uso social do território, a este livra do estigma de objeto de estudo inanimado.

Desenvolvendo este raciocínio, o território é o que se conhece, o que é familiar, fruto de uma história, de um tempo-espaço específico. Sofre diretamente a interferência do homem, que atua sobre ele através de seu trabalho, de seus desejos e necessidades, de seu tempo.

Além disso, levando-se em conta a localização urbana, o território, onde estão inseridas as aglomerações, representa não somente o valor de uso produzido sobre ele como também inúmeras possibilidades de deslocamentos, não só dos indivíduos, como também das mercadorias e de capitais. Estes deslocamentos são consequência da disputa de localizações e se deve pela produção do território e por seu consumo.

Neste caso, a idéia de *desterritorialização*, apresentada por SANTOS (2002), é pertinente também no desenvolvimento desta pesquisa. A mobilidade de pessoas, de produtos, de idéias, de mercadorias e de imagens é atualmente, segundo o autor, uma regra. Sendo assim, quando o homem deixa para trás uma cultura herdada para se encontrar outra, e se estabelece num lugar que não ajudou a criar, cuja memória lhe é estranha, *esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação* (p. 328).

Portanto, o território é objeto de estudo animado quando se leva em conta o seu uso social, pois é a apropriação humana comungando a convivência, a formação histórica e a transformação dos lugares e dos indivíduos.

SANTOS (1998) ainda relaciona o conceito de território ao conceito de cidadania. Para ele, a noção de território está ligada à noção de valor do indivíduo. Dessa forma, o homem vale pelo lugar onde está ou pelo espaço que ocupa. *O seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território* (p. 81). *É no território tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta* (p. 6).

### **2.2.2 "Paisagem"**

---

São recorrentes as confusões sobre a denominação e diferenciação dos conceitos "paisagem" e "espaço". *A paisagem não é o sinônimo e nem o antônimo de espaço: são dois signos que comunicam mensagens diferentes a uma mesma geoestrutura* (RAFFESTIN, 1979, *apud* SANTOS, 2002, p. 105).

A concepção de paisagem, no entender de alguns pesquisadores do urbano, é muitas vezes relaxada\* e superficial e, por isso, alguns autores dedicam partes de seus trabalhos na discriminação dos conceitos "paisagem" e "espaço", contrapondo-os didaticamente.

LEITE (1998) relaciona os conceitos de espaço, paisagem e território afirmando que em um espaço povoado, a paisagem que se pode observar é o produto do trabalho coletivo de uma sociedade sobre seu território e o processo social de sua construção. *É a acumulação, no tempo, de práticas,*

---

\* Por exemplo, alguns admitem a paisagem como "coisa física", a configuração territorial sem a intervenção humana; a natureza crua, onde inexistente a ação do homem. Esta idéia pode não estar totalmente errada, mas no caso deste trabalho é necessário considerar a paisagem como algo complexo que vai além daquilo que se contempla com o golpe de vista.

*técnicas, valores e símbolos culturalmente transmitidos às futuras gerações (p. 66).*

Para SANTOS (2002), *a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima (p. 103).*

A paisagem é a história congelada, que participa da história viva e são as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais. *Então, o conhecimento da paisagem supõe a inclusão de seu funcionamento no funcionamento global da sociedade (...) A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. O espaço humano é a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social (SANTOS, 2002, p. 107).*

LEITE (1994) afirma que alguns métodos de planejamento territorial, gerados e implantados institucionalmente, adotam como pressuposto básico a abstração da realidade. *A proposta de organização urbana e regional a partir de formas ideais e homogêneas baseia-se na crença de que o repouso, e não o movimento, é o estado natural da paisagem (p.10).*

Dessa maneira, negligencia-se o sentido de tempo ao tratar e intervir na paisagem, negligenciando conseqüentemente, a expressão cultural da sociedade. Para a autora, a paisagem é produzida técnica e socialmente, pois é resultado do equilíbrio entre múltiplas forças e processos temporais e espaciais e a ela são atribuídos valores específicos que mudam constantemente segundo a evolução e as transformações dos padrões culturais.

### **Os Processos Sociais e as Formas Espaciais**

Segundo HARVEY (1980), os processos sociais e as formas espaciais são distintos na mente e na realidade. Para ele, o problema esta em *como*

*conciliar a ruptura em nosso pensamento do que aparentam ser duas modalidades distintas e irreconciliáveis de análise (p. 2).*

Para o autor, *as formas espaciais são então vistas não como objetos inanimados dentro dos quais o processo social se desenvolve, mas como coisas que "contém" os processos sociais, do mesmo modo que os processos sociais são espaciais (p.3).*

Nesse sentido, deve haver uma *interpenetração* entre a análise dos processos sociais e a da forma espacial, uma vez que esta nasce da prática humana. Para HARVEY (1980), existem temas referentes ao planejamento urbano e regional que se relacionam, se agitam em torno do tema "forma - espaço - processo social" e se refletem de maneira tão complexa que isolar cada um para considerações específicas prejudicaria a evolução geral do pensamento, sem possibilidade de correção. Segundo o autor, é necessário interligar o estudo da *teoria*, do *espaço*, da *justiça social* e do *urbanismo* tendo a premissa do entendimento da importância e pertinência de cada tema para o diagnóstico do ambiente urbano a ser planejado.

O estudo da *teoria* deve conter o cuidado na separação da metodologia e da filosofia, pois *flui a tendência de tomar os fatos separadamente dos valores, os objetos independentemente dos sujeitos, as "coisas" como possuindo uma identidade independente da percepção e da ação humana, e o processo "privado" da descoberta como separado do processo "público" da comunicação dos resultados (p. 3).* A construção da teoria deve contar então com a elaboração de uma linguagem própria e adequada, com significados e definições fixos empregados para "indicar" fenômenos de um modo logicamente consistente.

Em relação ao *espaço*, seu estudo e entendimento são essenciais na compreensão do fenômeno urbano e da sociedade em geral. O espaço urbano possui uma estrutura passível de classificação ou de individualização de fenômenos. A caracterização de um espaço relativo deve ser entendida

como uma relação entre objetos. Os objetos existem e se relacionam assim como os processos sociais.

Segundo HARVEY (1980), para o entendimento do espaço, vem à tona a questão: *o que é isso que as diferentes práticas humanas criam, fazendo uso de distintas conceituações de espaço?* Por exemplo, a relação de propriedade cria espaços absolutos (onde o controle monopolítico opera).

A compreensão do espaço, para o planejamento urbano, requer o entendimento de como a atividade humana cria a necessidade de conceitos espaciais específicos, e de como a prática social e cotidiana resolve os mistérios filosóficos relativos à natureza do espaço e às relações entre o processo social e as formas espaciais.

O estudo da *justiça social*, segundo o autor, significa avaliar eventos e atividades no contexto urbano, o que requer, à priori, uma distinção entre a observação dos fatos e a dos valores, ou princípios como a aprovação ou desaprovação moral. Não obstante, o autor concorda com Marx, e afirma que o ato de observar é o ato de avaliar, e separá-los é forçar uma distinção da prática humana que não existe na realidade.

Ainda no âmbito da justiça social, a compreensão entre produção e distribuição de renda faz-se necessária, pois se relacionam, e a eficácia de uma diz respeito à equidade da outra. Neste sentido, também para o estudo da justiça social, o autor reafirma a hipótese de que as respostas sempre devem ser obtidas do estudo da prática humana.

O estudo do *urbanismo*, que conta com diversos aspectos e temas, apresenta maneiras favoráveis para desvendar algumas características relevantes dos processos sociais. O urbanismo torna-se um *espelho no qual outros aspectos da sociedade se refletem* (p. 7).

Definindo-o *relacionalmente*, pode-se chegar a constatações como, por exemplo, a de que o centro urbano é tomado como "contendo" uma

periferia, porque não há centro sem periferia, e cada um ajuda a definir o outro.

*A complexidade do urbanismo não deve ser atribuída à complexidade inerente aos fenômenos que estuda (...) não podemos proporcionar uma compreensão dele através de pesquisas interdisciplinares, mas sim uma compreensão das contribuições disciplinares através de seu estudo (p. 8).*

O urbanismo e as transformações sociais e espaciais representam um *duro teste de realidade para a teoria sócio-geográfica*, pois *muitas de nossas teorias não se situam bem em meio tão agressivo.*

### **2.2.3 "Espaço"**

---

Levando em conta o que HARVEY (1980) considera como definição<sup>6</sup>, o espaço pode ser orgânico, perceptivo, e simbólico. A primeira categoria define a orientação e migração espacial instintiva; o âmbito perceptivo envolve questões como memória, repertório e modalidades de pensamentos apreendidos culturalmente - este é afetado pelo condicionamento cultural; e, o espaço simbólico, experimenta o *espaço vicariamente, através da interpretação de representações simbólicas que não têm dimensão espacial*<sup>7</sup>.

HARVEY (1980) chama a atenção para a importância de se entender o que é *espaço*. Para ele, *o procedimento utilizado é o de uma vez descoberto o que é espaço e descobertos os modos de representá-lo, podemos, então, avançar em nossa análise do fenômeno urbano, introduzindo nosso entendimento do comportamento humano em alguma concepção geral do espaço* (p. 5). O problema da correta conceituação do espaço é resolvido então através da prática humana em relação a ele.

---

<sup>6</sup> Cassirer (1944) *apud* Harvey (1980, p.18).

<sup>7</sup> O autor dá um exemplo para o entendimento deste conceito: *posso evocar a impressão de um triângulo sem ver nenhum, simplesmente olhando a palavra "triângulo"* (HARVEY, 1980, p.18).

Para SANTOS (2002), o espaço é o resultado material acumulado das ações humanas através do tempo. É sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única que resulta da intrusão da sociedade nas formas-objetos (da paisagem). Caracterizado por um sistema de valores transformado permanentemente, através do seu uso, forma um conjunto de mercadorias cujo valor individual existe em função do valor que a sociedade, num dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração de paisagem (p. 104)

SANTOS (2002) ainda define que o espaço é a sociedade; nele, as formas que compõem a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Para o autor, a natureza do espaço é animada pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Relacionando sempre a paisagem ao espaço, SANTOS (2002, p. 107) afirma que *"a paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. O espaço humano é a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social"*.

O autor contribui com vários conceitos pertinentes ao tema. Relacionando sua definição com a alienação revelada no espaço, diz: *a percepção do espaço é parcial, truncada e, ao mesmo tempo em que o espaço se mundializa, ele nos aparece como um espaço fragmentado, (...) temos diante de nós um espaço humanamente desvalorizado, reduzido a uma função. Pela ação sutil da família, da escola, dos "mass media", o espaço se forma, se aprende e se vive na alienação.* (SANTOS, 1998, p. 59).

Dessa maneira, o autor sugere que a dependência existente entre espaço e mercado gera uma escassez cercada por um *habitat* humano minguado, uma vez que o *marketing* territorial cria uma certa anomia reveladora da atual relação vigente entre espaço e alienação.



No espaço revela-se a noção de *socialidade* que será tanto mais intensa quanto maior a proximidade entre as pessoas envolvidas: *o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual (...) Nessa situação, cada qual sabe que figura como objeto no campo prático do outro* (SANTOS, 2002, p. 317).

Nesse ínterim, descobre-se a força do lugar ou da dimensão local que para esta pesquisa é o alvo das indagações. Até este ponto de definições percorreu-se um caminho a fim de se estreitar o foco necessário à análise do uso social do solo. Do "território" até o "lugar" existe um caminho coerente de raciocínio, no qual as especificidades tornam-se maiores e onde a relação do indivíduo com o prático-inerte<sup>8</sup> contém a relação com o espaço, e é aí que a força do lugar se afirma.

#### 2.2.4 "Lugar"

---

*O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, (...) mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e da criatividade.*

Milton Santos

*A estrutura de um lugar contém o espírito desse lugar.*

Maria Angela Faggin Pereira Leite

SANTOS (2002) focaliza sua análise sobre a "força do lugar" e relaciona o lugar ao cotidiano. Para ele, cada lugar torna-se exponencialmente diferente dos demais. Na pesquisa aqui apresentada a dimensão local é especialmente importante, pois se trata de um estudo de caso, de uma fração de cidade complexa e peculiar inserida no espaço urbano.

---

<sup>8</sup> Segundo SANTOS (2002, p. 317), o prático-inerte é uma expressão introduzida por J. P. Sartre, para significar as cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens. Indo além do ensinamento de Sartre,

Dessa maneira, leva-se em conta variáveis relacionadas ao espaço vivido, ao cotidiano, o que traz à tona a dimensão específica local onde se busca encontrar seus significados. Uma dessas variáveis é a forma urbana, detentora de uma polissemia ou pluralidade de significados. Para LEFEBVRE (1969), *não há forma sem conteúdo. Não há conteúdo sem forma* (p. 83). Para o autor a forma tem uma existência mental e uma existência social.

Procura-se apreender a especificidade da cidade envolvida nos seus diversos lugares, detectando os fenômenos urbanos reproduzidos sobre um terreno e sobre um plano, "o plano da vida imediata" (LEFEBVRE, 1969, p. 48). Tais fenômenos podem ser analisados através da apreensão da vida cotidiana que envolve concepções e apreciações na escala da experiência social em geral.

Daí a necessidade de se relacionar o cotidiano ao lugar. *O lugar se expressa com força na realidade vivida, na proximidade, na socialidade, na vizinhança. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar* (SANTOS, 2002, p. 330). Para isso, faz-se imprescindível a descoberta do lugar, pois se trata de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições sendo a cooperação e o conflito a base da vida em comum.

LEITE (1998) diz que a paisagem é processo e produto, estrutura e espírito, e o lugar é o signo que revela não só o entrelaçamento entre ambos, mas o ambiente resultante, a acumulação, a memória coletiva.

#### **2.2.4.1 "Cidadania"**

Tomando o "lugar" como importante conceito a ser estudado neste trabalho, e levando em conta o importante aspecto da especificidade do urbano na questão da qualidade de vida, achou-se conveniente expor algumas considerações sobre o conceito de "cidadania".

---

*podemos dizer que o espaço, pelas suas formas geográficas materiais, é a expressão mais acabada do prático-inerte.*

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

A idéia de qualidade de vida remete à satisfação de necessidades. Nisso reside a dificuldade na delimitação de necessidades mínimas a serem satisfeitas ou quais são os bens de que o ser humano não pode ser privado, uma vez que as necessidades humanas são múltiplas (ilimitadas) e variam historicamente, geograficamente e socialmente (BRAGA, 2002). Ao se discutir qualidade de vida, deve-se ter em mente os pressupostos fundamentais para o conceito de cidadania como a igualdade e a integração.

FERRARA<sup>9</sup> diz que cidadão é aquele que ultrapassa a condição do usuário, assumindo o pólo das decisões, interferindo no destino da cidade e nos interesses públicos de maneira consciente.

Completando esta questão, vale lembrar que, na definição de "território" feita há pouco, estão expostas algumas considerações de SANTOS (1998) sobre cidadania. Além dessas considerações, é oportuno comentar a relação que o autor fez entre o cidadão e o consumo<sup>10</sup>: "graças" à glorificação do consumo diminuí-se gradativamente outras sensibilidades, *como a noção de individualidade que, aliás, constitui um dos alicerces da cidadania* (p. 34).

O conceito de "cidadania" é conteúdo do de "democracia". Segundo OLIVEIRA (1998), há poucas possibilidades de criação de um espaço público democrático, integrador e não excludente, quando a desigualdade social é enorme, sobre a qual é construída a sociedade brasileira. Penosamente, nesta sociedade, os dominados tentam construir um espaço público onde a fala e a reivindicação sejam possíveis, mesmo que não imediatamente eficazes.

No presente trabalho, busca-se também compreender como a cidadania se faz ou é desejada pelos moradores do lugar, objeto de estudo. Em um ambiente obviamente excludente e segregador, as reivindicações são inúmeras somadas aos esforços daqueles moradores na busca da dignidade em meio às dificuldades cotidianas, à falta de um espaço democrático e à exclusão social.

---

<sup>9</sup> In del RIO, OLIVEIRA (orgs.), 1996, p. 64.

E como as necessidades são específicas de cada lugar, pretende-se compreendê-las, ouvindo os discursos espontâneos de moradores\* sobre o seu cotidiano e sobre o seu lugar.

### **2.3 Considerações sobre o Planejamento Urbano**

---

No decorrer desta pesquisa, o estudo do planejamento urbano foi uma constante atividade visto que, na maioria dos textos estudados e das disciplinas cursadas no período, estavam presentes suas definições, seu conteúdo e diversas discussões sobre o tema.

Alguns dos conceitos do estudioso urbano David HARVEY (1980) foram de extrema importância na etapa inicial de questionamento do planejamento urbano.

Assim, segundo HARVEY\*, os quatro tópicos\* não podem ser compreendidos isoladamente e os dualismos não podem ser desfeitos e sim suprimidos. *Qualquer teoria geral da cidade deve relacionar de algum modo os processos sociais à forma espacial que ela assume* (p.14). Para tal, é imprescindível uma ponte entre aqueles que possuem a *imaginação sociológica* e a *imaginação geográfica*.

Para o autor, a imaginação sociológica refere-se a algo que *habilita seu possuidor a entender o mais amplo cenário histórico em termos de seu significado para a vida interna e a atividade externa de uma variedade de indivíduos (...)* o primeiro fruto dessa imaginação (...) é a idéia de que o indivíduo

---

<sup>10</sup> Nessa relação, o autor revela que o consumo contribui ao aniquilamento da personalidade, sem a qual o homem não se reconhece como distinto. Alienado, o homem sub-utiliza suas energias intelectuais (SANTOS, 1998).

\* Em visita ao bairro Cidade Aracy, um dos moradores abordados comentou sobre a formação daquele loteamento e sobre questões políticas, como a possível perversidade daqueles que idealizaram o lugar, anterior à sua implantação. Nos dizeres deste morador, destaca-se a seguinte observação: *se fosse para fazer parte da cidade, aqui seria o bairro Aracy e não a cidade Aracy*. Neste depoimento, o morador avalia a exclusão vivida e a segregação do bairro em relação à cidade.

\* *op. cit.*

\* Referentes ao estudo da teoria, do espaço, da justiça social e do urbanismo, já descritos anteriormente.

*pode entender sua própria experiência e medir seu próprio destino somente localizando a si mesmo dentro de seu tempo (...) a imaginação sociológica habilita-nos a captar a história e a biografia, e suas inter-relações na sociedade. Por trás de seu uso há sempre a urgência em conhecer o significado histórico e social do indivíduo na sociedade e no período no qual ele tem sua existência e seu ser (p. 14).*

A imaginação geográfica "ou consciência espacial" seria aquela que habilita o indivíduo a reconhecer o papel do espaço e do lugar em sua própria biografia, a relacionar-se aos espaços que ele vê ao seu redor, e a reconhecer como as transações entre os indivíduos e entre as organizações são afetadas pelo espaço que os separa. Significa reconhecer a relação existente entre o indivíduo e seu espaço. *Isto leva o indivíduo a julgar a importância dos acontecimentos em outros lugares.*

A distinção entre as duas imaginações é prejudicial quando se trata dos problemas da cidade. Há a necessidade de se articular as duas neste caso. O autor cita alguns autores que estavam se destacando (na década de 70) por articular as duas imaginações ou consciências. Considerando que a forma espacial ou a feição da forma espacial pode influenciar o processo social, HARVEY destaca autores como Piaget, Cassirer, Langer, Lynch, Howard, entre outros, como defensores desta mesma linha de raciocínio no diagnóstico de problemas urbanos\*.

*Qualquer boa estratégia de estudo da cidade deve aceitar que a forma espacial e o processo social são formas diferentes de pensar a mesma coisa (p. 17). Sugere dessa maneira, a emergência de uma abordagem pragmática de solução do problema na qual os aspectos espaciais da cidade sejam vistos em continuidade, definidos pelos processos da sociedade urbana.*

---

\* O autor relata que existe uma literatura que trata dos aspectos psicológicos do homem na cidade e de como o ambiente produzido pelo homem ganha significado para seus habitantes. São princípios úteis para se entender o papel que o simbolismo espacial desempenha, afetando o comportamento humano. Este tema está envolvido na estratégia de análise, escolhida para esta pesquisa - Percepção Ambiental.

HARVEY diz ainda que se deve relacionar o comportamento social, de acordo com a geografia e com a forma espacial que a cidade assume. Deve-se reconhecer que uma vez criada uma forma espacial particular, *ela tende a institucionalizar e, em alguns aspectos, a determinar o futuro desenvolvimento do processo social.* (p. 17).

Para o autor, *cada forma de atividade social define seu espaço* (p. 19). A articulação de uma filosofia adequada de espaço social é uma necessidade primária, quando se pretende entender a forma espacial da cidade e, já que, somente pode-se entender o espaço social relacionando-o a alguma atividade social, conseqüentemente deve-se considerar uma integração das imaginações sociológica e geográfica. *O espaço no qual temos nossa existência física é um sistema de relacionamentos efetivos (...) a configuração do espaço que se desenvolve na arquitetura e, portanto, na cidade, é simbólica de nossa cultura, da ordem social existente, de nossas aspirações, necessidades e temores* (p. 21).

O ponto básico para o autor é o estabelecimento de que, na necessidade de se entender a forma espacial, deve-se primeiramente pesquisar suas qualidades simbólicas. E isso pode ser feito já que *a cidade contém todos os tipos de sinais e símbolos, então podemos tentar captar o significado que as pessoas dão a eles* (p. 22). *Devemos procurar entender a mensagem que as pessoas recebem de seu ambiente construído.*

Sobre a literatura e filosofias discutidas pelo autor sobre respostas comportamentais, e sobre o modo pelo qual os indivíduos reagem e esquematizam vários aspectos da forma espacial que é a cidade, considera-se que *o espaço social, por isso, é tomado com um complexo de sentimentos e imagens individuais sobre ele e de reações dirigidas ao simbolismo espacial que cerca esses indivíduos* (p. 23).

Desta análise, tem-se a conclusão de que *o espaço social é complexo, não homogêneo, talvez descontínuo, e quase certamente diferente do espaço físico no qual o engenheiro e o planejador atuam tipicamente. O espaço social*

*não é somente uma variável de indivíduo para indivíduo e de grupo para grupo; ela é, também, variável no tempo.* (p. 25). Se o que se deseja é entender o espaço e interpretar os processos sociais através do seu uso, precisa-se considerar seu significado simbólico e a complexidade de seu impacto sobre o comportamento, já que este está intimamente ligado ao processo cognitivo, integrando as imaginações sociológica e geográfica.

Seguindo com as discussões sobre o tema em questão, para GROSTEIN (1995) a atividade do planejamento urbano configurou-se como a mais adequada para enfrentar a complexidade das questões urbanas da cidade contemporânea, sendo um instrumento privilegiado de ação política.

Considerando as intervenções demandadas na cidade, o planejamento urbano corresponde ao diagnóstico dos problemas através de disciplinas como a economia, a demografia e a sociologia. Como prática de intervenção, o planejamento não substitui o urbanismo, pois não trata da dimensão material - físico/espacial.

Neste sentido, a postura do planejamento urbano atual é aquela que preconiza a necessidade de se buscar um equilíbrio entre os meios ambiental e social através de "intervenções" urbanas estratégicas. Neste âmbito, a "estratégia" não deve ser tomada através da etimologia ligada à guerra, ao estratagema. Fala-se em estratégia do Sistema de Planejamento *estabelecido por processos competitivos, denotando um sentido político e econômico, com alguma visualização e hipóteses espaciais* e de Planejamento Estratégico, *flexível, consensual na coletividade* (FALCOSKI, 1997).

Para MARICATO (2000), os processos político e econômico no Brasil construíram uma das sociedades mais desiguais do mundo. Esse processo de estruturação das cidades brasileiras gerou uma opacidade da cidade real de maneira que as cidades "planejadas" no papel e no discurso não correspondem à realidade vivida no meio urbano.

Entretanto, os consensos estão sendo quebrados e os velhos paradigmas do estudo e do planejamento urbanos perdem sentido na nova realidade dos espaços e das cidades atuais. Necessita-se formar a "liga" entre as intenções e atuações dos planejamentos e a realidade e necessidade social das cidades; formular o *lugar nas idéias*.

Como entender a relação existente entre planejamento urbano e a realidade social das cidades brasileiras é uma indagação sobre a qual MARICATO (2000) debruça-se no esforço de esclarecer o porquê de as cidades brasileiras serem tão desiguais e perversas, levando em conta a realidade Sócio-Ambiental, *em especial o crescimento da ocupação ilegal do solo urbano e das favelas* (p. 121).

Na introdução de seu texto, a autora afirma que *a exclusão urbanística, representada pela gigantesca ocupação ilegal do solo urbano, é ignorada na representação da cidade oficial* (p. 122). O Planejamento Urbano é o instrumento capaz de direcionar o crescimento, intervir no espaço físico e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos; no caso brasileiro, ele representa, no papel ou no discurso, a cidade "oficial".

O planejamento urbano tradicional do Brasil (VILLAÇA, *apud* MARICATO, 2000) importado dos países *primeiromundistas*, nasceu de uma matriz modernista/funcionalista trazendo em seu conteúdo heranças do modernismo, do *keynesianismo* e do *fordismo*, levando em conta toda a mudança ideológica acerca da regulação e da produção das cidades<sup>11</sup>. É a partir dessa matriz que se dá a inconsistência e inutilidade da maioria dos planos elaborados no país, uma vez que tais idéias importadas não condizem com a realidade brasileira, além de outros fatores que fazem dessa matriz, a *matriz postiça* ou o *plano discurso*.

Levando em conta os assentamentos humanos precários, é evidente a rejeição dos planos, leis e regulamentos urbanísticos do país ao longo de sua

---

<sup>11</sup> MARICATO (2000) explicita o processo político de estruturação das cidades em relação às mudanças sociais e econômicas temporais, como foi o caso do colapso do planejamento urbano estatal, da internacionalização das relações mundiais, do alcance dos interesses econômicos e das relações de poder local e global.



história em relação aos problemas sociais, à intenção de justiça social; consideram somente a "cidade oficial", a cidade do mercado imobiliário formal. Segundo ROLNIK (1997), *o argumento atribui a expansão desta cidade selvagem à falta de ética que impele governantes a negociar diretamente com interesses (sem seguir planos) e construtores, moradores e fiscais a criar uma relação de compra e venda de direitos e sanções* (p.204).

Sobre o planejamento urbano integrado à análise do uso social do solo, cabe então discutir a idéia de planejamento, já que se falou em quebra dos paradigmas urbanos e dos conceitos obsoletos envolvidos no assunto. Neste enfoque, é relevante notar a direção ideológica de alguns planejamentos em vigor no país, com um contexto de democratização participativa na tomada de decisões, de parcerias, de integração política e de sustentabilidade.

Tradicionalmente, o planejamento e o zoneamento acabaram por limitar e segregar física e socialmente o desenvolvimento das cidades. *Hoje convive-se simultaneamente com a cidade antiga, cidade expandida e a não cidade* (FALCOSKI, 1997, p.85). Segundo LEFEBVRE (1969), o planejamento pode ser identificado como o pior inimigo do urbano ao destruir a vida cotidiana. É coerente relacionar a *não cidade* aos assentamentos ilegais e clandestinos, à cidade não formal, às ocupações sociais que vivem à margem do que é regulado e produzido legalmente no ambiente urbano, constantes situações nas cidades brasileiras de grande e médio porte.

Assim, socializar o espaço urbano, reconstruir o senso de direito à cidade, é percorrer o caminho inverso da dinâmica social produzida hoje nas cidades. Atualmente, percebe-se a morte do sentido dos espaços públicos como as ruas, as calçadas, as praças, uma vez que estes lugares estão sendo degradados, descaracterizados. O *‘espaço público’* cada vez mais perde seu sentido na sociedade atual para os lugares semi-públicos ou privados super programados. Dessa maneira, as funções coletivas têm se deslocado para espaços interiores multifuncionais (shoppings, centros empresariais, etc.) (ROLNIK, 1995).

Segundo HARVEY (1980) os problemas do Planejamento Urbano tradicional passam fundamentalmente pela falha em se conceituar corretamente a situação social urbana: *se nossos conceitos são inadequados ou inconsistentes, não podemos esperar identificar problemas e formular soluções políticas apropriadas* (p.13).

A mobilização de conceitos teóricos para o entendimento ou mesmo para a detecção de uma problemática inserida no cenário da cidade requer a capacidade crítica e de síntese para que se possa contornar os obstáculos metodológicos para os estudos urbanos (FARIA, 1978). Entre os obstáculos está o desencontro entre a teoria e os dados concretos, ou seja, visões ingênuas ou análises inseguras podem levar qualquer esforço de entendimento ou de conhecimento à esterilidade de idéias.

A conseqüência da esterilização de idéias é ainda mais perigosa quando se trata da compreensão de problemas reais manifestos em um local específico. Isto porque o apontamento de uma problemática mal formulada poderá gerar empreendimentos ou obras públicas de correção (vinculados ao poder público local) e que, mais cedo ou mais tarde, serão novos símbolos concretos de incompetência. Exemplos desta afirmação são constantes em muitas cidades brasileiras.

Além disso, alguns autores fazem essa articulação explicando como as políticas globais atuais influenciam nas decisões locais que “fabricam” sua estrutura em situações típicas de subordinação. Percebe-se que, em suas análises, tais autores contam com um vasto repertório teórico acerca da evolução do contexto histórico genérico (política, sociedade e economia) promovendo uma coesa compreensão da conjuntura global (macro escala) que é o que torna possível, *a priori*, a delimitação de problemáticas reais, não ambíguas e vagas.

Neste sentido, segundo ROLNIK (1997), a maior parte das cidades não tem nada a ver com o que se propõe nos planos. Existe a impossibilidade de

sustentação frente às transformações econômicas e políticas do cenário mundial. É necessário questionar o papel das cidades brasileiras diante da conjuntura global. Como produzir mais solidariedade e equilíbrio em meio à segregação física e à exclusão social, contando com a competitividade econômica globalizada refletida na política e economia local é um grande dilema para os estudiosos do objeto urbano.

Portanto, fundamentar o planejamento urbano em conceitos consistentes, possibilitando o entendimento de situações ou fenômenos sociais, requer a construção de uma base conceitual abrangente, contando com as várias escalas de estudo e, conseqüentemente, articulando múltiplas áreas do conhecimento.

## **2.4 Percepção, Signo, Representação, Linguagem e Imaginário**

A Percepção Ambiental será abordada mais adiante neste trabalho, como estratégia de análise. Mas aqui será tratada a percepção enquanto conceito que engloba os outros citados no título acima.

A percepção é a capacidade humana de adquirir informação através da experiência e a representação, segundo a Lógica da linguagem, *consiste na operação semiótica, o “terceiro incluído” entre o real e a consciência, a mediação feita na e pela linguagem, “o processo cognoscente pelo qual o sujeito possui e produz signos, sua única possibilidade de mediação com a realidade, a sua única maneira de conhecer os fatos concretos, a realidade material e de conviver com ela”* (FERRARA, 1981, p.57).

Signo, para Peirce, *é um processo de representação/substituição possível do objeto (e não necessária, porque o objeto, em si mesmo, é inesgotável, na sua dinamicidade) que se coloca, para alguma mente, em lugar dele de tal modo que o objeto só pode ser conhecido a partir de sua forma de representação (...) no processo de produção de signos – nas semioses – efetiva-se sempre uma “renascença” de conhecimentos antigos restabelecidos sob/sobre a experiência*

*nova, que vai se acrescentando de outras informações. Assim o usuário urbano que vem de outras vivências, projeta, sobre a experiência nova, toda a memória informacional, pois opera com a informação já estabelecida/sedimentada e acrescenta sobre ela (SANT'AGOSTINO, 2001, P. 24). A relação que o intérprete faz, quando aproxima um signo de um objeto é denominada "interpretante". Esta relação consiste no processo mental que aproxima e compara uma forma de representação a todas as outras formas possíveis armazenadas no repertório informacional do intérprete, de modo que este projeta sua memória cultural nessa relação (SANT'AGOSTINO, *ibid.*).*

Assim sendo, a percepção é um signo/representação e a linguagem é a capacidade humana de gerar signos.

O processo de construção da paisagem é histórico e é daí que a representação das relações sociais se manifesta através de práticas e ideologias, tornando-se realidades materiais pela transformação de seu significado em ordem efetiva dos objetos sobre o território (LEITE, 1998).

As representações sociais para alguns autores e pesquisadores\*, são também entendidas como formas de expressão e representação das experiências humanas, construídas sobre variadas linguagens (história, lendas, poesia, pintura, arquitetura, etc.), estando presentes em todos os lugares e tempos (FARIA, 2003). Exemplos dessa afirmação são as maneiras de contar sobre uma dada situação: narrativas que promovem ou possibilitam a reconstrução de fatos ocorridos e de realidades, crivados de significados, que trazem à tona imaginários sociais, experiências do cotidiano. Vale, aqui, lembrar dois excertos do cancionero nacional, que patenteiam essas considerações:

---

\* Esta concepção, advinda da Psicologia Social, não segue os conceitos e definições dos autores e pesquisadores que trabalham com a representação através da Lógica da Linguagem (FERRARA e SANT'AGOSTINO, por exemplo). Desta forma, entende-se que a Psicologia Social coloca a percepção ambiental como uma produção homogênea, ao contrário da Lógica da Linguagem que a defende como um processo elaborado e articulado através do impacto da experiência e do repertório do intérprete.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

*Si o senhor não tá lembrado/Dá licença de contá  
 Que aqui onde agora está/Esse edifício arto  
 Era uma casa véia/Um palacete assobradado  
 Foi aqui seu moço/Que eu Mato Grosso e o Jôca  
 Construimo nossa maloca (...).  
 Só se conformemo quando o Jôca falou:  
 "Deus dá o frio conforme o cobertô"  
 E hoje nós pega a páia nas grama do jardim  
 E prá esquecê nós cantemos assim:  
 Saudosa maloca, maloca querida, dim, dim  
 Donde nós passemos os dias feliz de nossa vida*

Saudosa Maloca - Adoniran Barbosa

*Ó seu Barbosa, nós era dois casado certo,  
 Morando num bairro longe,  
 Mas passando ônibus perto.  
 Uma vista tão linda, de cima do nosso morro,  
 E as criança precisando, tinha um Pronto-Socorro,  
 - Só uma hora dali...*

Seu Barbosa - Paulo Vanzolini

Estes exemplos demonstram que produções sociais da cultura podem esboçar um mapa da multiplicidade de territórios e de cotidianos presentes nas cidades, revelando um cenário sócio-cultural dentro da complexidade de cenários que conformam o espaço urbano. São modos de olhar e de representar uma realidade. Essas representações seriam fenômenos simbólicos que possibilitam o conhecimento de fragmentos da vida cotidiana urbana e de seu espaço social.

*O imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação dos significados, atribuir significados a significados* (FERRARA, 2000, p. 118). A percepção da experiência urbana travestida no uso do espaço e de seus lugares é o que define a unidade imagem/imaginário.

O uso social do solo é a apropriação do espaço, é o significado da experiência. É ele que gera lugares, associado ao imaginário contido no repertório cultural dos habitantes de um lugar. Segundo LEITE (1998), é na relação interno/externo ou público/privado que se intensifica a formação lenta, no curso da história, de idéias e valores que qualificam os lugares.

A compreensão do uso social do solo no bairro Cidade Aracy deve considerar o projeto que, ao apropriar o lugar para um determinado uso, mais o qualifica do que o delimita. Completando este raciocínio, qualificar significa conferir caráter distintivo, diferenciar do que envolve, do que não foi apropriado, mantendo ligações que definem o modo de interpretar a natureza e construir a paisagem (LEITE, 1998).

A leitura do contexto de um bairro - a origem de sua população, o uso do solo e outros elementos que qualificam o lugar - leva ao entendimento ou às interpretações das imagens, do imaginário, das representações que podem ser surpreendidas. O lugar na cidade está permeado pelo tempo do espaço social contracenando com a cidade como espaço físico: *Identificar os lugares significa assim perceber o processo de imagens presentes e passadas que os qualificam e atestam um modo de apropriação* (FERRARA, 2000, p. 124).

A imagem da cidade também é um signo<sup>12</sup>, representação envolvida no hábito perceptivo do cotidiano. A leitura da cidade tem como categoria o cotidiano apreendido pelas representações. *A leitura se nutre de imagens/signos como um modo de compreender e interagir com a cidade, apropriando-se dela* (FERRARA, 2000, p. 125).

A operação de leitura da imagem da cidade vai além da descrição física da imagem visual e deve revelar uma história escondida como didática da *práxis* humana. FERRARA (2000) diz que o imaginário supõe uma associação de fragmentos que constroem um retrato metafórico da cidade e que a imagem é o retrato de um imaginário.

Imagem/imaginário é uma unidade, assim como as unidades corpo/espírito ou mente/matéria, pois se constroem mutuamente e não devem ser entendidas separadamente. Entretanto, a distinção de cada um dos conceitos que formam a unidade é necessária já que, obviamente não são sinônimos: *Imagem e imaginário urbanos são manifestações de dupla mão,*

---

<sup>12</sup> *Um signo é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém* (NETTO, 1990, p. 56).

*ambos se referem à cidade como espaço físico e construído e como lugar que se individualiza naquele espaço* (FERRARA, 2000, p. 118).

Neste sentido, a imagem é um dado, uma informação caracterizada por um significado, um dado solidamente codificado: *é um código urbano e impõe uma leitura e fruição que estão claramente inscritos na cidade enquanto espaço construído* (FERRARA, 2000, p.118). Já o imaginário é um processo aberto e difuso que acumula imagens, estimulado por elementos (construídos ou não), *claramente identificado com o meio cotidiano urbano*. Corresponde à *necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação dos significados (...); suas produções não são únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por meio de um processo associativo (...)*. Por ele, a *imagem urbana de locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos do que em relação à imagem básica que lhe deu origem* (FERRARA, 2000, p.118).

Os moradores de um lugar utilizam-se de uma forma de percepção, de interpretação, e intervêm no espaço, apoiados na realidade cotidiana e nas especificidades da natureza cultural e simbólica. Assim, o urbano não pode ser previsto com exatidão porque é apenas uma possibilidade entre todas as que se apresentam.

Desse modo, a leitura da cidade é um exercício empírico e distante de qualquer plano normativo ou de uma metodologia prescrita, e suas categorias devem se referir a uma estratégia de legibilidade da experiência cotidiana que é muito particular e específica de cada lugar\*.

---

\* Na apresentação da qualificação dessa dissertação, a professora Dra. Lúcia Helena Sant'Agostino esclareceu que a pesquisadora procura a *lugaridade*. Tal *lugaridade* do bairro Cidade Aracy refere-se, de maneira geral, à angústia investigativa desta pesquisa.

### 3. TÓPICOS ESCOLHIDOS RELACIONADOS AO USO SOCIAL DO SOLO

---



Este capítulo tem a finalidade de abordar algumas questões específicas envolvidas nos processos de formação e na dinâmica intra-urbana típica de bairros como o Cidade Aracy. Tais questões são elementos participantes de um determinado conceito, cujo entendimento é preocupação desta pesquisa: o uso, mais especificamente, o uso social do solo.

### **3.1 Especulação Imobiliária e Segregação Urbana**

---

*O solo e suas benfeitorias são, na economia capitalista contemporânea, mercadorias* (HARVEY, 1980, p. 135). Entre as várias conceituações sobre o solo enquanto mercadoria existe uma em especial, pertinente ao estudo do uso social do solo: o solo e as benfeitorias têm usos diferentes e numerosos que não são mutuamente exclusivos para o usuário. Uma casa, por exemplo, pode ser usada simultaneamente de modos diferentes propiciando, entre outras coisas, abrigo, privacidade e relações de vizinhança; pode apresentar características físicas, sociais e simbólicas (*status*); proximidade de fontes de poluição, de congestionamento, de crime, risco, discriminação, etc.<sup>13</sup> (HARVEY, 1980).

A especulação imobiliária, fator determinante da estruturação urbana da maioria dos espaços das cidades atuais, diretamente relacionada aos valores de uso do solo, ditou as regras de ocupação do bairro escolhido para a pesquisa aqui apresentada. Para o entendimento da interferência especulativa do caso específico do bairro Cidade Aracy é necessário apontar alguns conceitos sobre o tema.

As operações econômicas direcionam o crescimento das cidades e são específicas de cada lugar. Os critérios imobiliários variam de acordo com os

---

<sup>13</sup> Segundo o autor, todos esses usos, quando tomados juntos, constituem o valor de uso da casa para seus ocupantes. Cada indivíduo e grupo determinarão, diferentemente, o valor de uso. *Os valores de uso refletem um misto de necessidade e reivindicações sociais, idiosincrasias, hábitos culturais, estilo de vida e similares, que não são arbitrariamente estabelecidos pela "pura" soberania de consumidor (...) é particularmente importante para entendimento do que acontece nesses momentos ter em mente as características muito especiais tanto do solo como das benfeitorias de que o solo é possuidor* (p. 136).

interesses públicos e privados sobre determinada área. Dessa maneira, a localização, o valor e o preço da terra urbana são variáveis co-dependentes e estão sujeitas, principalmente, aos interesses econômicos: *o impulso que leva à produção de shoppings centers, hipermercados e cidades novas é a tentativa do capital de produzir e transformar as localizações em mercadorias* (VILLAÇA, 2001, p. 72).

Uma análise interessante sobre o valor do uso do solo, sobre determinado lugar, é a de VILLAÇA (2001) sobre "o ponto": *A expressão 'ponto' é extremamente feliz (...) Mostra que 'passar o ponto' significa pagar algo, não pelo terreno, não pela edificação, não pelas suas instalações. Não é também um aluguel. Paga-se o que? Paga-se a localização, sem adquiri-la, porém. É uma espécie adicional de localização para quem não vai comprar o terreno* (p. 74). Assim, "o ponto" é o valor de uso produzido pelo trabalho coletivo e concretizado na construção da cidade.

Demonstrando que cada lugar tem sua história especulativa específica, pesquisas sobre especulações imobiliárias de favelas como as do Rio de Janeiro estão tomando fôlego e ganham espaço, embora que ainda timidamente, em discussões levadas à sociedade através dos meios de comunicação. Por exemplo, no jornal A Folha de São Paulo (CORREA, 2002), uma reportagem sobre a invasão da especulação imobiliária nas favelas trouxe a tona uma pesquisa do IPPUR\* que constatou, entre outros fatos, que em meio à livre concorrência, o imóvel irregular pode ser mais caro do que no mercado formal do centro ou do subúrbio.

A questão da especulação também está envolvida no conceito de segregação urbana e ilegalidade, ambos correntemente relacionados à pobreza urbana. Segundo LAGO (2003), aparecem na cena acadêmica e política, como espaços representativos desse universo, as favelas, as periferias metropolitanas e os loteamentos (estes dois últimos apareciam, nos anos 70 e 80, como a expressão maior dos problemas urbanos).

---

\* Instituto de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, RJ.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

O mercado imobiliário dissemina diferentes lógicas de produção dos espaços. Na luta pelo direito de consumir, as periferias expandem-se através do mercado de lotes, *como locus privilegiado da carência e da ilegalidade* (LAGO, 2003). Tal luta gera um conflito, uma vez que os modos de integração ao urbano e, conseqüentemente, ao mercado, numa sociedade crescentemente desigual, suscitam um modelo de estruturação espacial segregador e reprodutor, na esfera do consumo, das desigualdades de classe.

LAGO (2003) afirma que, em casos brasileiros, a omissão do poder público tanto no que se refere à regulação do uso do solo quanto aos investimentos em equipamentos e serviços, garante o baixo valor da terra e, por isso, a difusão da propriedade. No caso, é pertinente definir que o "loteamento", independentemente de sua situação jurídica, caracteriza-se pela existência de um mercado e pela presença de um agente econômico responsável pelo empreendimento. Nesse sentido, o produtor da ilegalidade na periferia é o agente econômico (o loteador) e o Estado, por omissão.

Nos anos 90 começaram a se difundir novas formas de aquisição de lotes pelas camadas de baixa renda, onde o loteador passou a ter um papel de gerenciador no processo de ocupação ilegal de uma gleba a ser apropriada por um grupo de pessoas. *Há um "acordo" entre o loteador e os futuros moradores no que se refere à não titulação da propriedade e ao não cumprimento das exigências urbanísticas* (LAGO & RIBEIRO, *apud* LAGO, 2003)<sup>14</sup>.

No que tange a segregação urbana, algumas análises revelam que se trata de um processo fundamental para a compreensão da estrutura espacial intra-urbana onde são criados sítios sociais particulares. Para LOJKINE (1981) *é uma manifestação da renda fundiária urbana, um fenômeno*

---

<sup>14</sup> GASPAR (2000) fez um estudo, na cidade de São Carlos, sobre o bairro Antenor Garcia, vizinho ao Cidade Aracy. Coerentemente com essa discussão e sobre sua área de estudo, o pesquisador afirma que *30% de um total de 1654 lotes com dimensão de 6X25 m, foram doados aos moradores de maneira aleatória. A característica no processo de doação mostrou que, para cada lote doado, intermeávam-se dois lotes vazios. Os moradores, denominados **ocupantes**, passaram a ter o compromisso de realizar a manutenção desses lotes vizinhos. Suas casas, em sua maioria de dois cômodos, foram construídas por processo de mutirão* (p. 6).

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

*produzido pelos mecanismos de formação dos preços do solo, estes, por sua vez, determinados pela nova divisão social e espacial do trabalho* (p. 166).

Para VILLAÇA (2001), existem segregações urbanas das mais variadas naturezas. No caso da segregação de classes sociais, o autor afirma que se trata de um processo segundo o qual diferentes classes sociais ou camadas tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões ou conjuntos de bairros. O mais conhecido padrão de segregação no caso do Brasil é o centro-periferia. *O primeiro dotado da maioria dos serviços urbanos, públicos e privados, ocupado pelas classes de maior renda. A segunda, subequipada e longínqua, é ocupada predominantemente pelos excluídos. O espaço atua como um mecanismo de exclusão* (p. 143).

Segundo o autor, as camadas populares, perdendo a proximidade ao centro, disputam lugares e vantagens em outras áreas e, *nessa disputa, novamente há vencedores e derrotados* (p. 234). Os derrotados vão buscar sobrevivência nas inúmeras formas de subemprego e emprego informal ocupando a região mais imprópria da cidade. Dessa forma, o espaço intra-urbano sofre a interferência e é estruturado a partir de uma relação de dominação dos interesses do consumo. Completando esse raciocínio, GOTTDIENER (*apud* VILLAÇA, 2001) afirma que *a produção do ambiente construído ocorre através do processo pelo qual o conjunto inteiro das estruturas EPI (economia, política e ideologia) articula-se com essa unidade espacial* (p. 331).

Estas considerações são de extrema importância à pesquisa. Muitas são as abordagens de tais questões, principalmente porque, em meio aos problemas urbanos, a especulação imobiliária, "indústria" geradora de conflitos sociais advindos de seu poder de "organizar" a cidade, ainda produz inúmeros espaços degradados e residuais\*, loteamentos irregulares, ocupação de áreas de risco. É um mecanismo que toma força na medida em

---

\* No item a seguir estes conceitos serão comentados e definidos segundo o escopo da pesquisa.

que o abuso de poder político impera nas cidades. O bairro estudado nesta pesquisa teve sua origem calcada em atitudes políticas e interesses eticamente duvidosos. No caso específico da implantação do Cidade Aracy este elemento (abuso de poder político) requer abordagem cuidadosa. Considerações sobre a atividade política da época e sobre o loteador, são conteúdo do Capítulo 5 desta dissertação.

### **3.2 A Degradação Ambiental e a Urbana**

---

Como justificativa de escolha do objeto de estudo, a degradação é um termo que merece distinção. Em FERREIRA (1988), encontra-se a seguinte definição para o termo: *deterioração, desgaste, estrago*. Mas, cabe aqui, diferenciar e caracterizar a degradação ambiental e a degradação urbana.

Considera-se, neste trabalho, a degradação, ambiental e a urbana, processos desencadeados pela ação do homem sobre seu meio vivido. Os chamados processos de dinâmica superficial, tema estudado, principalmente, por geólogos e geotécnicos, não são de relevância ao intuito da pesquisa, embora, no lugar estudado, exista erosão e assoreamento em agressivo estágio de evolução.

A degradação ambiental evidente, existente no bairro, foi o ponto de partida para o direcionamento do foco da análise do uso social do solo. As erosões são facilmente observadas pelas fotografias aéreas, em diversas épocas. O processo erosivo agravou-se, obviamente, com a implantação do loteamento (imprópria ao relevo e às características do solo) e, com a ocupação intensiva<sup>15</sup>. Aqui, considera-se a degradação ambiental e a degradação urbana, peculiares do lugar, elementos importantes ao entendimento da relação dos moradores com o bairro.

---

<sup>15</sup> DOZENA (2001) afirma que, no bairro Cidade Aracy, de 1991 a 1999, houve um crescimento na ordem de 600 vezes (de duas moradias, em 1991, a 1200 em 1999).

A degradação ambiental, assim como a urbana, pode ser causada pelo uso impróprio do solo, como já foi dito, e este fato é considerado, segundo alguns pesquisadores, um reflexo do modelo econômico atual, onde impera a especulação imobiliária. Neste sentido, a exploração do solo urbano fica à mercê dos interesses privados dos donos das terras, ao lucro imediato dos incorporadores e à ineficiência das políticas públicas.

CAMPOS (2000) pesquisou os paradigmas da educação ambiental, onde abriu uma discussão sobre a degradação ambiental, entrevistando vários educadores e estudiosos do assunto. Em seu texto, a pesquisadora aponta: *Ao abordar a origem da crise ambiental, a maioria dos professores deste grupo indicou o modelo econômico da sociedade moderna, o modo de produção em que nós vivemos, como a principal causa da degradação ambiental. A falta de vontade política para a recuperação da degradação ambiental, o lucro e a submissão das políticas públicas aos interesses privados apareceram como elementos determinantes da crise ambiental* (p. 103).

A degradação urbana está inserida no contexto da degradação ambiental. Por ser mais específica e por ter seu foco mais próximo do urbano, este fenômeno é entendido como um elemento conseqüente da crise da cidade. Esta crise está relacionada ao impacto da vida diária sobre as cidades; a evolução da sociedade, o ritmo irreversível de transformação do espaço, as migrações, a verticalização, a competitividade dos mercados de trabalho, a tecnologia e inúmeras outras causas e agentes catalisadores da instabilidade urbana são os provedores dessa crise.

Para FERRARA (2000), *a degradação urbana é estrutural, faz parte do processo de metropolização e é necessário entendê-lo a fim de que a riqueza dessa informação não se perca no caos e seja traduzida como crise. (...) caos ou complexidade são, hoje, outros nomes para as transformações radicais contínuas e imprevisíveis que atingem o cotidiano, aí incluído os fenômenos urbanos* (p. 178).

Levando em conta estes aspectos citados pela autora, defini-se a degradação urbana como os espaços que *degradam o visual urbano*. FERRARA (2000) denomina tais espaços como residuais: *o espaço residual é uma sobra física e correspondente a um pedaço desnecessário à cidade e o paradoxo está em ser conseqüência incontornável; quanto mais falta espaço, maior é a quantidade de espaços residuais, ou seja, corresponde a um impasse entre funcionalidade e visibilidade urbana* (p. 179).

Um exemplo bastante comum deste tipo de espaço residual ou de degradação urbana é o vazio urbano. Este tipo de espaço residual pode tomar diversas formas, não só a do terreno baldio inserido no centro comercial de uma cidade. Pode também se apresentar na forma de praças, centros esportivos ou culturais abandonados, descaracterizados, espaços que não estão adequados ao lugar, que não se adaptaram às necessidades de seus supostos usuários ou que perderam sua identidade, sua funcionalidade e, conseqüentemente, impactam a visibilidade local.

As intervenções urbanas interagem com a vida cotidiana e com o ritmo inconstante de transformações da cidade. Tais intervenções trazem informações, alterando ou induzindo os hábitos, os marcos de referência visual, alterando, conseqüentemente o uso, requalificando ou, no caso de operações mal sucedidas, descaracterizando o lugar<sup>16</sup>. Neste sentido, é oportuno salientar a seguinte conclusão: *(...) não há intervenção urbana impune (...). Esta impunidade está relacionada à imprevisibilidade sobre as alterações de comportamentos provocadas(...)* FERRARA (2000, p. 179).

No caso do bairro pesquisado, como também nos inúmeros loteamentos periféricos destinados à população de baixa renda, a degradação ambiental e a urbana se mesclam. A degradação é evidente aos olhos e aos outros sentidos

---

<sup>16</sup> Em SANT'AGOSTINO (2001) encontram-se análises de lugares que foram interpretados pelos usuários de maneira oposta ao intuito do projeto. Num dos casos estudados, a Praça da Paz Mundial na cidade de Bauru, SP, o desvio do sentido do projeto deu margem à conflitos sociais, marcados pela insatisfação dos moradores das imediações que interpretaram a praça "como verdadeiro espaço privado e "doméstico", confundiram a "praça" com "jardim".

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

do observador. Trata-se de um lugar propício à degradação ambiental, no sentido da topografia e do tipo de solo; um lugar onde foi implantado um loteamento que, devido às suas características estruturais, à adaptação das pessoas que encararam a vida no lugar e ao intuito do loteador, tem na degradação urbana uma de suas principais características.

### 3.3 Cotidiano

---

Já foi bastante enfatizado, no transcorrer desta pesquisa, a preocupação em se compreender a inter-relação espaço-social, através do aprofundamento, do foco sobre a hipótese (já defendida por muitos estudiosos) da existência de um efeito do espaço sobre o social. LEFEBVRE<sup>17</sup>, neste sentido, afirma: *O espaço e a organização política do espaço expressam relações sociais, mas ao mesmo tempo reagem de volta sobre estas.*

O cotidiano pode ser definido, resumidamente, como atividades que regem a vida urbana. O universo cotidiano apresenta as práticas diárias dos cidadãos, o convívio entre as distintas funções e ações urbanas como morar, trabalhar, passear, comprar, conviver, circular. Os espaços que acolhem estas atividades devem estabelecer com elas relações de compromisso e aliança (JACOBS, 2001).

Diante desta preocupação, surge a dimensão espacial do cotidiano, um conceito definido por SANTOS (2002) e de extrema importância nesta pesquisa. Este conceito vem à tona, uma vez que o "cotidiano" está relacionado à ação humana<sup>18</sup>. Tais ações resultam de necessidades diversas conduzindo o homem a agir, a se relacionar, a transformar e a intervir na sua história e no seu espaço.

Dessa forma, entender o cotidiano supõe apreender a relação entre espaço e movimentos sociais. Portanto, o entendimento do cotidiano torna-se uma

---

<sup>17</sup> *apud* VILLAÇA, 2001, p. 46.

<sup>18</sup> *Mas a ação humana não é exclusivamente uma ação racional. Weber já o havia dito em "Economia e Sociedade" quando enumerou as suas quatro formas básicas: ações racionais por via do instrumento, racionais pelo valor, tradicionais e afetivas (...). A ação é o próprio homem. Só o homem te ação, porque só ele tem objetivo, finalidade* (SANTOS, 2002, p. 81-82).



conseqüência nesta pesquisa: ele faz parte desta relação que é a angústia investigativa aqui desenvolvida. Não obstante, enfatiza-se que não é relevante para a pesquisa discutir as filosofias e idéias existentes sobre o "cotidiano". Pretende-se demonstrar que as ações humanas sobre o espaço físico podem ser abordadas de diversas formas, mas as questões do cotidiano e da convivência podem retratar o uso de um determinado lugar e por isso é um elemento de análise complexo e significativa.

Considera-se que no lugar o cotidiano é palco de situações paradoxais, envolvidas no processo de relacionamento entre os seus usuários. Parafraseando SANTOS (2002), existe um confronto entre organização e espontaneidade neste palco. Seguindo neste raciocínio, o autor avalia o lugar *um quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, e, também, o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e da criatividade* (p. 322).

Ressalta-se aqui o que foi colocado na introdução deste capítulo: a importância de se tratar tais temas, merecedores de distinção, para se entender as questões que fazem parte do universo do uso social do solo. Para tal, entende-se que o cotidiano, específico de cada lugar, é qualificado pelo uso que se faz de um espaço particular.

### **3.3.1 Vizinhança**

---

*O espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual.*

Milton Santos

Levando em consideração a análise da vida cotidiana, o papel da vizinhança surge na intenção de se compreender o uso social do solo.

Neste ponto, estão inseridas questões relacionadas à socialidade, à proximidade entre as pessoas que dividem um mesmo lugar, um mesmo bairro.

Através da *práxis*, reveladora do cotidiano, as relações de reciprocidade entre os sujeitos e seu meio vivido criam fenômenos e manifestações sociais diversas. No caso do objeto de estudo desta pesquisa, acredita-se na hipótese de fenômenos particulares de proximidade, de manifestações específicas nas relações entre vizinhos. Por ser um lugar onde o espaço ou o solo urbano habitável é restrito, pelas diversas barreiras físicas, sociais e econômicas, complicando, teoricamente, a prática das funções urbanas mais básicas, pode-se desvendar ali, uma espécie de "pressão humana"<sup>19</sup>, *resultado da acumulação crescente dos homens em espaços limitados, como um fator de mudança qualitativa e rápida das relações sociais no mundo contemporâneo* (SANTOS, 2002, p. 320).

Conceituar "vizinhança" é adentrar ao universo do uso, trazendo à tona o senso de comunidade, de relacionamento entre os usuários de um espaço físico e psicológico. Tal espaço engloba desde o "micro-espaço" da casa até o "macro-espaço" do lote ou da rua, e a possibilidade de estabelecimento de relações interpessoais nestes ambientes (MARTINS; MOURA, 2003).

Faz-se aqui um breve parêntese, pois se considera válido o que, em outro parâmetro de estudo, significa o conceito "unidade de vizinhança", muito estudado atualmente. Trata-se de um conjunto de idéias que teve sua origem no início do século XX, para o plano de Nova York, e que foi importado pelo Brasil no início da década de 1950. A mais expressiva aplicação deste conceito no país foi a elaborada na construção de Brasília. Resumidamente, este conjunto de idéias caracteriza-se por uma área residencial, disposta de relativa autonomia com relação às necessidades cotidianas de consumo de bens e serviços urbanos (BARCELLOS, 2000). Uma das principais preocupações nas concepções deste

---

<sup>19</sup> Em relação ao termo "pressão humana", SANTOS (2002, p. 320) coloca como referência estudos de Teilhard de Chardin.

conceito refere-se à recuperação dos valores da vida social na proximidade (relações de vizinhança) considerados perdidos após as transformações espaciais, ocasionadas pelos processos sócio-econômicos pós Revolução Industrial.

Voltando ao caso estudado nesta pesquisa, é interessante relacionar o conceito de Unidade de Vizinhança, utilizado em planos e projetos urbanos, ao projeto elaborado para o loteamento Cidade Aracy. Fica clara, através da observação da planta original do loteamento, a exclusiva preocupação dos empreendedores no lucro e no custo da implantação do loteamento num curto e longo prazo, em detrimento da socialidade e da convivência dos moradores, da *urbanidade*<sup>20</sup> do lugar.

É desafiador pensar o cotidiano, as relações de convivência entre vizinhos em um lugar projetado para papéis, não para pessoas. Olhando a planta e já tendo visitado o lugar, é mais fácil entender a transformação do bairro no processo de adaptação dos moradores ao projeto. Entende-se, através da "incrível" distribuição dos lotes de 10x25m em quadras de 200x50m sobre um terreno impróprio a qualquer tipo de construção, a paisagem hoje, "assumida" pelo lugar.

As relações de vizinhança no bairro estudado foram analisadas através das entrevistas e da observação do cotidiano local. Vale lembrar da diversidade de repertórios culturais convivendo no mesmo lugar, o que possibilita supor existir uma certa individualidade, uma necessidade maior de delimitação do público e do privado. Estas suposições são exploradas nos Capítulos 6 e 7, mais adiante.

---

<sup>20</sup> Este conceito é trabalhado por Jane Jacobs em seu livro "Morte e Vida de Grandes Cidades". Para a autora, o grau de *urbanidade* de uma cidade, metrópole ou de um bairro está relacionado ao grau de *vitalidade urbana* ali presente. Assim, a eliminação da *urbanidade* se dá através de maus projetos. Como exemplos de elementos físicos construídos nestes maus projetos pode-se destacar: monofuncionalidade (ausência de diversidade funcional); ruas mal iluminadas; calçadas desprovidas de qualidades mínimas; quarteirões muito longos; falta de definição precisa entre espaços públicos e privados; excesso de espaços residuais (JACOBS, 2001).

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

## 4. ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE

---

Esta pesquisa apresenta como uma de suas bases, a possibilidade de se diagnosticar, coerentemente com a realidade, a dinâmica que determina os problemas e as potencialidades de uma cidade. Este diagnóstico fundamenta-se no entendimento do processo de formação do uso específico de um lugar ou território urbano, e na interpretação da forma espacial ali adquirida no decorrer de sua história.

## **4.1 Técnicas de Análise e Investigação do Objeto de Estudo**

---

Será sempre lembrado, neste trabalho, que se defende a proposição da integração de técnicas de investigação espacial com métodos de análise de fenômenos sociais. Para se esclarecer a intenção, a seguir serão descritas as técnicas utilizadas no desenvolvimento do trabalho, as possibilidades, limitações e dificuldades encontradas e algumas experiências e trabalhos desenvolvidos que integram, de diversas maneiras, ferramentas como Sistemas de Informação Geográfica a métodos de análise do uso social do ambiente urbano.

### **4.1.1 Ferramenta SIG**

---

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma ferramenta denominada Sistemas de Informação Geográfica. No SIG desenvolvido para o município de São Carlos, foram georreferenciadas fotografias aéreas e imagens orbitais, digitalizadas informações e vetores de crescimento e foi construído um banco de dados sobre o objeto estudado (figura 2).

SIG é uma ferramenta designada ao gerenciamento de dados espaciais e descritivos. A maior parte dos SIG aplicados ao espaço urbano visa dar suporte às administrações públicas, onde a necessidade de análise de dados como características físicas, sociais, culturais e econômicas são fundamentais. Os SIG são utilizados por profissionais de diferentes disciplinas (geografia, planejamento urbano, engenharia, processamento de dados, arquitetura,

ciências ambientais, entre outras) e de diferentes ramos de atividades, pois se apresenta como uma importante ferramenta para obtenção de informações e tomada de decisões.

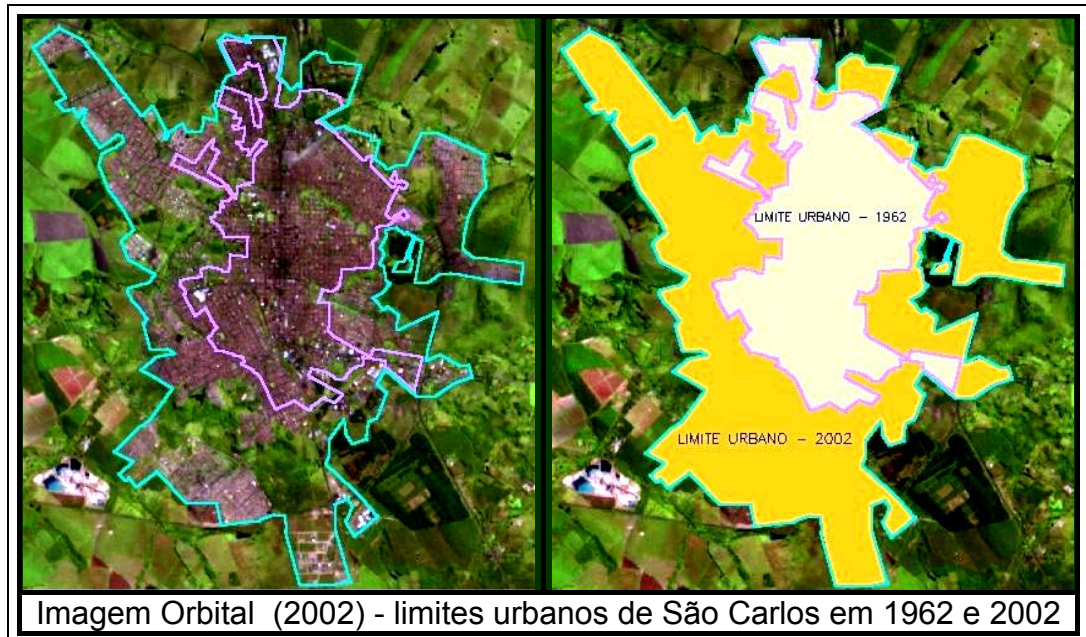


FIGURA 2 - Digitalização sobre Imagem Orbital  
 FONTE: DUPAS, F.A; RÖHM, S.A. (2002)

CÂMARA (2002) descreve SIG como sistema de informação construído especialmente para armazenar, analisar e manipular dados geográficos, ou seja, dados que representam objetos ou fenômenos em que a localização geográfica é uma característica inerente e indispensável para tratá-los.

Um SIG armazena a geometria e os atributos dos dados que estão georreferenciados (localizado na superfície terrestre e representados numa projeção cartográfica).

As principais características do SIG são: (CÂMARA, 2002)

1. Inserir e integrar, numa única base de dados, informações espaciais provenientes de dados cartográficos, dados censitários e cadastro urbano e rural, imagens de satélite, redes e modelos numéricos de terreno;

- Oferecer mecanismos para combinar as várias informações, através de algoritmos de manipulação e análise, bem como para consultar, recuperar, visualizar e imprimir o conteúdo da base de dados georreferenciados.

De modo geral, pode-se dizer que um SIG tem os seguintes componentes:

- Interface com o usuário;
- Entrada e integração de dados;
- Funções de processamento gráfico e de imagens;
- Visualização e plotagem;
- Armazenamento e recuperação de dados (organizados sob a forma de um banco de dados geográficos).

A interface consiste na interação entre o usuário e o sistema, atualmente expressa na forma de menus de comando (figura 3).

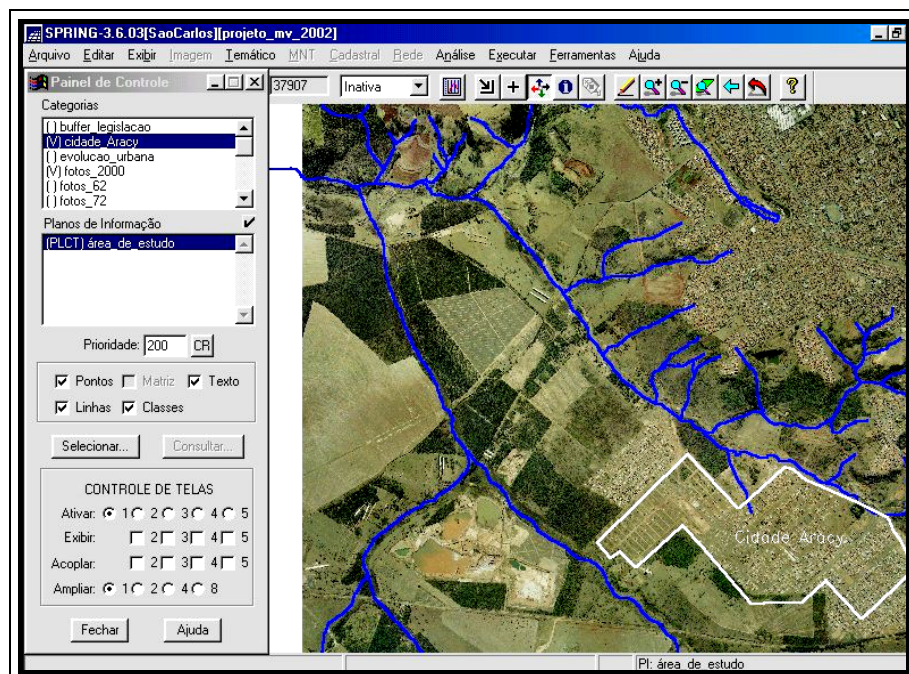


FIGURA 3 - Visualização da interface do SIG desenvolvido  
 FONTE: DUPAS, F.A.; RÖHM, S.A. (2002)

A entrada de dados refere-se às formas de aquisição de dados espaciais contidos em mapas, fotografias, imagens de satélites, dados de campo, dados digitalizados, etc (MOREIRA, 2001). Essa aquisição pode ser feita através do teclado, de digitalização em mesa, de *scanners* e de dados de outros meios digitais.

A visualização consiste na apresentação das informações relativas às consultas feitas ao sistema pelo usuário através do monitor, mapas digitais e analógicos, tabelas e gráficos.

Nos mapas gerados podem ser citados os mapas temáticos e cadastrais. Para CÂMARA (2002), nos mapas temáticos são visualizadas regiões geográficas segundo os valores relativos a um tema, resultado de funções de análise e classificação de dados não correspondentes a elementos identificáveis do mundo real. Já os mapas cadastrais apresentam os objetos identificáveis no meio real, com atributos associados à localização dos mesmos.

Uma característica que distingue o SIG é a habilidade de integrar informações de diferentes fontes e níveis de responsabilidade na organização. Essa habilidade permite integrar fatores sociais, econômicos e ambientais no processo de tomada de decisões, possibilitando planejar a região de uma maneira que garanta seu desenvolvimento adequado.

Para MENDES (2001), o SIG se insere como uma ferramenta que tem a capacidade de manipular as funções que representam os processos ambientais, em diversas regiões de uma forma simples e eficiente, permitindo uma economia de recursos e tempo. Estas manipulações permitem agregar dados de diferentes fontes (por exemplo: imagens de satélite, mapas topográficos, mapas de solos, etc) e diferentes escalas. O resultado destas manipulações, geralmente, é apresentado sob a forma de mapas temáticos com as informações desejadas.



Segundo QUEIROZ (1996), devido à capacidade dos SIG de atualizar, analisar e apresentar dados espaciais de forma eficiente, de modo compacto e que podem ser acessados rapidamente, o interesse por essa tecnologia na área de planejamento está muito difundido.

É essencial que se entenda que o SIG é um meio, uma ferramenta. A determinação das metas a serem atingidas, às quais o SIG deverá dar suporte, precede a sua implantação.

Desta forma, um SIG apóia as tomada de decisões, permitindo integrar informações de diferentes atividades, escalas e origem disciplinar a fim de propor soluções para o planejamento das cidades, através de um maior entendimento da relação entre o meio físico e o social.

#### **4.1.1.1 Análise Multitemporal**

A análise multitemporal teve a função de direcionar o foco da análise social a um lugar relevante, que incorporasse características físicas e sociais interessantes ao aprofundamento de estudo. Através do SIG desenvolvido para São Carlos e do Sensoriamento Remoto<sup>21</sup> foi possível analisar o ambiente urbano em várias épocas, com o enfoque nas áreas degradadas ambientalmente.

Como exemplo da análise multitemporal, a figura 4 expõe uma das áreas analisadas visualmente através do sensoriamento remoto e do SIG. Pode-se observar na área como ocorreu a evolução da estrutura urbana no intervalo de tempo de 36 anos. Este tipo de análise serve como base fundamental ao estudo social. Pode-se obter daí inúmeras informações necessárias ao entendimento da dinâmica de uma sociedade como, por exemplo, o interesse

---

<sup>21</sup> O sensoriamento remoto é útil para avaliar o comportamento multitemporal dos vários elementos presentes no ambiente terrestre, entre eles o monitoramento ambiental. NOVO (1989) define sensoriamento remoto como “a utilização de sensores para aquisição de informações sobre objetos ou fenômenos sem que haja contato direto com eles”.

do mercado imobiliário especulativo em certas áreas assim como políticas urbanas e Leis afetam o desenvolver do meio urbano.

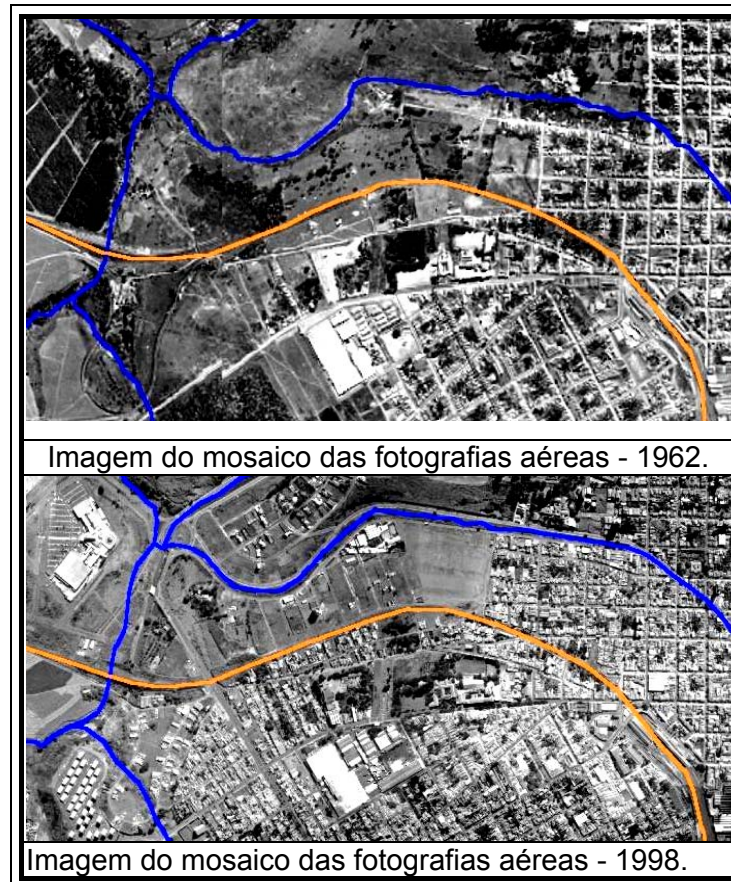


FIGURA 4 - Análise multitemporal de uma área na cidade de São Carlos  
 FONTE: DUPAS, F.A.; RÖHM, S.A. (2002)

A partir da detecção visual de áreas degradadas na cidade, foi escolhida, no decorrer das décadas analisadas, uma das áreas cujo processo de degradação se mostrou mais evidente e agressivo devido a evolução da ocupação urbana.

Desta maneira, para a pesquisa apresentada, a análise multitemporal direcionou a escolha de uma a área interessante para aprofundamento de estudo, através da análise dos aspectos físicos relacionada às características sociais, colaborando no entendimento do processo de produção de um espaço urbano específico. Com esta base técnica fundamental, pode-se construir as

pontes necessárias à integração das análises com o estudo do uso social do solo, utilizando os materiais e documentos adquiridos sobre o lugar e integrando a estes o estudo da percepção dos usuários.

A partir daqui, serão apresentadas as estratégias metodológicas escolhidas para o estudo do uso social do solo. A análise multitemporal direcionou a pesquisa a uma área específica: o bairro Cidade Aracy. A justificativa desta escolha será descrita mais adiante.

#### **4.1.1.2 Sistemas de Informação Geográfica e Análise Social**

O Sistema de geoprocessamento utilizado neste trabalho é o SPRING (Sistema de Processamento de Informações Georreferenciadas). É desenvolvido com tecnologia totalmente nacional e possui características que agilizam o processo de geoprocessamento.

O SPRING é um conjunto de ferramentas voltadas à coleta e tratamento de informações espaciais, além da geração de saídas na forma de mapas convencionais, relatórios, arquivos digitais, e outros, devendo prover recursos para armazenamento, gerenciamento, manipulação e análise de dados (PONS, 2002). No entanto, os problemas do espaço físico e social são muito complexos para serem modelados através de dados espaciais e descritivos bem definidos. Em um problema real de análise do espaço urbano, na maioria das vezes os dados são subjetivos (qualitativos, imprecisos).

Não obstante, num projeto de análise social, o SIG possui capacidade de análise a partir de correlações espaciais, temporais e topológicas referentes ao relacionamento entre as partes. Desta forma, uma análise qualitativa de um fenômeno social multidimensional é um complemento necessário ao universo puramente quantitativo dos indicadores sintéticos numéricos.

Existem trabalhos e pesquisas que utilizaram o geoprocessamento para o tratamento de dados sócio-econômicos e para caracterizar a condição de

vida dos cidadãos gerando, como resultado final, um instrumento de auxílio estratégico para o direcionamento de Políticas Públicas.

SPOSATI (1996) elaborou juntamente com pesquisadores e instituições<sup>22</sup> um relatório que caracteriza a dinâmica social dos anos 90, tomando a cidade de São Paulo como objeto de estudo produzindo inúmeros mapas temáticos. O produto final, intitulado "Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo", vem sendo retomado e atualizado de acordo com a análise do movimento de algumas variáveis e índices. Estes resultados permitiram a análise da dinâmica social e da qualidade ambiental incorporando o espaço sob novo tratamento matemático-computacional, em um SIG.

Percebe-se no trabalho em questão que a articulação de áreas do conhecimento e de tecnologias diversas está focada na questão do entendimento e diagnóstico dos problemas sociais urbanos de São Paulo. No relatório a coordenadora (SPOSATI, 1996) confirma tal idéia: *os novos recursos aqui utilizados e o espectro interdisciplinar da equipe alçam a radiografia de São Paulo para uma nova linguagem geo-social que estamos qualificando como topografia social. Ele é uma perspectiva transdisciplinar entre a abordagem sociológica e as técnicas da análise espacial* (p. 06).

Um outro método de análise social, em desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais e em parceria com a Universidade de Michigan (EUA), merece destaque nesta exposição. O enfoque geral do projeto, *Social Hubble*, está na possibilidade de, através da observação do ambiente urbano visto do espaço, revelar a realidade sociológica em que vivem os usuários. É claro que o processo de análise é complexo e deverá ser dividido em diversas etapas e entre pesquisadores de várias áreas do conhecimento (ROCHA, 2002).

---

<sup>22</sup> Núcleo de Estudos e Pesquisas em Seguridade e Assistência Social - NEPSAS – PUC/SP; Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE/Programa de Pesquisas em Geoprocessamento; Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais – PÓLIS.

O Social Hubble é uma pesquisa internacional que pretende levantar aspectos como desigualdades sociais, qualidade de vida, trabalho, cultura cívica, associativismo, religiosidade e criminalidade, em cinco países. A Região Metropolitana de Belo Horizonte é uma das cinco do mundo a ser estudada, com aplicação prevista de questionários em 1.200 residências. A seleção dos entrevistados é feita por amostragem probabilística e inclui bairros, vilas, favelas e condomínios de alta renda. Além da capital mineira, serão pesquisadas simultaneamente as cidades de Varsóvia, na Polônia; Beijing, na China; Cidade do Cabo, na África do Sul e Detroit, nos Estados Unidos.

Segundo AGUIAR (2002), do departamento de Sociologia e Antropologia da FAFICH, que coordena o trabalho em Belo Horizonte, o chamado *Social Hubble* deriva de estudos sobre a cidade de Detroit, que vêm sendo feitos há 50 anos pelo *Institute for Social Research* (ISR), da Universidade de Michigan. Os idealizadores do projeto acreditam que os grandes problemas da civilização atual requerem abordagens interdisciplinares em uma escala global. *Um dos maiores ganhos que poderá advir do Social Hubble é a criação de uma ciência social de caráter genuinamente internacional*, diz a professora.

Nota-se que a produção acadêmica a respeito dos fenômenos sociais presentes nas cidades é grande e diversificada. Atualmente estão sendo desenvolvidas pesquisas na área da sociologia com o intuito de integra-la a da tecnologia digital, até mesmo a da inteligência artificial. Não obstante, o consenso deve permear a idéia de praticidade, de facilidade em se armazenar os dados, de atualizá-los, de analisá-los, de relacioná-los de maneira coerente com a situação real em qualquer tempo. Em planejamento urbano isto é essencial, uma vez que se necessita de respostas rápidas para tomadas urgentes de decisão.

## 4.2 Percepção Ambiental

---

Segundo del RIO (1999), *entende-se que percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos* (p. 3).

Deve-se compreender primeiramente que o desafio da Percepção Ambiental é entender a cidade como lugar de uso cotidiano. É uma estratégia metodológica que toma a cidade como informação e parte da premissa de que o ambiente urbano recorre dos impactos produzidos pelas relações (humanas; homem e natureza, usuário e cidade, etc).

Tal estratégia absorve várias etapas de pesquisa e de coleta de dados através do levantamento, da observação, da associação e da interpretação dos fenômenos sociais e dos aspectos físicos específicos de cada lugar ou objeto de estudo. Ou seja, a Percepção Ambiental relaciona-se com a cidade enquanto linguagem.

*"Ao lado dos estudos econômicos, sociais, tecnológicos e políticos, o estudo da percepção ambiental é exigido pela própria complexidade dos sistemas de representação do fenômeno urbano, que se apresenta como interdisciplinar na sua essência"*<sup>23</sup>. Portanto, procura-se cercar o objeto de estudo e compreendê-lo na sua complexidade para planejar e intervir em sua dinâmica.

Para possibilitar uma articulação coerente entre o que se observa na relação sujeito/objeto (usuário/cidade) e a teoria que fundamenta ou que torna viável uma análise correta da situação, é necessário definir os aspectos pertinentes à análise. Por exemplo, uma análise sobre a degradação geológica no contexto urbano (erosão, assoreamento, etc) pode ser bem fundamentada, além da parte técnica, com análises e estudos que levantem e demonstrem a evolução da ocupação territorial através de estudos sócio-econômicos mais

---

<sup>23</sup> FERRARA *in*: del RIO, OLIVEIRA (orgs.), 1996, p. 64.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

abrangentes. No entanto, essa análise não bastará se o estudo pretender demonstrar ou traçar possíveis impactos sociais\*.

O exemplo acima foi colocado para esclarecer que mesmo em situações aparentemente independentes do fator antrópico, a relação do meio com o usuário é determinante. Isso leva a crer que uma análise basicamente social no contexto urbano de qualquer localidade, necessitará de um estudo muito mais aprofundado sobre a relação sujeito/objeto. Exemplificando novamente: imaginando uma análise sobre os impactos sociais e ambientais de uma obra como o *'minhocão'* em São Paulo: no caso, é essencial que o pesquisador faça articulações entre as situações detectadas com uma teoria que fundamente o impacto existente<sup>24</sup>. Para isto, conta-se com o estudo da percepção ambiental, objeto de análise descrita aqui.

Num contexto global, onde impera o sistema capitalista, caracterizado de contradições, como foi demonstrado anteriormente (para que este se perpetue) qual é o efeito característico sobre um usuário de uma cidade periférica e subjugada pelo sistema? A metrópole do século XIX criou uma personagem símbolo da multidão, o *flâneur*. Que personagens típicas podem ser apontadas numa metrópole como a São Paulo dos dias atuais, tendo em vista as várias tendências de *'evolução'* propiciadas pelo sistema vigente?

Para se obter resposta a estas perguntas, deve-se considerar que as interferências, em qualquer conjuntura, são *multivetoriais*\*. Mas cada vetor tem sua particularidade, outras interferências específicas. Ou seja, dentro de cada vetor está o ser humano que dinamiza as relações e os fluxos de interferências.

---

\* O próximo item (4.4) tratará especificamente de articulações de análises.

<sup>24</sup> Sobre a percepção e os Impactos Ambientais: "Nos Estados Unidos, por exemplo, por influência destes estudos, o governo federal exige pesquisas de impacto ambiental que considerem a percepção e as expectativas da população, para aprovação de projetos ambientais de grande porte" (del RIO, 1999, p. XI).

\* Por exemplo, o contexto global interfere no modo de organização e de distribuição de renda locais, no grau de importância dos governos estaduais e locais, que interferem na direção do crescimento e desenvolvimento das cidades, que exerce influência sobre o crescimento do número de excluídos, interferindo no grau de marginalidade e de violência que definirá algumas tomadas de decisão dos governos locais e assim por diante.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

Esse mesmo ser humano é quem produz a cidade, é quem a consome; mas também é consumido e produzido pelo meio em que vive.

Estudos de percepção urbana apontam na imagem da cidade atual, uma noção de funcionalidade que preserva a estrutura de ordem urbana como objeto a ser consumido pelos seus espectadores, passageiros ou contínuos. Ou seja, a cidade se mostra como um cenário intencionalmente produzido para ser irracionalmente consumido. Portanto, a cidade se faz representar na civilização da imagem que comandou o século XX. (FERRARA, 1993a).

Não obstante, em qualquer análise, é valioso o questionamento (e não somente as respostas) que se propõe acerca de um determinado assunto. O que vale aqui, portanto, não é um caminho que permita sair das contradições da vida atual, mas sim uma demonstração do que pode ser mais seguro e profundo, para justamente chegar-se ao cerne destas contradições.

O estudo da percepção do homem acerca do meio em que vive, é palco de discussões e de algumas divergências<sup>25</sup>. Isto é compreensível, pois se trata de uma ciência que absorve teorias e métodos diversos. Não é de interesse deste trabalho descrever cada uma das abordagens sobre o assunto. A análise que será feita servirá para avaliar a coerência desse tipo de estudo dentro do contexto urbano, com um aprofundamento pertinente e não supérfluo, sobre teorias e conceitos englobados por essa ciência.

### **Uma panorâmica : “Percepção Ambiental”**

Apresentando um panorama da evolução e surgimento da percepção ambiental, começa-se dizendo que a maior parte dos trabalhos desenvolvidos na Geografia e em ciências afins nos anos sessenta e no início dos anos setenta, era direcionada por, basicamente, duas correntes ou orientações epistemológicas: a dos neopositivistas (qualificação, sistematização e

---

<sup>25</sup> Del RIO (1999, p. 10) argumenta: *"(...) as especificidades dos estudos da percepção ambiental, seu surgimento relativamente recente e sua interdisciplinaridade, fazem com que não haja uma metodologia ou sequer um instrumento de medição que possa ser tido como o mais indicado"*.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.



racionalização) e a dos neomarxistas. Ambas as correntes conduziam a uma abstração e teorização excessivas. A necessidade de entrar em contato com a realidade e de entender os processos de formação de novos espaços fez com que surgisse um grande movimento nos anos setenta denominado “Geografia Humanística”. O desenvolvimento e a consolidação dessa linha de pesquisa contou com contribuições significativas a partir do final do século XIX.

Entre tais contribuições, destacam-se as idéias de John K. Wright<sup>26</sup> sobre o fato de que após ter explorado e mapeado quase todo o mundo, os pesquisadores deveriam voltar-se para a última e fascinante “terra incógnita” que os desafiava: a da “imaginação geográfica”, definida por Wright como “*Geosofia*”; pode-se também assinalar as contribuições do geógrafo Yi-Fu Tuan que publicou estudos desde o início dos anos setenta com novos conceitos, fundamentais para a compreensão do ambiente.

Existem muitos outros teóricos que se lançaram no estudo da percepção ambiental, dando contribuições significativas para o desenvolvimento desta ciência. FERRARA (1993a,b,c), por exemplo, articula entre suas idéias, teorias sobre a Semiótica e Teoria Pragmática de Pierce e de muitos estudiosos do assunto como Umberto Eco, por exemplo. Desenvolveu inclusive uma metodologia de estudo através de interpretação de fotografias feitas pelos usuários da cidade.

O estudo da percepção ambiental chama atenção para o que é definido “*imaginário*” conceito já abordado anteriormente neste trabalho. Relembrando, o imaginário corresponde à prática social de atribuir significados a significados, ou seja, a prática social pela qual os significados passam a aglomerar imagens e a significar mais. Através dessa prática, pessoas, datas, espaços, fatos ou objetos podem incorporar significados extras e passam a constituir representações autônomas que desconhecem a prática social que lhes deu origem. (FERRARA, 2000).

---

<sup>26</sup> *Apud* FERRARA, 1993a, p. 254.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

GORELIK (2002) faz uma crítica às abordagens dadas ao imaginário urbano e social argumentando que se criou um mal estar em relação à conceituação e aplicabilidade de teorias envolvidas nos temas. O mal estar, segundo o autor, se caracteriza pelo seguinte: nunca se falou tanto de imaginários urbanos ao mesmo tempo em que o horizonte da imaginação urbana nunca esteve tão enclausurado na teoria e distante das práticas políticas e de planejamento. Assim, os imaginários urbanos são tratados atualmente como simples reflexão cultural (no geral, acadêmica) sobre as mais diversas maneiras em que as sociedades representam a si mesmas nas cidades e constroem seus modos de comunicação e seus códigos de compreensão da vida urbana; a imaginação urbana, tratada como dimensão de reflexão política de tomada de decisões, ainda não é difundida e aplicada como se argumenta em muitos trabalhos. O autor resume que a razão do mal estar se deve por duas razões: a primeira diz respeito às possibilidades de funcionalidade e de aplicabilidade operativa de certos estudos da percepção, e a segunda envolve a banalização de certos tópicos e argumentos existentes em estudos de imaginários urbanos, onde as intenções e justificativas se contradizem e até mesmo redefinem mecanismos ideológicos de manipulação.

Em contrapartida, uma das exigências metodológicas em uma pesquisa de percepção ambiental, para a sua aplicabilidade e funcionalidade, é a contextualização. Ela servirá para organizar as variáveis interferentes num contexto, a ponto de torná-lo específico e também para apreender o modo como se articulam tais variáveis, a ponto de permitir o aparecimento de usos e hábitos que dão ao lugar sua imagem característica.

A contextualização enquanto método, requer etapas fundamentais, descritas por FERRARA (1993c); enquanto atividade é reflexiva, no sentido de tornar inteligível o contexto e de constituir as regras de interferência e de funcionamento das variáveis detectadas. Sua importância em uma pesquisa de percepção ambiental é a possibilidade de superação de hipóteses genéricas,

sugeridas por um contato superficial com o ambiente concreto, pois possibilita explicar manifestações urbanas que, ocorrendo repetidamente em lugares diversos, permitem uma aproximação de lugares em um espaço mais concreto e real.

Cabe somar a essas considerações, que o estudo da percepção ambiental requer cuidados no seu tratamento além do exigido em estudos teóricos de abordagem social urbana (e estes já requerem muitos), pois envolve conceitos relacionados a interpretações da experiência humana relacionada à imagem da cidade e à representação urbana. Se estes conceitos não estiverem bem fundamentados e articulados com as outras escalas de estudo do ambiente urbano (genérica e específica, além da periodização) corre-se o risco de se obter conclusões abstratas, superficiais, ambíguas e incoerentes com a realidade.

Em *A cidade como Meio Ambiente* LYNCH (1977) aponta, entre outras coisas, as implicações humanas na cidade (no geral), entre elas a história, economia, organização física e social, problemas de comunicação, transporte, uso do solo e assim por diante. Além disso, o autor afirma que a forma física da cidade tem um *impacto sensorial* que condiciona profundamente a vida de seus habitantes e que esse fato é freqüentemente ignorado na tarefa da construção urbana.

Nas considerações do autor destacadas acima, percebe-se um grau de generalidade que não deixa de ser pertinente para a construção de um cenário, para uma ambientação necessária ou positiva num primeiro momento de análise mais específica do urbano. No entanto, esse tipo de argumento teórico não é o bastante para a orientação de um processo de conhecimento do objeto de estudo. O que se deve assinalar aqui é que LYNCH (e outros autores urbanistas) deixa explícito, em seus conceitos, a relação de co-dependência entre tudo o que é genérico e tudo o que pode ser específico dentro do contexto urbano.

A questão crucial agora é como traçar um caminho. De onde partir e para onde ir. Ou seja, torna-se essencial, nesta escala de abordagem, vislumbrar um caminho coerente para o desenvolvimento de um campo de articulações que possibilite a delimitação de uma situação específica, tendo em vista o que foi dito sobre a relação de co-dependência.

Desse modo, para se viabilizar a apreensão de situações urbanas é necessário 'mergulhar' na dimensão do espaço social partindo de uma visão panorâmica das situações para o entendimento das relações específicas entre os indivíduos participantes desse espaço, ou o caminho contrário também pode ser considerado, dependendo da definição do tema ou da problemática do estudo.

A estratégia defendida aqui, genericamente falando, é a de se fazer articulações, não só de problemáticas, de teorias, de informações empíricas, de períodos significativos na evolução e formação das cidades, mas também de escalas de abordagens desses estudos.

Portanto, não há meios de se compreender os valores ou os hábitos característicos de um determinado local, sem antes, compreender o processo de formação e de evolução (cultural, econômica, política e social) do lugar. E, conseqüentemente, não há como compreender ou entender todas estas informações coerentemente, sem antes compreender a conjuntura global e sua evolução no tempo e esta requer a fundamentação teórica, desde os clássicos até os contemporâneos<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> Em HARVEY (1980) existe uma citação muito oportuna de um clássico texto de Engels denominado *The Condition of the English Working Class in 1844*. Um trecho do texto do autor exemplifica uma preocupação e compreensão das interferências externas à vida dos usuários da cidade, no caso, Manchester: *"Eu sei muito bem que esse plano hipócrita é mais ou menos comum a todas as grandes cidades; eu sei, também, que os negociantes atacadistas são forçados, pela natureza de seus negócios, a tomar posse de grandes avenidas; (...) eu sei que o valor do solo é maior em sua proximidade do que em distritos menos remotos; mas ao mesmo tempo eu nunca vi tão sistemática separação da classe trabalhadora das ruas principais, com objetivo de ocultar tudo que possa afrontar os olhos e os nervos da burguesia, como em Manchester"*. (ENGELS apud HARVEY, 1980, p. 114).

### **4.3 Articulação de Análises**

---

Segundo GORELIK (2002) a crise das cidades foi acompanhada de uma crise das idéias para pensá-las, como um respaldo ao "destino" ditado pela economia de mercado como ideologia única.

CISNEROS (2002) afirma que, em diversos campos do conhecimento, os investigadores começaram a analisar as experiências do cotidiano de pessoas, procurando superar o buraco criado pelo paradigma convencional entre a ciência e a realidade das cidades. A investigação qualitativa é a interpretação e análise críticas das narrativas do cotidiano das pessoas no mundo real. Sob qualquer possível ponto de vista, cada disciplina ou área do conhecimento deveriam ser articuladas com o propósito de análise e interpretação. No México o autor diz que o objetivo desta articulação se concentra em integrar as análises focadas na saúde, na identidade social com subsídios técnicos e digitais de investigação.

Considerando as perspectivas sócio-demográficas de estudo, as articulações das interpretações promovem o estudo das atividades diárias, como a qualidade de vida e de saúde, além dos estudos formulados para elementos subjetivos que amoldam a relação entre população e meio ambiente. CISNEROS (2002) diz que a identidade social também é um padrão analítico que possibilita a articulação entre uma análise qualitativa estratégica (dos processos de apropriação de espaços, de formas de estruturação de vida diária e da relação entre espaço e identidades coletivas em áreas de moradia populares para trabalhadores) com Sistemas de Informação Geográfica através da representação de processos e fenômenos sociais como pontos, linhas e polígonos em mapas sociais, utilizando ferramentas como os softwares geográficos (IDRISI, SPRING, MapInfo entre outros) e GPS.

CISNEROS ainda ressalta que os métodos modernos de análise qualitativa permitem administrar, descrever e explorar dados complexos do mundo humano permitindo, ao mesmo tempo, criar e provar idéias e teorias

novas, como a construção e desenvolvimento de análises na esfera de *hipertexto*.

Portanto, buscar idéias para compreender os problemas e as potencialidades das cidades atuais sugere evoluir conceitos e minimizar pré-conceitos. Visões ingênuas, ambíguas, vagas, reproduzem-se num meio involuído, onde nada se articula, onde os limites são maiores do que o desejo de aprendizado. Num mundo imperado pelas contradições, não é de espantar que isso ainda exista atualmente, até mesmo num meio de produção de conhecimento. As crenças e tendências que envolvem o estudo do contexto urbano devem ser revistas, não fazendo aqui a defesa de um formalismo rígido, que reduza conteúdos e idéias.

O contexto global atual onde estão inseridas as culturas, a economia e a política características do sistema vigente requer não somente uma especial atenção sobre as variáveis da divisão do trabalho na sociedade, mas também sobre os estudos preocupados com a dinâmica social específica e única de cada lugar, buscando uma compreensão coesa de sua realidade. Ou seja, deve-se rebater especialização e alienação, imposta pelo sistema em vigor (para a perpetuação deste), com o esforço de articular diferentes escalas de análise absorvendo as informações necessárias no entendimento real e concreto das heterogêneas situações inseridas no objeto 'cidade', que está longe de ser estático ou inanimado.

Neste sentido, segundo DOWBOR (1995), os conceitos de reordenamento dos espaços e de "globalização" trazem uma visão simplificada de abertura e unificação dos espaços da reprodução social. O que está ocorrendo, diz DOWBOR, é uma nova hierarquização dos espaços, segundo as diferentes atividades, envolvendo tanto globalização como formação de blocos, fragilização do Estado-Nação, surgimento de espaços sub-nacionais fracionados de diversas formas, transformação do papel das metrópoles, reforço do papel das cidades, e uma gradual reconstituição dos espaços

comunitários desarticulados por um século e meio de capitalismo. Neste contexto, a economia se unificou na mesma medida em que desarticulou a sociedade.

O primeiro parágrafo da Introdução deste trabalho resume a intenção da articulação das análises. Para tanto, defende-se a produção de conhecimento sobre as cidades de maneira que se integre também a tecnologia aos estudos sociais. Como o que se propõe nesta pesquisa: aliar o conhecimento físico-virtual e estatístico de um lugar ao conhecimento físico-real e social vivido do mesmo.

Ressalta-se que a articulação da Percepção Ambiental (contendo seus métodos de análises e teorias de suporte) com outras escalas de abordagem de estudo do urbano, é obviamente necessária, na medida em que requer informações sobre o processo de modificação das estruturas de consumo, das redes de serviços, dos novos meios de transporte, da inovação tecnológica, dos tipos de habitação, da comunicação de massa, entre outros fatores provedores de associações, que justificam aprendizado e comportamento manifestados em usos e hábitos diferenciados.

#### **4.4 Aprofundamento - Foco nas Especificidades**

Até aqui, as considerações sobre o estudo urbano apontam ao estudo das especificidades sociais de uma região, de uma cidade, ou de um lugar. A realidade social das cidades brasileiras conta com inúmeras especificidades que devem ser entendidas como fenômenos únicos, articulados ao entendimento de diversos fatores (externos e internos) e variáveis gerais e únicas a determinado lugar. É com este compromisso ético de investigação que o estudioso ou planejador urbano deve contar para a coerência e pertinência de seus resultados.

Um exemplo do que está sendo exposto: atualmente fala-se muito em Exclusão Social das cidades. Este fenômeno é uma especificidade de cidades metropolitanas de países como o Brasil. É um conceito que não pode ser confundido com o fenômeno da desigualdade social, apesar de estar ligado a ele. Qual o melhor caminho ou método de entendimento deste processo manifestado e percebido em cidades brasileiras? Muitos pesquisadores estão empenhados neste tema de pesquisa. O primeiro passo é entender o que é, definir o fenômeno, para partir para as análises e à pesquisa propriamente dita. A partir daí, o fenômeno vai adquirindo cada vez mais o teor de especificidade dito anteriormente. Trata-se de encontrar o "específico do específico".

*A priori*, a Exclusão Social é um fenômeno multidimensional (DUPAS, 1999) que extrapola as dimensões da pobreza, vista enquanto renda, sendo diagnosticada através de outras dimensões como a saúde, a educação, o lazer, a qualidade ambiental, a política, a economia, etc.

Na metodologia desenvolvida em SPOSATI (1996), a definição de Exclusão está intimamente ligada à definição de Inclusão, já que são processos sociais interdependentes, reveladores de desequilíbrios explícitos, pela desigual distribuição de renda e oportunidades. Desta forma para se definir exclusão é necessário definir a dimensão utópica da inclusão social. A inclusão remete ao alcance de um padrão mínimo que garantiria acesso ao universo das quatro utopias básicas: autonomia de renda, desenvolvimento humano, qualidade de vida e equidade.

Existe ainda a pertinência de se identificar quando o indivíduo está em situação de vulnerabilidade. Em relação aos componentes da pobreza no Brasil, Brandão Lopes<sup>28</sup> fez a seguinte composição:

- População Urbana Integrada: rendimento acima da linha de pobreza e necessidades básicas satisfeitas (60,3% dos domicílios urbanos no país<sup>29</sup>).

---

<sup>28</sup> *Apud* RIBEIRO, 1994, p.276.

<sup>29</sup> Análise elaborada no ano de 1989.



- População Urbana Vulnerável: rendimento abaixo da linha de pobreza e necessidades básicas satisfeitas (21,7% dos domicílios) ou rendimento acima da linha de pobreza e necessidades básicas insatisfeitas (6,15% dos domicílios).
- População Urbana Excluída: rendimento abaixo da linha de pobreza e excluídas do acesso a uma das necessidades básicas (12,7% dos domicílios).

SABATINI *et al.* (2001) exemplifica um outro tipo de especificidade de fenômeno social urbano: a segregação residencial tradicional das cidades chilenas, existente também na maioria das cidades latino-americanas. O fenômeno, no Chile, está se transformando há duas décadas em dois sentidos principais: no sentido da "escala geográfica" e do aumento de sua "agressividade". Os autores questionam que, se a segregação residencial não é um mero reflexo das desigualdades sociais, quais são os seus fatores de causa, e qual a relação entre desigualdades e segregação? Segundo os autores, deve-se considerar que a realidade das cidades da América Latina está marcada pela presença simultânea de fortes desigualdades sociais e de notória segregação social do espaço. Entretanto, esta forma de associar desigualdades e segregação não é suficiente para o entendimento das especificidades destes fenômenos sociais, porém é muito praticada entre investigadores em outras regiões do mundo, e não só na América Latina. Neste texto, os autores argumentam que a compreensão da história da formação das cidades deve se iniciar em pesquisas sobre as origens do núcleo urbano, e articular os fatos históricos recorrentes à estruturação urbana aos fatores ambientais locais, entendendo que estes fatores são *externalidades* que atuam no processo de segregação espacial.

Com tais considerações, pode-se agora fechar o foco sobre especificidades da cidade de São Carlos trilhando assim a descoberta do lugar escolhido para o aprofundamento de estudo desta pesquisa.

## 5. CARACTERIZAÇÃO, PERIODIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

---

*O processo histórico é um processo de separação em coisas particulares, específicas. Cada nova totalização cria novos indivíduos e dá às velhas coisas um novo conteúdo. (...) O todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo.*

Milton Santos<sup>30</sup>

## 5.1 A Cidade: São Carlos

---

Segundo descrito em FAZANO (2001), o município de São Carlos está localizado na parte centro-oriental do Estado de São Paulo. Ao norte, faz divisa com o município de Descalvado, ao leste, com os municípios de Pirassununga, ao oeste, com os municípios de Ibaté e Ribeirão Bonito e, ao sul, com os municípios de Analândia e Brotas. As principais vias de acesso são a SP - 215 (Washington Luís) e a SP - 330 (Anhanguera).



FIGURA 5 - Localização do Município de São Carlos no estado de São Paulo  
FONTE: Prefeitura Municipal de São Carlos, 2004

---

<sup>30</sup> SANTOS, 2002, p. 120.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

### **5.1.1 São Carlos: Periodização Histórica**

---

A periodização da evolução urbana da cidade de São Carlos, apresentada aqui, levou em conta as principais modificações promovidas pelos processos sociais, econômicos e culturais da cidade que marcaram, de maneira significativa, a estrutura urbana de São Carlos, desde sua formação como núcleo urbano.

A região onde se localiza a cidade de São Carlos fez parte da rota dos tropeiros com destino às minas de Cuiabá, em fins do século XVIII, denominada na época de *Picadão de Cuiabá*. Na segunda metade do século XIX essa rota serviu de caminho para o envio de tropas e suprimentos para a Guerra do Paraguai. Assim, como a maioria das cidades dessa época, São Carlos surgiu da doação de sesmarias e do pequeno comércio, como armazéns para a venda de suprimentos e pousadas de descanso para os viajantes que passavam pela área.

São Carlos nasceu de três grandes sesmarias: a sesmaria do Pinhal, do Monjolinho e do Quilombo. A sesmaria do Pinhal é a mais antiga, datada de 1781, sendo demarcada em 1831; a do Monjolinho teve origem irregular, sendo regularizada por carta de doação em 1810. A sesmaria do Quilombo, também de posse irregular, foi regularizada em 1812, localizada no atual distrito de Santa Eudóxia (DEVECOVI, 1985).

São Carlos era ligada, administrativamente, à cidade de São Bento de Araraquara, atual cidade de Araraquara. Em 1857 foi promovida a distrito de paz de São Carlos do Pinhal. No ano de 1865, em virtude do rápido crescimento do distrito, a Assembléia Provincial resolveu elevá-lo à categoria de vila e em 1880 é elevada à categoria de cidade.

Com o impulso dado pelo café, São Carlos cresceu rapidamente (a partir da segunda metade do século XIX, atingindo o ápice no início do século XX), tornando-se um centro econômico e cultural da época. No auge da produção cafeeira brasileira, São Carlos chegou a ser o 3º maior produtor de café do país.

A chegada da ferrovia em 1884 e, posteriormente, a vinda dos imigrantes para o trabalho nos cafezais foram fatores responsáveis pelo rápido crescimento

urbano de São Carlos. Assim, a ferrovia do complexo cafeeiro desempenhou importante papel na História da cidade impulsionando a urbanização e possibilitando a ampliação da acumulação capitalista da região.

Os proprietários das ricas fazendas de café passaram a morar na zona urbana, pois já não existia a necessidade de permanência direta em suas propriedades; a ferrovia diminui a distância entre a cidade e as grandes fazendas, pois seus trilhos passavam por elas. Além do que, a cidade torna-se mais atraente e confortável com as novidades dos grandes centros, trazidas pela ferrovia.

A riqueza do café permitiu a construção de prédios de grande refinamento arquitetônico, projetados por mestres, em sua maioria italianos, e com materiais de construção importados da Europa.

Em 1889 chega o telefone, com a constituição da *Companhia Telephonica S.Carlense* em 1894; em 1892 a iluminação elétrica, sendo São Carlos a primeira cidade no Brasil a ter energia produzida pelo sistema hidroelétrico; em 1895 é inaugurado o Jardim Público do Pátio da Matriz; em 1899 o serviço de abastecimento de água potável; em 1900 é datado o início das obras de construção da rede de esgoto domiciliar, concluído em 1903; e em 1914 chegam os bondes elétricos à cidade.

A partir daí a cidade começou a se desenvolver e a ganhar outras especificidades na forma de ocupação do solo urbano. Tais especificidades serão tratadas mais adiante. Para tal, entende-se que o processo de urbanização corresponde às modificações nas formas de distribuição da população no território em relação às transformações na produção que, com o decorrer dos desdobramentos havidos no capitalismo e nos movimentos econômicos locais, aponta para o aumento do tamanho das cidades e para o crescimento e diversificação social de sua população (DEVESCOVI, 1985).

A cidade passou pela derrocada da hegemonia cafeeira (crise de 1929). A partir desse período, houve o esgotamento das terras somado às crises sucessivas de superprodução do café. No processo, devido ao desestímulo dos

investimentos na lavoura, ocorreram modificações na forma de ocupação da terra como, por exemplo, a fragmentação das terras rurais, a venda e a criação de uma camada potencialmente compradora de pequenas propriedades, sobretudo os imigrantes que acumularam riquezas desenvolvendo atividades econômicas urbanas. O parcelamento das terras foi também promovido por empresários imobiliários (DEVESCOVI, 1985, p. 72).

No município de São Carlos, foi criada, por um grupo que incluía fazendeiros, banqueiros, industriais, comissários do café, negociantes e profissionais liberais, a Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (CAIC). A Companhia adquiriu, na década de 30, extensões de terras (parte loteada e parte explorada pela Companhia).

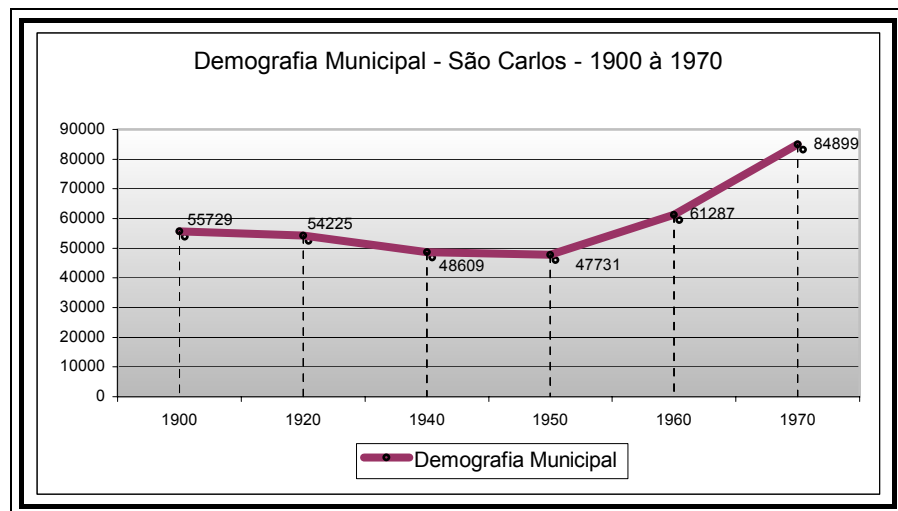


GRÁFICO 1 - Demografia Municipal de São Carlos de 1900 à 1970  
 FONTE: Dados da FUNDAÇÃO SEADE (2002)

Em 1951, a CAIC era proprietária de 1342 alqueires distribuídos por várias áreas do município: região próxima a Estação Conde do Pinhal, Sesmaria Laranjal, Babilônia e Hipódromo, onde, desde o final da Década de 30, desenvolvia, sobretudo, a plantação de eucaliptos.

O refluxo da população explica-se pelo êxodo das populações rurais em direção às cidades vizinhas (acarretando na intensificação dos problemas

urbanos) e pela constituição do exército industrial de reserva (colonos do café se convertiam em força de trabalho urbana). Em São Carlos o contingente de sub-empregados e de marginalizados, a partir do final da década de 30 fica mais evidente (DEVESCOVI, 1985, p. 80). A preocupação crescente na época era o desemprego. A resolução da problemática mais ouvida na época foi a volta ao campo.

Os movimentos industrializantes em São Carlos, a partir dos anos 40, proporcionaram uma intensa expressividade da cidade no contexto do conjunto do território paulista. Entretanto muitos estabelecimentos industriais foram desativados nos anos de 1930 a 1940, graças aos altos impostos municipais e à concorrência de empresas localizadas na capital do Estado e nas áreas próximas.

Poucas empresas montadas até 1930 sobreviveram: de carpintarias, de móveis, olarias e alimentares. As de mais destaque e que existem até hoje: Companhia Fiação e Tecidos São Carlos (montada em 1911, fundada por imigrantes italianos) e a Lápis Faber LTDA (resultou da compra da indústria de lápis H. Fehr Ltda., fundada em 1925 por imigrantes residentes na cidade).

Uma peculiaridade do desenvolvimento urbano de São Carlos encontra-se no fato de o município não contar com atividades rurais importantes como fonte de trabalho<sup>31</sup>. Com a decadência da cafeicultura na região, São Carlos voltou-se à atividade da pecuária, e não para a agricultura, como em outras localidades.

A partir dos anos de 1950, houve no município um aumento da população devido à crescente industrialização da região. Os gráficos 2 e 3 expõem o crescimento contínuo da demografia do município nos anos seguintes a 1970.

---

<sup>31</sup> "(...) condição responsável, talvez, pelo fato de que o fenômeno do "bóia-fria" (os trabalhadores volantes na agricultura) não atingisse proporções significativas em São Carlos, pelo menos até o final da década de 60, quando em outros municípios ele já vinha ocorrendo desde a primeira metade dessa década" DEVESCOVI, apud DOZENA, 2001, p. 98.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

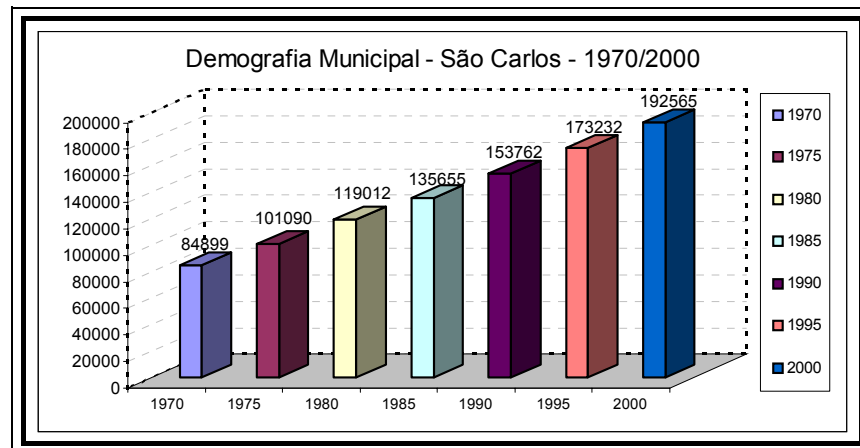


GRÁFICO 2 - Demografia Municipal de São Carlos - 1970 a 2000  
 FONTE: Dados da FUNDAÇÃO SEADE (2002)

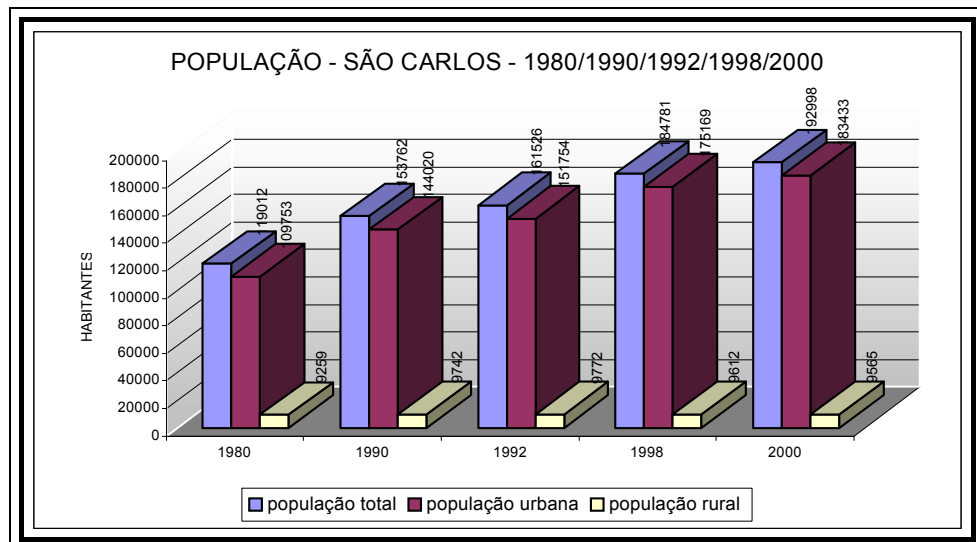


GRÁFICO 3 - População Municipal de São Carlos  
 FONTE: Dados da FUNDAÇÃO SEADE (2002)

Ultimamente, São Carlos conta com uma população urbana de, aproximadamente, 190 mil habitantes. A ocupação expansiva intensificou-se no final da década de 70 e nos anos 80 e 90 com a formação de loteamentos periféricos, como o loteamento Cidade Aracy. No gráfico 4 observa-se que o número de domicílios em São Carlos cresceu, em 20 anos, cerca de 60%. Este crescimento se deve, além da implantação dos loteamentos, à vinda de pessoas de outras partes do país a procura de oportunidades de emprego e de moradia.



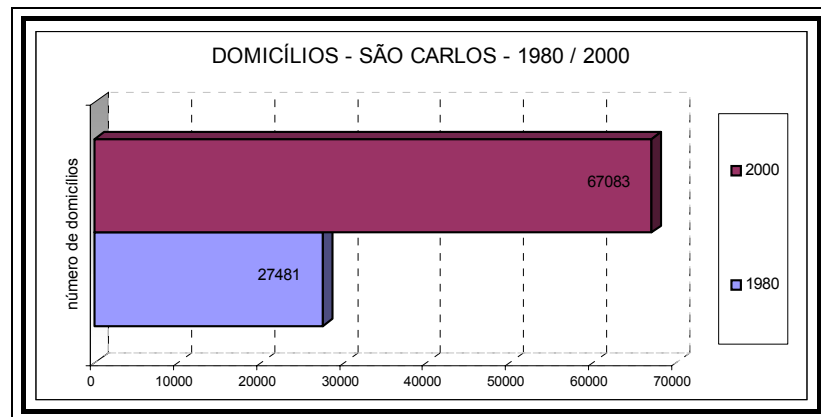


GRÁFICO 4 - Número de Domicílios em São Carlos  
 FONTE: FUNDAÇÃO SEADE (2002)

### 5.1.1.1 As principais modificações no uso e ocupação do solo ·

Segundo SANTOS (2002), rever as divisões de trabalho anteriores é um esforço relacionado ao entendimento das cristalizações da experiência passada, da prática depositada nas coisas (o *prático-inerte*<sup>32</sup>), pois sugere a revisão das formas herdadas, das rugosidades que *revelam combinações que eram as únicas possíveis em um tempo e lugar dados* (p. 141). O almejado aqui é justamente traçar um caminho de entendimento das rugosidades peculiares de São Carlos, estabelecidas durante o século XX, e dos eventos promotores da formação dos loteamentos periféricos na cidade.

Entre o início do século XX e os anos de 1920, houve um acréscimo de estabelecimentos industriais em São Carlos, resultando num afluxo de trabalhadores à procura de empregos gerados nos setores industriais e de serviços. A demanda por habitações no período fomentou os investimentos em moradias de aluguel, realizados, principalmente, pela burguesia industrial da época.

Desse modo, as moradias de aluguel representaram a forma de habitação da classe operária, caracterizada, essencialmente, pelos aglomerados de casas

\* Modificações relevantes, consideradas segundo o escopo da pesquisa - o surgimento dos bairros e loteamentos periféricos em São Carlos.

<sup>32</sup> Noção introduzida por J.P.Sartre e já abordada no CAPÍTULO 2, página 32 desta dissertação.

geminadas, próximas aos estabelecimentos dos grandes investidores imobiliários - os capitalistas industriais (DOZENA, 2001).

Entretanto, a população de menor poder aquisitivo, incluindo a classe operária, passou a ocupar espaços precários, sem boas condições de higiene (os cortiços) em resposta aos altos preços dos aluguéis.

Os cortiços foram proibidos por lei municipal (Código de Posturas da Câmara Municipal de 1929), mas existiam normalmente, o que se tornou motivo de preocupação da população mais abastada, que se via prejudicada pela má higiene das sub-habitações, próximas de suas residências.

Com esta demanda crescente por moradias baratas, o Estado passou a intervir, não só em São Carlos. Foi o período de surgimento das habitações populares; os padrões de moradia popular, a partir dessa época, foram sendo modificados<sup>33</sup>.

No início da década de 40, surgem leis, não só municipais, objetivando a disciplina da ocupação e do uso do solo urbano, *por meio de uma segregação mais bem delimitada, em loteamentos distantes da área central, constituindo um padrão periférico de ocupação do espaço urbano* (DOZENA, 2001, p. 101).

Aumenta o número de casas próprias e de implantação de novos loteamentos, aumentando também o número de vazios urbanos. É nesta época que se consolida, na cidade, uma nova realidade urbana: a casa própria auto-construída, um novo padrão de moradia para a população mais pobre.

A partir desta nova realidade, começam a se formar alguns bolsões periféricos, novos loteamentos precariamente implantados, onde a população se instalava, subjugada sob a orientação e os interesses particulares dos donos das terras.

---

<sup>33</sup> "Surgiu não só a necessidade de uma participação direta dos órgãos estatais na produção de habitações mas, sobretudo, a necessidade de institucionalizar um novo padrão de moradia popular e de criar uma nova expectativa de habitação para o trabalhador: a casa própria e não mais a moradia de aluguel" DEVESCOVI, 1987, *apud* DOZENA, 2001, p. 101.

Nas três últimas décadas do século XX, o processo de exclusão e segregação sócio-espacial se consolida na cidade, tornando mais evidentes as desigualdades de classes dentro do espaço urbano. Políticas urbanas, principalmente na década de 1980, promoveram a especulação imobiliária, sendo que, donos do poder político também detinham as terras, os imóveis e a vontade de se obter grande lucro imediato com suas transações, empreendimentos imobiliários e intervenções urbanas.

O QUADRO 2 foi elaborado a partir de dados e informações sobre como e quando ocorreram as principais modificações nos padrões de uso e ocupação do solo urbano, na cidade de São Carlos. Pode-se assim observar e comparar, entre as épocas, um resumo de tais modificações:

**QUADRO 2 - Cronologia das principais modificações nos padrões de uso e ocupação do solo, relevantes ao processo de segregação sócio-espacial na cidade de São Carlos.**

DÉCADAS	1900	1930	1940	1960	1970	2000
<b>MODIFICAÇÕES RELEVANTES</b>	Capital industrial - moradias de aluguel próximas aos estabelecimentos industriais - aparecimento de cortiços e sub-habitacões		Aumento da demanda por habitacões - surgimento de loteamentos afastados do centro - intervenção do Estado - habitacão popular/casa própria - sistema de auto-construção		Processo de segregação sócio-espacial consolidado - loteamentos ao sul - ocupação irregular e precária infra-estrutura - especulação imobiliária atrelada aos meios e benefícios políticos	

Este processo de modificações pode ser similar em várias cidades brasileiras, devido à conjuntura política, econômica e cultural do país durante o século XX<sup>34</sup>. Entretanto, os lugares formados neste processo são peculiares e cada um deles tem sua biografia, sua história específica.

<sup>34</sup> A leitura de LOJKINE (1981), indicou uma hipótese central, a de que unidades espaciais não têm sentido fora de uma estrutura e de um complexo de relações sociais, políticas e econômicas predominantes em um determinado momento histórico; e no capitalismo, a dimensão econômica emerge como a mais importante. Em outras palavras, e simplificando, o processo e as formas de urbanização capitalista correspondem ao padrão de acumulação prevalecente em uma determinada conjuntura histórica.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

Cabe aqui, entender as razões que influenciaram a formação de loteamentos periféricos e da segregação sócio-espacial em São Carlos, uma vez que o objeto deste estudo é um destes loteamentos segregado sócio-espacialmente.

## 5.2 O Bairro: Cidade Aracy

Primeiramente cabe esclarecer que a idéia inicial do projeto envolvia o estudo do uso social do solo utilizando, como estratégia metodológica, a Percepção Ambiental. Previamente desejava-se um estudo genérico e multitemporal de toda a área urbana do município de São Carlos.

Com o andar da investigação (através de observações gerais sobre a cidade e do estudo feito em SIG) foi detectada uma área especialmente pertinente ao objetivo da pesquisa. Daí surgiu a idéia de se desenvolver um estudo mais aprofundado num bairro ao invés de se fazer uma análise genérica da cidade (observar o fluxograma geral da execução do trabalho - figura 6). Assume-se também o problema da escassez do tempo e de recursos (de pessoal) para se desenvolver uma pesquisa tão ampla sem ser vaga e superficial.

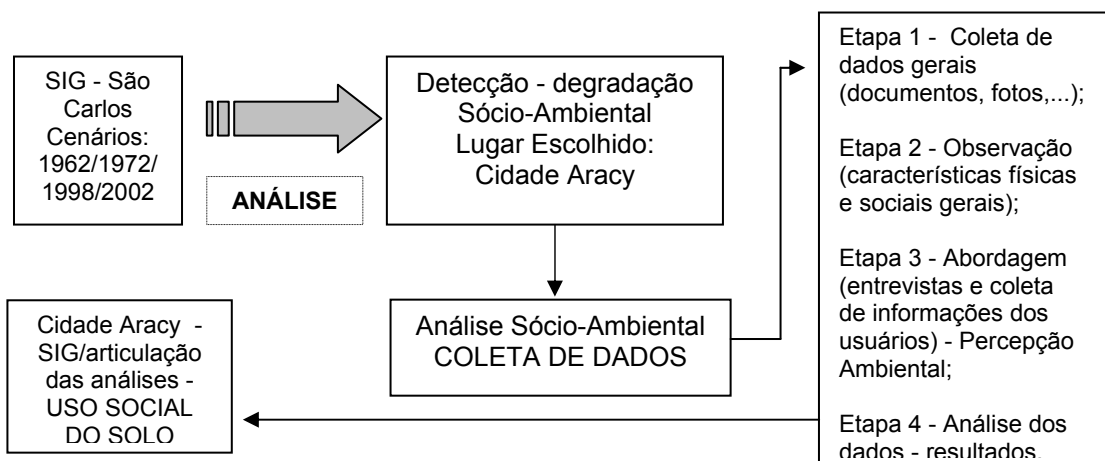


FIGURA 6 - Fluxograma Geral da Execução do Trabalho

O argumento norteador da escolha dos lugares a serem analisados, desde o plano de pesquisa, foi a existência de algum tipo de degradação ambiental evidente. O lugar escolhido apresenta formas de degradação, como erosões e assoreamento em grave processo de evolução, e especificidades sociais, como a segregação e a exclusão social.

Portanto, o trabalho aborda o tema da exclusão social expressa na paisagem de um lugar, imagem da desigualdade e de um 'urbanismo' de risco<sup>35</sup>.

A área escolhida não apresenta segurança (nem do terreno, nem das construções), é frágil ambientalmente e de difícil acesso. Para se chegar ao bairro via 'centro da cidade', tem-se de superar os obstáculos naturais da topografia local. Uma precária via contorna o limite do bairro Cruzeiro do Sul num declive acentuado, como pode ser observado na figura 7.

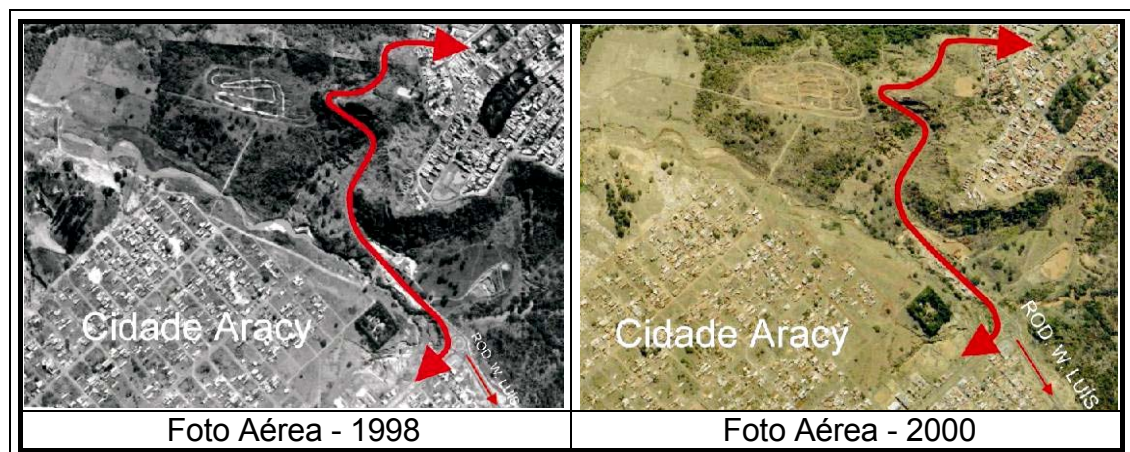


FIGURA 7 - Fotos aéreas - destaque ao acesso ao bairro Cidade Aracy  
 FONTE: DUPAS, F.A.; RÖHM, S.A. (2002)

As fotografias aéreas de 1962 e de 1972 mostram a degradação ambiental da área, mesmo sem a ocupação (o projeto do loteamento foi aprovado em 1983). Nas fotografias aéreas de 1998 percebe-se o agravamento dos problemas ambientais na região do bairro (assoreamento e erosões), em

<sup>35</sup> Segundo ROLNIK (1997, p.7), neste caso, o urbanismo é de risco para a cidade inteira: por concentrar qualidades num espaço exíguo e impedir que elas sejam compartilhadas por todos, os espaços melhor

resposta ao loteamento impróprio e mal formulado para as características ambientais da área (observar figura 8).

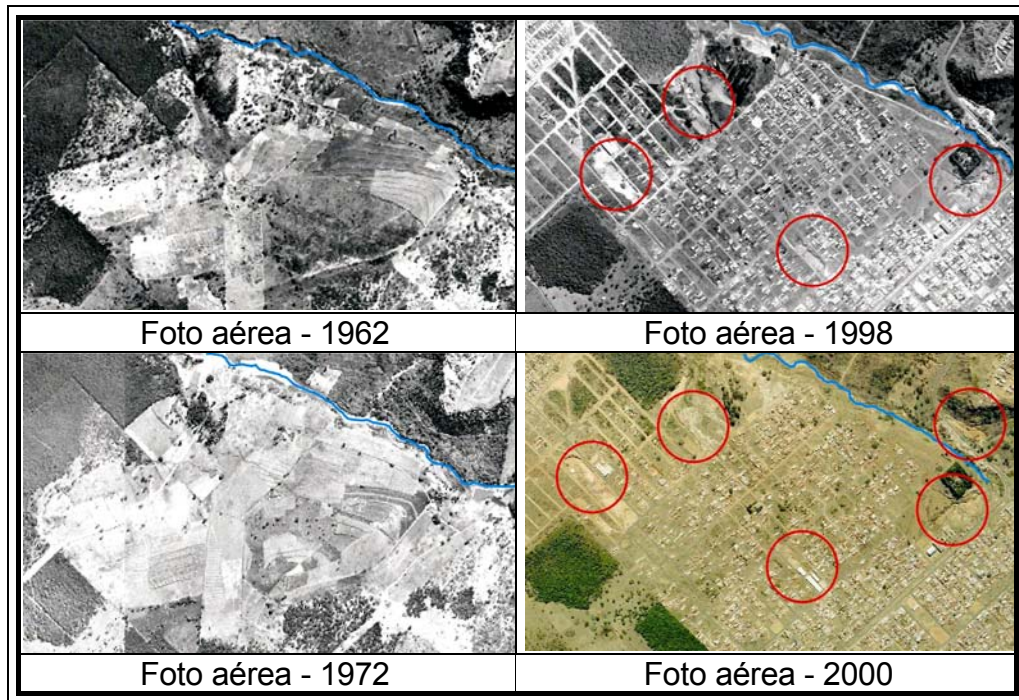


FIGURA 8 - Córrego e áreas ambientalmente degradadas - Cidade Aracy  
 FONTE: DUPAS, F.A.; RÖHM, S.A. (2002)

Foi observado que o cotidiano dos usuários do bairro apresenta dificuldades como horas perdidas no transporte, desconforto da casa e da rua, além de sobreviverem à barreira física inerente ao local, segregado da malha urbana da cidade.

Assim, além da degradação ambiental flagrada nas imagens georreferenciadas e da degradação urbana observada na paisagem local, a escolha do lugar se justifica por estar constantemente envolvido em discussões de cunho social, já que os usuários do bairro, de baixa renda, não obtêm acesso, de maneira geral, a bens e serviços básicos necessários, fato provedor de manifestações negativas referentes à relação dos moradores com o lugar,

---

equipados da cidade sentem-se constantemente ameaçados por cobiças imobiliárias, por congestionamentos, por assaltos.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

como, por exemplo, a marginalidade, a violência, a frustração, a alienação, a falta de interesse nos problemas sociais e ambientais, entre outros aspectos negativos que dificultam o exercício da cidadania. A pesquisa pretendeu detectar fenômenos sociais, analisá-los e decodificá-los para servirem de instrumentos em diagnósticos de problemas e de potencialidades do lugar.

Foi utilizada neste processo a Percepção Ambiental, como já foi dito, na captação de especificidades relacionadas ao uso social do solo<sup>36</sup>.

Considera-se então o usuário e a sua relação com seu lugar, fontes de informação e dados primordiais à análise pretendida. A dominante estrutural do início do processo de pesquisa (SIG) serviu para nortear a leitura e análise do bairro escolhido: o Cidade Aracy.

### **5.2.1 Cidade Aracy - Aspectos Físicos**

---

O loteamento está localizado ao sudoeste do município de São Carlos em área suburbana. A área é delimitada ao sul pela rodovia Luiz Augusto de Oliveira que liga os municípios São Carlos e Ribeirão Bonito; ao oeste pela avenida Volkswagen, acesso para o bairro Cidade Aracy; ao norte pelo Cemitério do Cidade Aracy e pelo Jardim Cruzeiro do Sul e; ao leste pela avenida Morumbi.

O bairro situa-se entre os córregos Água Quente e Água Fria, pertencentes à bacia do Ribeirão Monjolinho, afluente do Rio Jacaré-Guaçu. A região é altamente suscetível aos processos erosivos devido aos tipos de solos (latossolos e areias quartzosas) e por estar próxima à nascente do córrego Água Quente.

A encosta, onde está situada a principal via de acesso ao bairro, é altamente suscetível a desmoronamentos pois, na sua borda, estão assentados blocos desarticulados de arenito sem a proteção da cobertura vegetal. Ressalta-

---

<sup>36</sup> Segundo SANTOS (1985), um **espaço** se transforma em **lugar** pela força de variáveis localizadas que determinam as **especificidades**. Captar essas especificidades é supostamente possível uma vez que o fragmento urbano (lugar) sugere associações que o torna legível desvendando informações urbanas que vão além da coleção de fotos de um determinado ambiente (FERRARA, p. 39, 1993c).



se ainda que a declividade da encosta é maior que 45° (KLEFASZ, apud FAZANO, 2001).

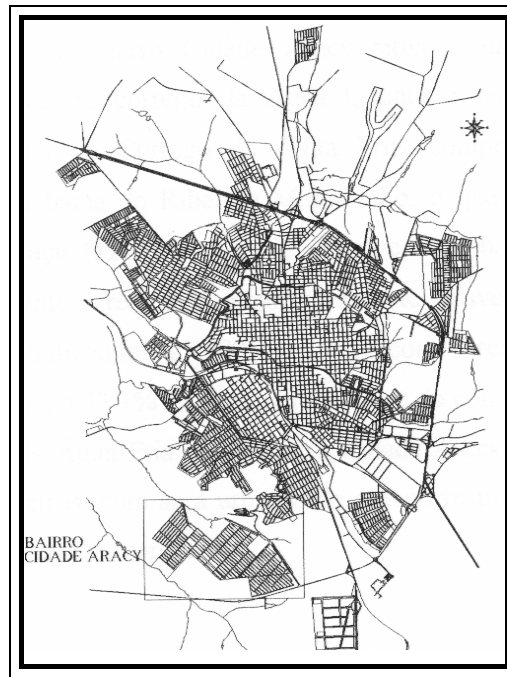


FIGURA 9 - Cidade de São Carlos - destaque ao bairro Cidade Aracy  
FONTE: Adaptado da Prefeitura Municipal de São Carlos, 1998.

A área apresenta degradação ambiental (erosões e assoreamento dos corpos d'água), e o problema se agravou com a implantação irregular do loteamento e com a ocupação. A paisagem local atual, cenário do cotidiano, expressa o impacto da implantação do loteamento.

Na área, nota-se a ausência de um desenho urbano adequado ao tipo de terreno e ao tipo de solo. Foi implantada no local uma malha ortogonal, bastante usada em áreas com características de relevo plano, onde se aproveita ao máximo as condições do terreno para a construção, sem prioridade às áreas verdes, à recreação e ao lazer, onde inexiste a harmonia entre curvas e declives. Portanto, o projeto do bairro é totalmente inadequado às características topográficas e geológicas da área.



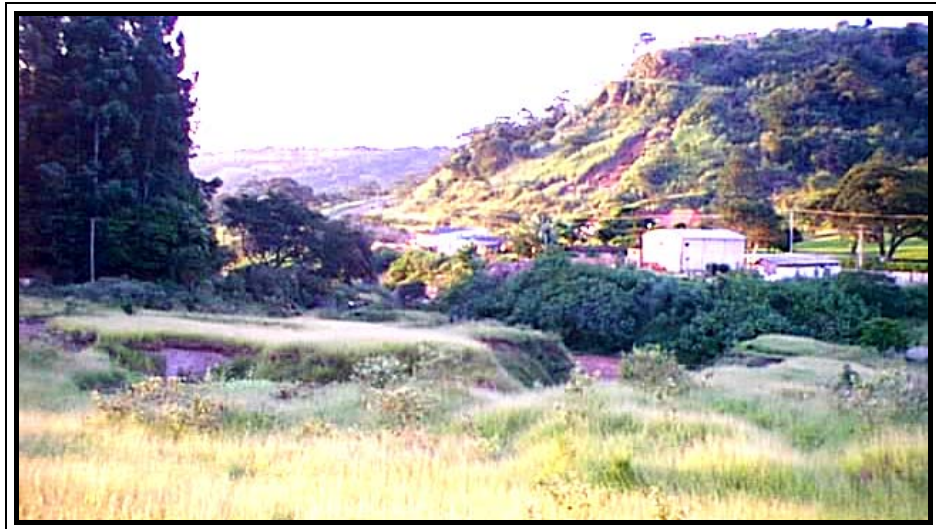


FIGURA 10 - Vista da encosta e erosão - Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2003



FIGURA 11 - Foto panorâmica - Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2002

Outro fator de relevante importância é a ausência de coleta e captação de esgoto. No bairro essas instalações encontram dificuldade de adequação das redes ao terreno. O SAAE (órgão responsável pelos projetos e pela realização da infra-estrutura) não consegue acompanhar a demanda de serviços, pois quando chove as estruturas instaladas acabam se rompendo e destruindo parte dos trabalhos realizados. Dessa forma, tornou-se uma rotina para o bairro a presença de obras que nunca são concluídas.

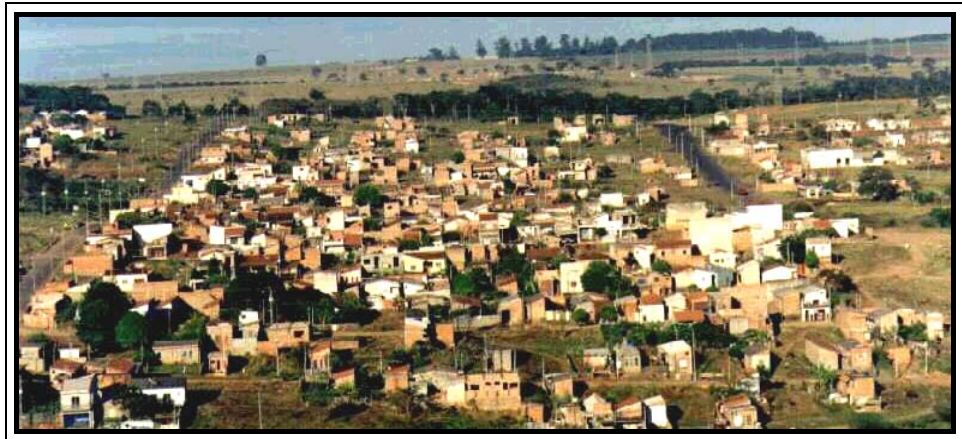


FIGURA 12 - Vista do bairro Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2002

Dentre os principais problemas, relacionados à estruturação urbana do bairro, pode-se destacar:

1. Dificuldade de instalação da infra-estrutura;
2. Necessidade de constantes obras para contenção de erosões;
3. Falta de infra-estrutura e degradação da existente ocasionada pelas erosões;
4. Disposição inadequada de lixo e entulho;
5. Assoreamento e obstrução do córrego ocasionado pelos sedimentos das erosões, pela abertura do sistema viário, pelo lixo e pelo entulho;
6. Sistema de drenagem inadequado à topografia local;
7. Ausência de locais públicos adequados à recreação e ao lazer;
8. Quadras muito compridas e ruas mal ajustadas;
9. Ausência de áreas verdes e praças (vegetação exígua);
10. Precário sistema de iluminação pública;
11. Há apenas um posto policial que, segundo os moradores, não atende à demanda de segurança no bairro;
12. Há apenas uma agência bancária;
13. Sistema de transporte público exíguo para as necessidades de locomoção dos moradores (intensificando o difícil acesso ao centro da cidade e à outras localidades);



14. Falta de estabelecimentos adequados (de ensino e de recreação) que sirvam de ocupação às crianças.



FIGURA 13 - Erosão - Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2002



FIGURA 14 - Assoreamento - Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2002

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

## 5.2.2 Cidade Aracy - Histórico

---

O projeto de loteamento do bairro foi aprovado pela ASPLA - Assessoria de Planejamento Municipal da Prefeitura Municipal de São Carlos - em 30 de setembro de 1983. O projeto inicial (abril de 1982) pretendia dividir a área em 141 quadras e 4.978 lotes destinados à população de baixa renda, e projetados para atender aproximadamente 20.000 pessoas\*.

A história do bairro foi pesquisada, através das publicações feitas nos jornais A TRIBUNA e A FOLHA (ambos de São Carlos), de trabalhos e estudos sobre a história de São Carlos e de seus bairros, de entrevistas com funcionários da prefeitura e da imobiliária Faixa Azul\* e através de pesquisas na *internet*. Foram utilizados os jornais referentes aos seguintes períodos: Janeiro, Abril, Setembro e Dezembro de 1983; Novembro e Dezembro de 1988; Abril, Novembro e Dezembro de 1992; e Abril, Agosto e Dezembro de 1998. Este material foi disponibilizado e analisado na Fundação Pró Memória da Prefeitura Municipal de São Carlos.

Constatou-se que o bairro, no ano da aprovação do loteamento (1983), quase não aparece nas notícias publicadas. Isto, obviamente, porque o lugar ainda era pouco ocupado, o que foi confirmado através das entrevistas com alguns moradores mais antigos do bairro. A partir dos anos 90, o nome do bairro aparece com maior frequência nos jornais. O ano de 1998 foi significativo nesta década quanto à frequência das notícias referentes ao bairro<sup>37</sup>, principalmente em relação às obras a serem implantadas e aos fatos e incidentes relatados na

---

\* Em anexo está o decreto de aprovação do loteamento, como foi publicado no jornal A Tribuna de 30 de Setembro de 1983, p. 11.

\* O proprietário desta imobiliária, Airton Garcia, foi o loteador das terras onde foi implantado o bairro.

<sup>37</sup> Um exemplo significativo de tais notícias recorrentes é o lançamento da Pedra Fundamental do Posto de Saúde do Cidade Aracy, em 4 de agosto de 1998: *O secretário municipal de saúde (...) destacou que a região do Cidade Aracy teve um crescimento muito grande nos últimos anos e 'isso fez com que esse posto de saúde se tornasse uma prioridade em termos de obras municipais (...). Com o novo posto, os moradores do bairro não mais precisarão se deslocar até o centro da cidade para procurar atendimento médico(...). Isso irá satisfazer os anseios do bairro (...) é o pagamento de uma grande dívida social que o prefeito sabe reconhecer(...). Este povo, a cada dia que passa, passa a ser mais cidadão'*. Trecho da matéria publicada sobre a implantação do posto de saúde do Cidade Aracy publicada em A Folha.

coluna policial. Nos anos 90 constatou-se, através da pesquisa nos jornais da década, que a população no bairro crescia aceleradamente.

Sabe-se que o bairro é um eixo importante para os bairros vizinhos, ainda mais carentes\*. Apesar de estarem localizados numa área comum, esta pesquisa optou por considerar os setores censitários correspondentes ao bairro Cidade Aracy segundo o IBGE, visando uma delimitação necessária ao objeto de estudo.

A história da implantação do loteamento está crispada de conflitos e confusões, levando em consideração as informações coletadas. Considera-se alguns fatos políticos importantes, todos eles relacionados ao abuso de poder e às parcerias inescrupulosas (entre o poder público e interesses privados). Tais fatos foram averiguados através dos jornais e confirmados por pesquisas na *internet* e por algumas entrevistas. Constatou-se que o dono das terras onde foi implantado o loteamento Cidade Aracy, também dono de imobiliárias na cidade e ex-político, foi e está envolvido em processos que o relaciona ao abuso de poder de gestões de alguns prefeitos. Estes fatos confirmam a proposição de que o bairro foi implantado com vistas ao lucro e a outros benefícios às partes envolvidas. Em HENRIQUE (1999) pode-se averiguar algumas dessas acusações: *Entre as várias acusações contra Melo, a que predominou foi o aliciamento eleitoral, que cita um cadastro de cerca de 10 mil pessoas, feito na Imobiliária Faixa Azul, que seria usado na doação de terrenos após o pleito, além de viagens gratuitas ao clube de campo Águas do Vale, em Rifaina. A imobiliária pertence a Airton Garcia (PST), vice de Melo, também atingido pela decisão.*

Nesta mesma reportagem, Airton Garcia (o dono das terras) defende-se: *"Qualquer imobiliária cadastra pessoas interessadas, mas fiz uma promessa de campanha de dar terrenos a pobres, assim como o Altomani prometeu casa popular por R\$ 200,00 (...). Dei 2.400 lotes, cobrando um valor pequeno,*

---

\* Bairros Antenor Garcia e Fernando Collor (I e II).

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

*legalmente, só depois da eleição". Segundo a reportagem, Garcia nega ter ligação com o clube de campo, do qual diz ser "um sócio". Uma funcionária afirmou que Garcia é o dono do clube e a administração foi terceirizada (HENRIQUE, 1999).*

Em TOMAZELA (2000), uma reportagem sobre políticos corruptos e na mira da Lei, constatou-se: *O prefeito de São Carlos, João Otávio Dagnone de Melo (PTB), cujas contas também estão pendentes, e o vice Airton Garcia (PST) tiveram os mandatos anulados pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE) por abuso do poder econômico na campanha. (...) Todos eles entraram com recursos e Melo mantém-se no cargo por meio de liminar.*

### **5.2.2.2 Apontamentos sobre o loteador e seus empreendimentos**

A pesquisa coletou diversas informações sobre o empreendedor imobiliário, na busca de subsídios para o entendimento da história de implantação do loteamento. Dentre elas, um importante documento: o Processo nº 1359 de 1997 - Ação Civil Pública<sup>38</sup>. Neste processo, a APASC (Associação para Proteção Ambiental de São Carlos) denuncia a implantação de dois loteamentos clandestinos na cidade. Os empreendimentos estavam sendo executados por Airton Garcia Ferreira, que, na época, era o vice-prefeito de São Carlos.

No documento, a APASC afirma: *prática abusiva - cooperativa habitacional de "fachada", com propósito de implantar loteamentos clandestinos - sem prévia autorização e em área de proteção ambiental - publicidade omissa a respeito de tal (...).*

Na ação, são denunciados estabelecimentos imobiliários, cooperativas habitacionais e pessoas envolvidas (empreendedores imobiliários) na prática abusiva descrita acima. Abaixo foram extraídos do documento depoimentos de alguns compradores dos lotes, ouvidos pelo Ministério Público:

*1. Valdir Aparecido Castilho contou que estava interessado em*

---

<sup>38</sup> SÃO PAULO (Estado). Ministério Público. **Processo nº 1359/97**. FICHA R Nº 491/97 - CENACOM.

POLI, M.N. (2004). **A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

*comprar um terreno. Procurou um corretor que o levou até um novo loteamento (...). O interessado foi informado pelo corretor, que os lotes à venda tinham preços variados, dependendo de sua localização. Valdir acabou aceitando proposta de compra de um lote situado próximo à entrada do loteamento. O corretor mostrou-lhe a planta do empreendimento, porém, não houve definição exata da quadra e do lote adquirido. Pelo negócio, Valdir pagou R\$. 1.500,00 de entrada, ficando o saldo para ser pago em 42 parcelas de um salário mínimo cada uma. O declarante foi informado que o loteamento está sendo implantado num imóvel pertencente a Airton Garcia.(...) assinou, na Imobiliária Faixa Azul, um documento chamado “proposta recibo”.*

2. *Leonardo Bueno Rodrigues disse, em suas declarações, que ouviu na rádio propaganda de venda de lotes pela Imobiliária Faixa Azul. Recebeu também folheto de propaganda, anunciando a venda de lotes para pagamento em 60 meses, no valor de um salário mínimo por prestação. (...) Leonardo aceitou comprar um terreno situado nos fundos do loteamento, mesmo sem ter comparecido ao local. O plano de pagamento foi o seguinte: R\$. 740,00 de entrada em duas vezes, e o saldo devedor para ser pago em 49 parcelas de um salário mínimo cada uma. Leonardo afirmou na Promotoria, que se arrependeu do negócio, pois ficou sabendo que o loteamento encontra-se irregular. Também disse que o loteamento está sendo implantado em imóvel pertencente a Airton Garcia.*
3. *Leni Rodrigues da Silva prestou declarações na Promotoria, narrando que ela e seu marido estavam procurando um terreno para comprar (...). O casal compareceu ao local, sendo que conversaram com um corretor chamado João Pedro. Após esta*

*conversa, Leni e seu marido decidiram comprar um lote situado na frente do loteamento, em local privilegiado. O corretor preencheu um documento denominado “proposta-recibo”. Ficou acertado que Leni pagaria 4 parcelas no valor de R\$ 364,00, e mais 49 parcelas mensais de um salário mínimo; os pagamentos das prestações estão sendo efetivados na Imobiliária Faixa Azul.*

A ação mobilizada pela APASC frisa o fato de que a Cooperativa em questão foi constituída de “fachada”, visando unicamente os interesses de lucro por parte do verdadeiro loteador, Airton Garcia Ferreira, que através de suas imobiliárias, promove novos loteamentos clandestinos, com desrespeito a legislação vigente em nosso país.

Em relação aos documentos “Proposta Recibo”, assinados pelos compradores, a Ação diz o seguinte: *nesses documentos, o corretor que atendeu o interessado na compra de um lote, preencheu apenas alguns claros, inserindo o nome e a qualificação do pretendente, o plano de pagamento e a data da assinatura do instrumento. Em um determinado espaço do documento, referente ao número da quota, o corretor inseria uma determinada cor (p. ex.: verde), que significava a localização do loteamento de acordo com uma planta exibida ao interessado. Curioso, que apenas alguns desses documentos de “Proposta Recibo” estão preenchidos com o que deveria ser o número da quota, mas representavam cores; os demais estão em branco. No que se refere ao plano de pagamento, os referidos documentos apenas esclarecem o valor da entrada e a quantidade de parcelas de um salário mínimo a ser paga pelo consumidor; não discriminam o preço do terreno, o montante dos juros, a soma total a pagar, com e sem financiamento.*

*Nos instrumentos de “Proposta Recibo” não existe nenhuma menção exata da natureza do contrato; a redação dificulta a compreensão de seu sentido e alcance. (...) Por outro lado, o consumidor intitulado na “Proposta Recibo” como “cooperado”, recebeu um carnê de pagamento das*



*mensalidades, constando em sua capa: “IMOBILIÁRIA FAIXA AZUL”; “MANTENHA EM DIA O PAGAMENTO DESTE CARNET E O SEU ENDEREÇO ATUALIZADO”. No interior desse carnê consta o valor da mensalidade, dizendo que se refere a “pagto lote e infraestrutura”. O que se denota pelos documentos apresentados, é a intenção premeditada dos réus em ludibriar os consumidores e o Poder Público. Os consumidores procuraram a Imobiliária Faixa Azul, em razão de propaganda espalhada na cidade dando conta da venda de lotes. Assinaram um contrato que não descreve a sua natureza jurídica, visando confundir o consumidor. No carnê entregue ao consumidor, consta que as mensalidades se referem ao pagamento de terreno e infra-estrutura. Percebe-se, assim, que o contrato, na verdade, é de promessa de compra e venda e não de aquisição de quotas do capital social da falsa “Cooperativa”. (...) Na espécie, a “Cooperativa” não poderia colocar a venda, ou prometer vender, ou ainda, reservar, lotes para o mercado consumidor, pois a implantação de um loteamento exige o atendimento dos requisitos legais referentes ao parcelamento do solo urbano.*

*Pelos carnês de pagamento, constata-se que os consumidores estão arcando com as obras de infra-estrutura nos loteamentos clandestinos noticiados. A cobrança é ilegal. Constitui obrigação dos loteadores dotar os loteamentos com a infra-estrutura necessária, (...); como ainda, executar as redes de água e esgoto, sistema de proteção contra erosão, pavimentação ou estabilização do leito e iluminação pública (Lei Municipal nº 6.808, de 1971).*

*Segundo esta Ação Civil, o meio encontrado por Airton Garcia para maquiar a sua responsabilidade no parcelamento irregular do solo urbano não é novidade: existe, inclusive, uma ação civil pública, objetivando o reconhecimento de dois loteamentos clandestinos promovidos por Airton, sendo que nesses casos o loteador procurou escapar de sua obrigação, autorizando diversas pessoas a invadir duas propriedades, e depois firmou compromisso com os ocupantes, doando lotes para eles, mas, em contra-partida, exigiu que 50% dos*

*terrenos fossem reservados para o loteador, em lotes intercalados.*

Ao que tudo indica, este fato foi o que aconteceu no processo de ocupação do loteamento Cidade Aracy. *O interesse econômico do loteador é evidente: permanecendo com a titularidade da propriedade de metade dos terrenos loteados, o empresário terá um lucro gigantesco, após a urbanização do empreendimento, com a implantação das obras de infra-estrutura. O objetivo é exatamente aguardar a valorização dos imóveis, para depois vendê-los por preços mais vantajosos.* Airton Garcia já respondeu a processos criminais por infringir a Lei do parcelamento do solo urbano, tendo inclusive sido condenado.

A APASC encaminhou ao Ministério Público um pequeno escrito impresso, contendo propaganda da "Cooperativa":

*“Cooperativa Habitacional Bicão  
NÃO PERCA MAIS ESTA OPORTUNIDADE  
REALIZE O SONHO DE CONSTRUIR SUA  
CASA PRÓPRIA  
LOTES A PARTIR DE R\$ 112,00 MENSAIS  
VENDAS A PARTIR DE 30/11/96  
Informações:  
TEL. 271-5384  
Plantão de vendas no local ou na FAIXA AZUL  
Rua Raimundo Correa, 140 ”.*

Ainda em relação ao processo nº 1359/97, Airton Garcia pretendia implantar ao lado desse segundo loteamento, um novo empreendimento: um parque aquático chamado Águas do Vale.

As considerações expostas aqui fundamentam a compreensão do processo de formação e de ocupação do loteamento Cidade Aracy. Todas essas acusações, sobre a atuação do loteador Airton Garcia na cidade de São Carlos, são importantes fontes de informação para o entendimento da história contada por inúmeras pessoas consultadas sobre a formação do bairro.

Foram extraídos do documento referente ao processo nº1359/97 alguns dizeres pertinentes às implicações dos loteamentos clandestinos:

*O loteamento clandestino constitui, hoje, uma das pragas mais daninhas do urbanismo brasileiro. Loteadores parcelam terrenos, de que, não raro, não têm título de domínio, por isso não conseguem aprovação do plano, quando se dignaram a apresentá-lo à Prefeitura, pois o comum é que sequer se preocupem com essa providência, que é onerosa, inclusive por demandar a transferência de áreas dos logradouros públicos e outras do domínio público. Feito o loteamento, nessas condições põem-se os lotes à venda, geralmente para pessoas de rendas modestas, que, de uma hora para outra, perdem seus terrenos e a casa que nele ergueram, também clandestinamente, porque não tinham documento que lhes permitissem obter a competente licença para edificar no lote.*

*Praticam-se dois crimes de uma vez, um, aos adquirentes de lotes, e outro, aos princípios urbanísticos, porque tais loteamentos não recebem o mínimo de urbanização que convenha ao traçado geral da cidade. Tais loteadores não são urbanizadores, mas especuladores inescrupulosos, que carecem de corretivos drásticos. Eles criam áreas habitadas, praticamente sem serem habitáveis, por falta de condicionamento urbanístico, as quais se transformam num quisto urbano de difícil solução, dada a questão social que nelas geralmente se envolvem “.* (**Direito Urbanístico Brasileiro**, Ed. Revista dos Tribunais, 1981, pág. 394).

### **5.2.3 Cidade Aracy - Atual**

---

Nesta caracterização, serão apresentados dados do IBGE 2000 para o bairro. A pesquisa do uso social do solo será apresentada no capítulo seguinte, onde constarão as pesquisas de campo, o processo de coleta de dados e algumas análises.

Atualmente, o bairro Cidade Aracy conta, segundo o Censo IBGE 2000, com cerca de 10.500 habitantes\*. O gráfico 5 expõe os números da população total atual.

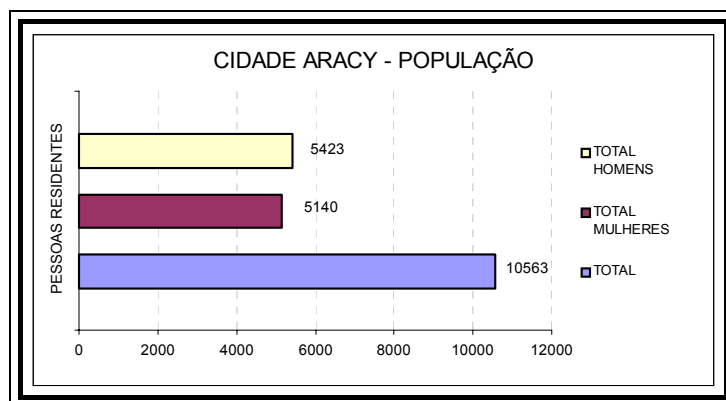


GRÁFICO 5 - População do Bairro Cidade Aracy  
FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000

O loteamento, parcialmente ocupado (foi projetado para uma população próxima a 20.000 pessoas), possui, resumidamente, em sua infra-estrutura urbana as seguintes características:

- Energia elétrica em quase sua totalidade;
- Pavimentação e sistemas de abastecimento de água e esgoto parcialmente implantados;
- Sistema de drenagem quase inexistente;
- Coleta de lixo e transporte coletivo ineficientes;
- Centro de Atenção Integrada à Criança (CAIC);
- Equipamentos urbanos: Escola Estadual, posto de saúde e Centro Comunitário.
- Uma agência bancária;
- Um posto policial;
- Construção abandonada de uma creche.

\* Em anexo estão os mapas dos setores censitários, elaborados pelo IBGE (2000) e correspondentes ao bairro.

Segundo o IBGE, o bairro atualmente conta com uma maioria jovem\* (64% da população total - gráfico 6). Acredita-se que este fator é reflexo, principalmente, da recente ocupação do bairro.

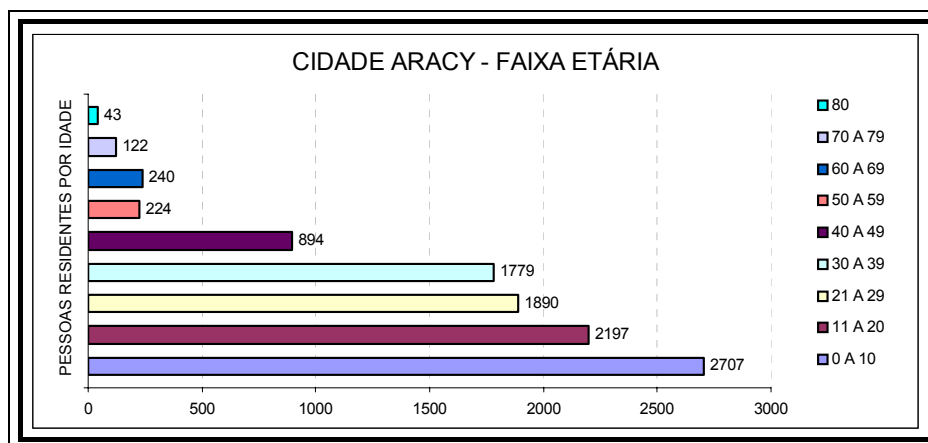


GRÁFICO 6 - Faixa Etária - Bairro Cidade Aracy  
FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000

Com a pesquisa em campo esta hipótese foi confirmada, além de outras como a de que a maioria da população residente não teve sua origem no município e fixou-se no bairro por razões como promessas políticas de emprego e a oportunidade de aquisição da casa própria (gráfico 7).

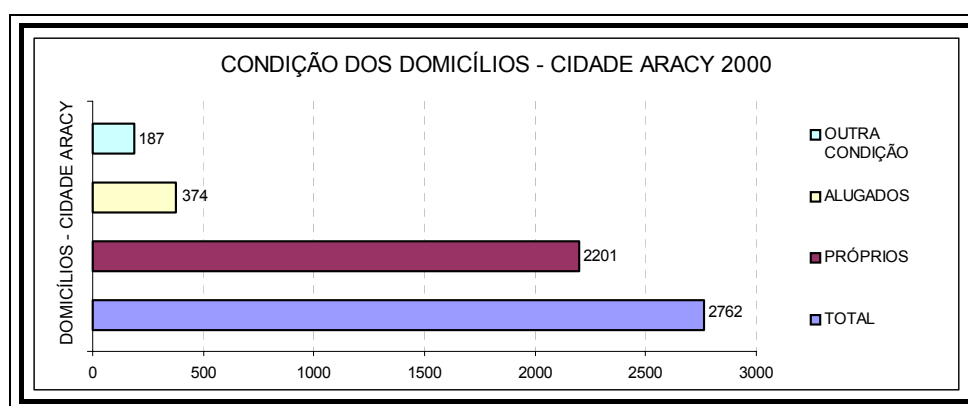


GRÁFICO 7 - Condição dos domicílios - Bairro Cidade Aracy  
FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000

\* Crianças e adolescentes - de 0 a 30 anos.

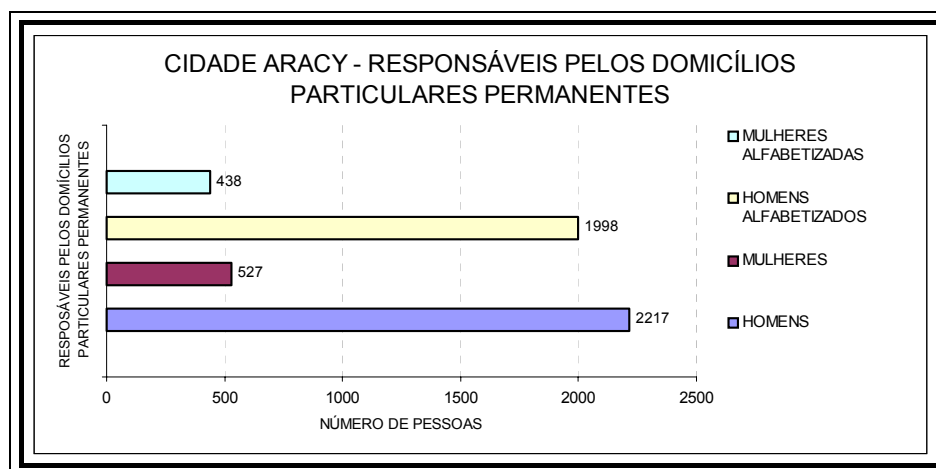


GRÁFICO 8 - Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes - Cidade Aracy  
 FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000

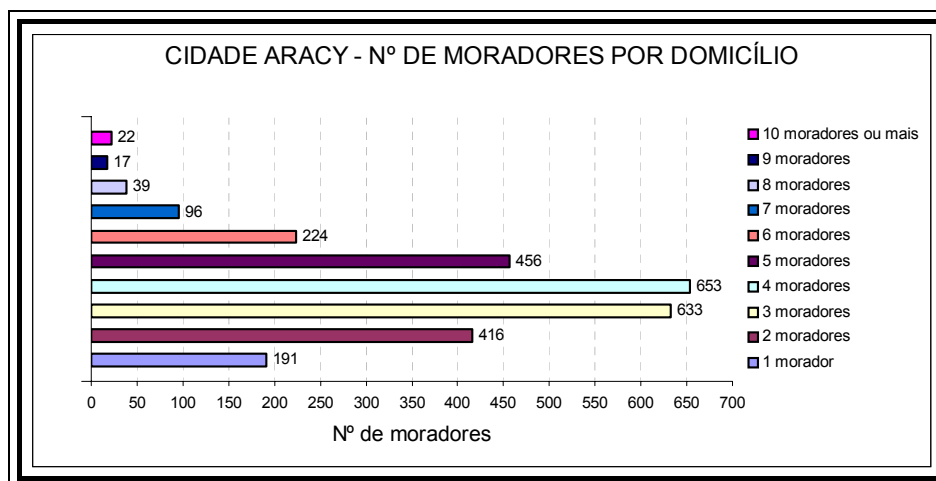


GRÁFICO 9 - Nº de Moradores por Domicílio - Bairro Cidade Aracy  
 FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000

Pode-se observar, segundo os gráficos, que existe no bairro domicílios de um a dez ou mais moradores. Através da pesquisa de campo, observou-se que existem residências de diversos tipos, da mais modesta (na grande maioria - aquelas com materiais adaptados para a construção, como papelão, lata e restos de entulho de construções) às casas de padrão médio alto (figura 15).

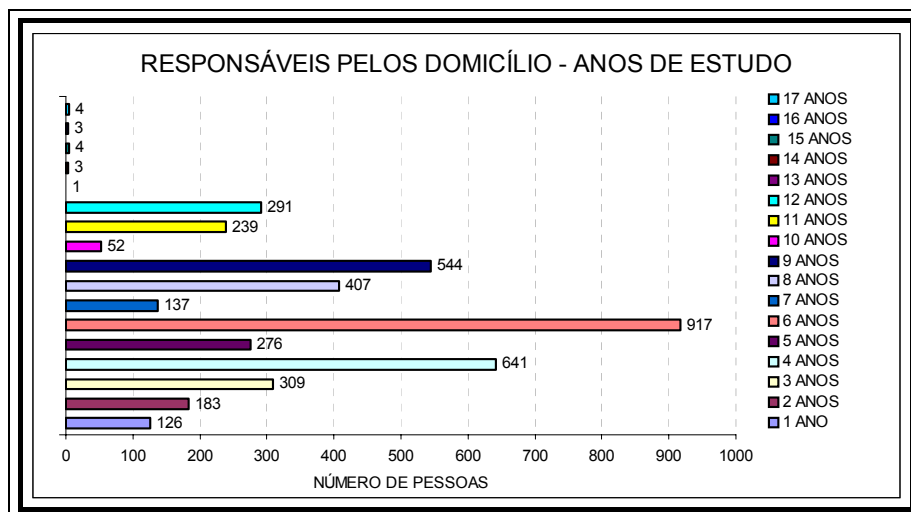


GRÁFICO 10 - Responsáveis pelos Domicílios - anos de estudo - Bairro Cidade Aracy  
 FONTE: IBGE - Censo Demográfico 2000



FIGURA 15 - Residências - Cidade Aracy  
 FOTOS: Mariana Naxara Poli - 2003

Existe no bairro, uma diversificação muito grande, não só em relação às residências mas também em relação ao repertório cultural de seus moradores (levando em consideração as origens variadas dos moradores que vieram de diversas partes do país), aos tipos de estabelecimentos comerciais, aos templos

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

religiosos (um é Católico; os demais são Evangélicos), aos espaços adaptados ao lazer. Neste aparente "caos" existe uma ordem. Não é o escopo deste capítulo o aprofundamento nestas questões. Estas serão abordadas mais adiante, na análise da relação dos moradores com o bairro.

Concluindo este capítulo, cabe dizer que a pesquisa feita constatou que na maioria dos estudos sobre o bairro, a preocupação maior está no aspecto ambiental ou na estruturação urbana local. A questão do uso social do lugar está pouco aprofundada. Crê-se que os problemas do Cidade Aracy extrapolam os impactos ambientais causados pela ocupação indevida. A potencialidade local, provavelmente, está inserida no seu cotidiano e na sua realidade social específica. O próximo capítulo, "a descoberta do lugar", tratará do que foi pesquisado em campo, portanto, das especificidades relacionadas ao uso social do solo no Cidade Aracy.



## 6. A DESCOBERTA DO LUGAR

---

*Quanto mais instável e surpreendente for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta* (SANTOS, 2002, p. 330). Esta citação foi retirada de um dos livros utilizados neste trabalho e, no caso, o autor se refere aos migrantes no lugar (*da memória à descoberta*). Entretanto, se esta consideração serve aos habitantes novos de um lugar, ou aos habitantes de um lugar novo, também serve para exemplificar o que foi almejado durante a pesquisa: encontrar eficácia e perspicácia na descoberta do lugar, através da interpretação da descoberta do Cidade Aracy pelos seus usuários.

Já foi dito que o uso social do solo, tema deste trabalho, é a apropriação do espaço, é o significado da experiência. É ele que gera lugares e hábitos, associado ao imaginário contido no repertório cultural dos usuários. É na relação interno/externo ou público/privado que se consolida a gênese de idéias e valores que qualificam os lugares. O uso, no contexto deste trabalho, é a *fala da imagem da cidade* (FERRARA, 1993c, p. 21).

A leitura do contexto de um bairro leva ao entendimento ou às interpretações das imagens, do imaginário, das representações que podem ser surpreendidas. Nesta pesquisa, foi necessário contar com informações diversas, que superassem o aspecto exclusivamente físico, visual ou funcional para o entendimento do uso social do solo do bairro. Será apresentado, neste capítulo, o método adotado na leitura do Cidade Aracy, após sua contextualização (etapa descrita no capítulo anterior).

Estas considerações, abordadas e lembradas freqüentemente neste trabalho, dão início à exposição da etapa da pesquisa destinada à coleta de dados em campo. A etapa de coleta de dados e as diversas informações específicas sobre o uso social do Cidade Aracy, adquiridas no desenvolvimento do trabalho, são elementos essenciais que proporcionaram o real envolvimento da pesquisa com seus objetivos; pretende-se explicitar como foi trilhado o caminho à "descoberta do lugar" através da metodologia utilizada.

## 6.1 A Pesquisa de Campo - coleta dos dados

---

A coleta dos dados para análise do uso social do solo, no bairro Cidade Aracy, procedeu da seguinte forma\*:

1. A pesquisa de campo teve início com um levantamento do uso e ocupação do solo no bairro, através de observação no local. Os dados levantados foram armazenados em SIG, juntamente com a digitalização da área;
2. Foram aplicados questionários para obtenção de dados, a fim de captar expectativas, opiniões e valores dos moradores **da cidade** de São Carlos em relação ao bairro Cidade Aracy. A pesquisa para esta fase contou com 25 entrevistas (este número mostrou-se pertinente como amostragem da população alvo, segundo os resultados da pesquisa piloto feita com os moradores da cidade);
3. Foi aplicada a estratégia metodológica para o estudo da percepção dos moradores **do bairro**. Para esta fase, a pesquisa contou com 60 entrevistas (esta amostra também foi definida após duas pesquisas piloto feitas com os moradores do bairro).

As pesquisas piloto proporcionaram, além da definição das amostras da população alvo de cada caso, ajustar os instrumentos formulados para captar os dados, no caso, as questões e a maneira de abordagem. Como esta etapa foi de extrema importância para a aquisição de dados sobre o uso social do solo, será demonstrado, mais adiante, como foram desenvolvidas e aplicadas tais pesquisas.

---

\* Convém esclarecer que a área estudada apresenta uma imagem pré-concebida de decadência social no imaginário de um *estrangeiro*. Reafirma-se que a conveniência deste estudo também se fundamenta na intenção de captar a real relação existente dos moradores com o lugar e, também, questionar idéias superficiais ou juízos de valor envolvidos em conceituações de bairros de periferia.

### 6.1.1 O Projeto versus o Uso

---

Antes de partir para a exposição da elaboração e da aplicação da pesquisa de campo, é válido expor questões primordiais à "descoberta" do Cidade Aracy. O caminho desse *descobrimento* não foi trilhado em etapas definidas, considerando os imprevistos no processo de pesquisa. Após várias visitas ao lugar foi analisado o projeto, a planta do bairro Cidade Aracy, aprovado pela Prefeitura Municipal de São Carlos em 1983. Embora se trate somente de um papel com indicações, traços e medidas para a implantação do loteamento, a sua leitura ajudou muito o desenvolvimento da pesquisa.

Com a planta em mãos foi possível observar elementos interessantes relacionados ao empreendimento. É óbvio que o projeto segue os padrões de loteamentos populares, com o máximo aproveitamento possível das terras. Mas a inconseqüência, o descaso e a irresponsabilidade dos empreendedores são surpreendentes neste evento. Uma das observações que merece destaque relaciona-se ao desenho de uma malha ortogonal em um relevo explicitamente acidentado (as curvas de nível estão desenhadas na planta e mesmo alguém que nunca foi ao lugar entende, só de observar o traçado das curvas, que a área é imprópria à implantação de um loteamento de tamanha proporção). Além disto, há a agravante das características do solo local (arenoso, altamente suscetível a erosões). Como foi demonstrado em capítulo anterior, através da análise das fotografias aéreas de 1962 e 1972, já existiam erosões na área antes da implantação do loteamento.

"Caminhando" pela planta, é inevitável lembrar das críticas e idéias de alguns autores que questionam o projeto urbano do ponto de vista social, considerando quem usa ou usará aquele espaço construído. Muitas vezes, quando o projeto "*cai na vida*"\* torna-se complexo o entendimento de situações ou de manifestações sociais avessas às intenções do planejamento do espaço

---

\* Expressão transcrita de SANT'AGOSTINO, 2001.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

projetado. Existem projetos realmente cheios de boas intenções e mesmo estes são descaracterizados após o "uso", pois adquirem novos significados produzidos pelos usuários.

Como Jane Jacobs afirmava, muitos elementos presentes ou ausentes em um projeto podem causar sua falência, promover decadência social, matar a urbanidade: (...) *A ausência da diversidade funcional, quarteirões muito longos, falta de definição precisa entre espaços públicos e privados, (...) excesso de espaços imprecisos ou residuais, mau equacionamento do convívio automóvel- pedestre, são alguns dos elementos físicos e espaciais que corroem a urbanidade* (JACOBS, 2001).

Além da exímia utilização dos esquadros no traçado das ruas (que ignora a fragilidade do relevo e do solo locais) percebe-se também, na planta do loteamento, uma desconexão entre ruas (muitas terminando em "cul de sac"), quadras muito longas e várias áreas denominadas "sistemas de lazer", outras denominadas "área institucional". É notório que tais elementos, projetados para o loteamento, não existem no bairro construído. Foi "pensado" numa faixa de proteção aos córregos, de 15 metros de "terra não edificante", a partir das margens\*. São 141 quadras, com 40 lotes cada, em uma área de 2.203.575,90 m<sup>2</sup> (segundo informações da planta). A planta é clara e coerente às boas intenções da implantação deste "loteamento social".

Após a elaboração do projeto do loteamento, há mais de vinte anos, o bairro está com uma população de mais de 10 mil habitantes\*. O projeto foi adaptado, transformado pelos moradores, caracterizado, qualificado pelo uso. Deixou de ser "loteamento social" e metamorfoseou-se em Cidade Aracy. Pode-se dizer que seus moradores são "aracyenses" e "São Carlos" se conecta a este Universo por um tênue cordão. O Cidade Aracy sobrevive

---

\* Os córregos que contornam o bairro encontram-se em grave estado de assoreamento, devido à ocupação imprópria sobre o terreno arenoso e acidentado.

\* Lembrando que este número é válido à área delimitada para a pesquisa: a área referente aos setores censitários correspondentes ao bairro Cidade Aracy, segundo o IBGE.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

flutuando num mar de incertezas de vontades políticas; o bairro pertence à cidade, mas não faz parte dela; é identificado mas não tem identidade para o poder público. Foi projetado para "criar raízes na areia" e, segundo foi constatado nesta pesquisa, seus moradores continuam tentando.

### **6.1.2 Levantamento de Uso e Ocupação - SIG**

---

Para uma visualização mais detalhada do uso e ocupação do solo no bairro, foi feito um levantamento em campo. Foram observadas, nas 141 quadras, as disposições dos diversos estabelecimentos (comerciais, lazer, religiosos, educacionais) e da ocupação residencial. Foi uma etapa extremamente dificultosa devido à estruturação urbana precária do bairro, à topografia acidentada, à degradação das ruas, à disposição complexa e irregular dos estabelecimentos e das residências inseridas nas quadras (as demarcações dos lotes não são bem definidas).

Outra dificuldade encontrada foi a elaboração de um critério para distinguir estabelecimentos comerciais, como os bares e as mercearias, bem como alguns templos religiosos. Na maioria desses estabelecimentos existem pessoas residentes, ou seja, a determinação dessas construções como "comerciais", "religiosos" ou "residenciais" foi um processo intrincado. Neste sentido, optou-se por destacar nos estabelecimentos comerciais e religiosos o uso explicitado pela fachada. Assim, no caso de residências conjugadas a comércios ou a templos religiosos, a demarcação do uso foi "comercial" e "Igreja", respectivamente. Conseqüentemente, as áreas demarcadas como residenciais representam única e exclusivamente as residências.

Este levantamento foi digitalizado em SIG, como pode ser observado na figura 16. Os vetores foram digitalizados sobre as fotografias aéreas georreferenciadas de 1998. Isto pelo fato de as imagens deste ano apresentarem maior nitidez, comparadas às fotografias aéreas de 2000 e às

imagens orbitais de 2002. A atualização, ou seja, as construções edificadas após 1998 foram vetorizadas através da comparação com as fotografias aéreas de 2000 e com anotações feitas sobre o mapa, em campo.

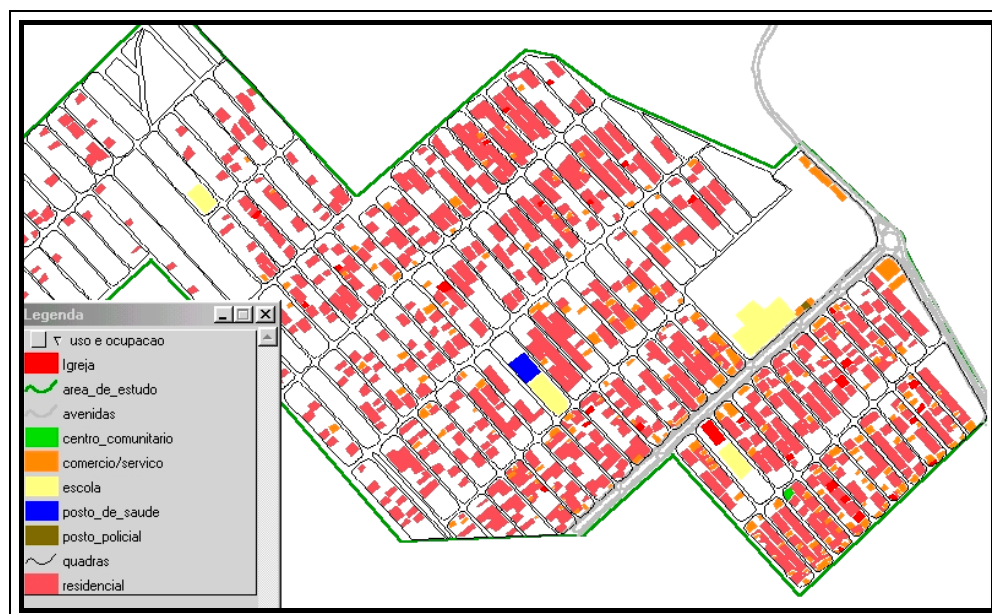


FIGURA 16 - Digitalização do Bairro Cidade Aracy - Uso e Ocupação



FIGURA 17 - Digitalização do Bairro sobre Fotografia Aérea Georreferenciada (1998)

Na pesquisa de campo para este levantamento utilizou-se a planta do loteamento e fotografias aéreas impressas, onde foram feitas as anotações (demarcadas as residências, os estabelecimentos comerciais, as Igrejas e os equipamentos urbanos como as escolas, posto de saúde, posto policial e centro comunitário).

A digitalização do uso e ocupação no SPRING\* foi elaborada com ferramentas disponíveis pelo programa. Entretanto, neste processo, a pesquisadora teve algumas dificuldades, pois as ferramentas de digitalização do programa (SPRING) não proporcionam muita exatidão, pois são carentes de recursos. Isto somado à dificuldade de *vetorizar* a área de estudo, uma vez que os vetores foram digitalizados sobre fotografias aéreas georreferenciadas, onde os lotes não apresentam boa delimitação, assim como as quadras.

Em apêndice encontram-se alguns exemplos do que foi desenvolvido em SIG. Poderá ser observado que o programa possibilita diversas maneiras de se observar o lugar de estudo, inserindo-o, por exemplo, sobre as fotografias aéreas georreferenciadas de várias épocas.

As construções do bairro são irregulares, de difícil delimitação. Por essas razões, a digitalização do uso e ocupação do solo do bairro assumiu uma característica peculiar, sem exatidão de retas e polígonos, como um *croqui* (figura 18). Mesmo assim, foi possível visualizar as características de uso e ocupação do bairro, auxiliando o processo de análise do uso social do solo local.

Outra dificuldade sentida neste processo foi a inconstância de estabelecimentos e construções. Como este levantamento precisou de várias visitas ao lugar, percebeu-se que alguns estabelecimentos fecharam, enquanto que outros foram abertos durante este processo. Dessa forma, tornou-se impossível enumerar com exatidão os estabelecimentos comerciais, os equipamentos urbanos e as Igrejas do bairro. Assume-se também que não

---

\* O SPRING, como já foi dito, é um programa desenvolvido e disponibilizado gratuitamente pelo INPE, sendo periodicamente atualizado.



foram contadas as residências, devido à óbvia dificuldade de demarcação das casas que, no bairro, estão construídas e dispostas irregularmente. Neste caso, foram digitalizadas áreas residenciais, como pode ser observado na figura 18.

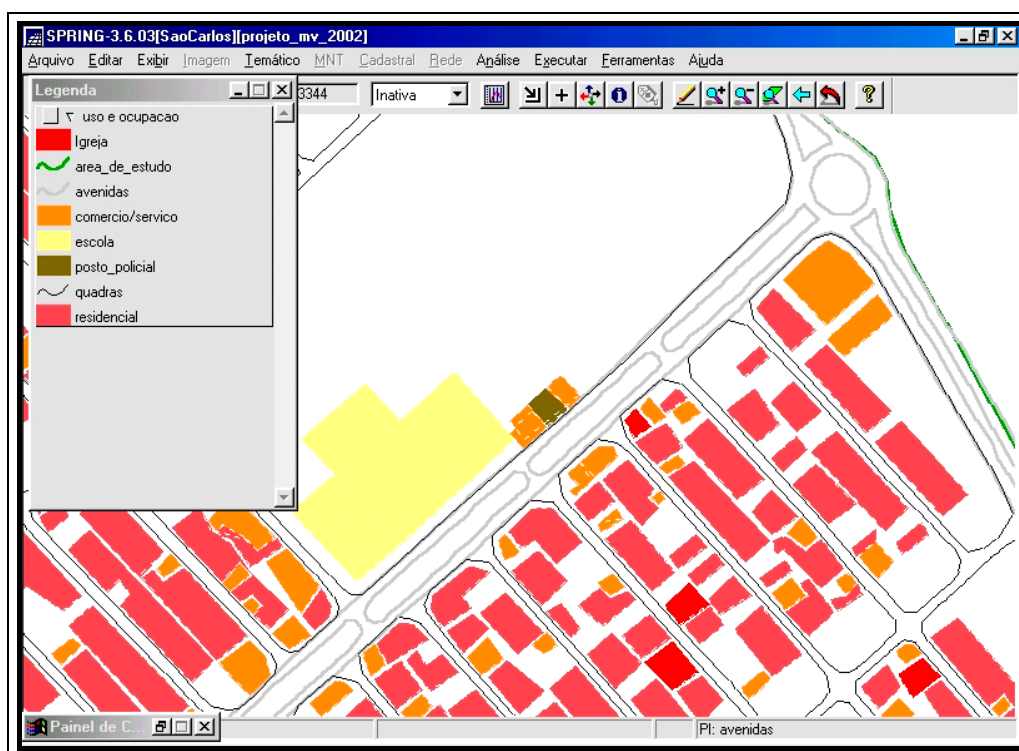


FIGURA 18 - Detalhe da Digitalização do Uso e Ocupação do Bairro

Em relação à análise deste levantamento, percebe-se que os moradores do bairro procuram prover suas necessidades de consumo e de lazer considerando a dificuldade de acesso à "cidade". Existem inúmeros estabelecimentos comerciais de pequeno porte (mercearias, locadoras de vídeo, lanchonetes, padarias, bares-botecos) e uma grande quantidade de cabeleireiros e de templos religiosos (por exemplo, foram contados em um mesmo quarteirão, quatro templos religiosos).



Exemplos de bares

Exemplos de salões de cabeleireiros

Exemplos de Templos Religiosos

FIGURA 19 - Estabelecimentos e construções do Bairro Cidade Aracy  
FOTOS: Mariana Naxara Poli - 2004

As análises elaboradas deste levantamento serão expostas no próximo capítulo. Abaixo encontra-se um gráfico elaborado a partir de dados obtidos através da digitalização do uso e ocupação do bairro em SIG. O programa

(*software* SPRING) oferece ferramentas que possibilitam a elaboração de análises quantitativas, como as áreas dos polígonos digitalizados para classes distintas (área residencial, área comercial, Igrejas, Escolas, Posto de Saúde, posto policial, Centro Comunitário), inseridas no Plano de Informação "Uso e Ocupação".

O programa calculou o número de polígonos para cada classe. Como se pode observar no gráfico 11, segundo o levantamento da pesquisa, o bairro conta com 42 Igrejas (aproximadamente), 4 escolas, 1 centro comunitário e 1 posto de saúde.

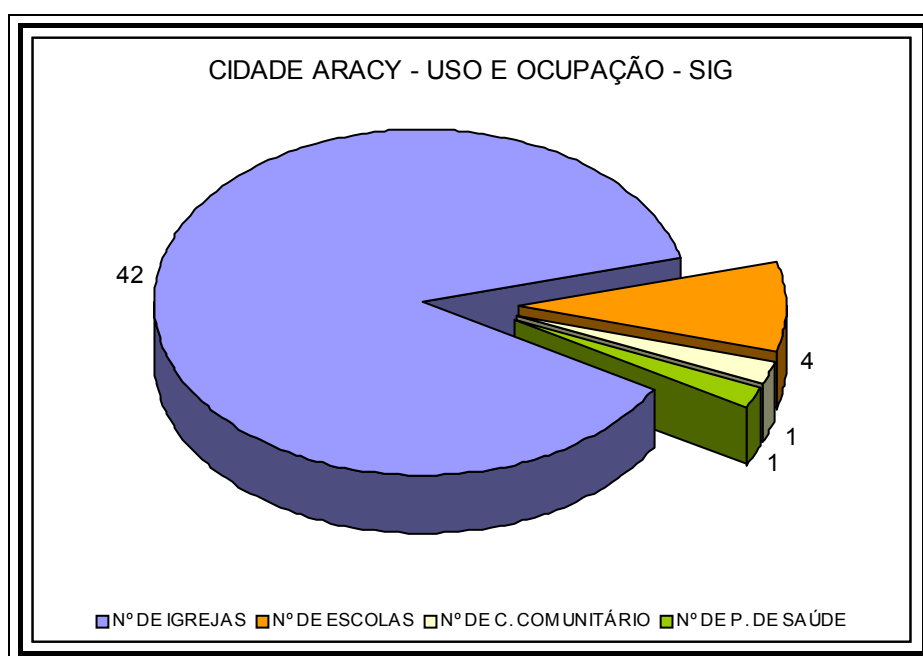


GRÁFICO 11 - Uso e ocupação do bairro Cidade Aracy - N° de estabelecimentos

Como não foi possível enumerar as residências e os estabelecimentos comerciais, considerou-se a área ocupada por estas construções no solo do bairro. Para melhor comparação, foi elaborado o gráfico 12, que expõe a porcentagem do uso do solo do bairro, segundo os dados fornecidos pelo SIG, em relação à área ocupada pelas residências, pelo comércio, pelas escolas e pelas Igrejas.

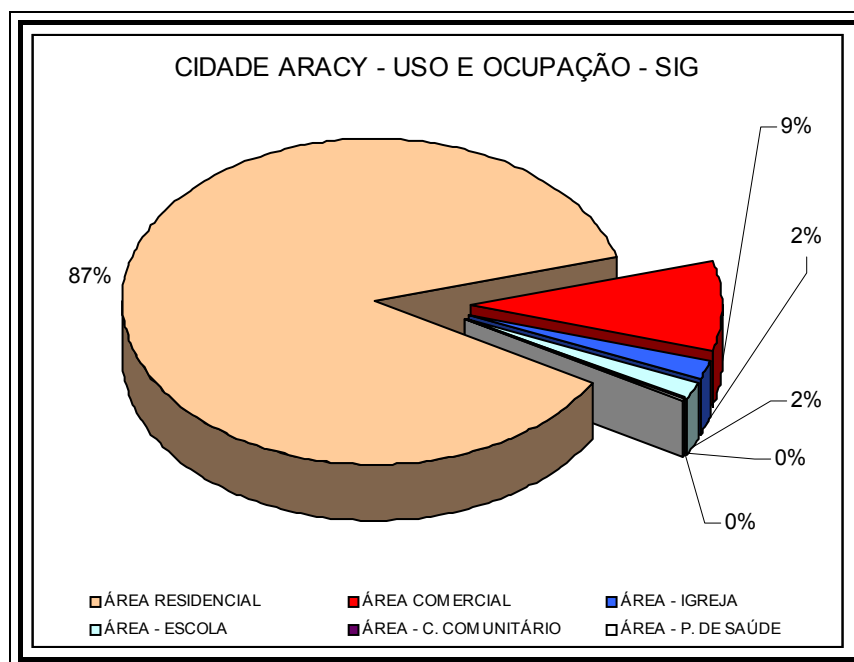


GRÁFICO 12 - Uso e ocupação do bairro Cidade Aracy - porcentagem das áreas aproximadas

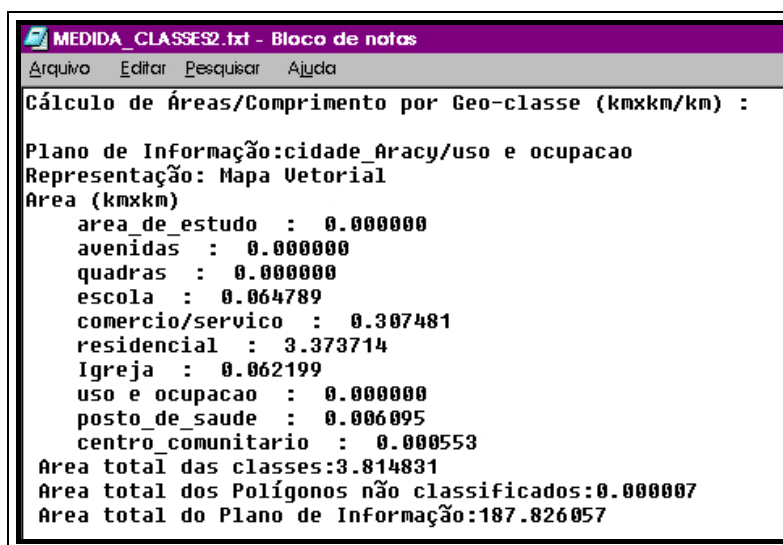


FIGURA 20 - Dados e medidas formuladas pelo SIG para o objeto de estudo

Acima, encontra-se a análise quantitativa formulada pelo SIG-SPRING. O programa calculou a área dos polígonos digitalizados para cada classe temática. Para a pesquisa, estes números não são imprescindíveis, mas é pertinente expor tais dados, como referência a futuros estudos sobre o bairro.

### 6.1.3 Aplicação da Estratégia Metodológica

---

A percepção ambiental foi a estratégia metodológica mais interessante para a análise do uso social do solo na área escolhida, devido à complexidade social e ambiental local e, também, à proposta de captar as especificidades dos fenômenos sociais ali presentes<sup>39</sup>.

Antes de a pesquisa interagir com os usuários do bairro, foram feitas entrevistas com os moradores da cidade, objetivando:

- Captar a percepção dos moradores de São Carlos em relação ao bairro. No caso, foram coletadas informações de pessoas que pouco ou nunca estiveram no lugar. A relevância desta etapa justifica-se por questionar o conhecimento perceptivo dos *estrangeiros* em relação ao lugar. Neste caso, as questões utilizadas nas entrevistas foram abertas, como, por exemplo: "O que você pensa sobre o bairro?". Por não fazer parte dos objetivos específicos da pesquisa, esta etapa serviu para nortear a etapa seguinte, de interação com os moradores do bairro.

A pesquisa seguiu com a aplicação da estratégia metodológica e interagiu com os usuários do bairro. De maneira geral, esta etapa objetivou:

1. Observar a estruturação urbana, a degradação ambiental, as manifestações sociais, os equipamentos urbanos existentes, os estabelecimentos, as residências, ou seja, o cotidiano notório.
2. Captar as manifestações dos usuários do bairro referentes às expectativas (i), à convivência (ii) e às preferências ambientais (iii) de cada indivíduo, no que tange o "senso do lugar"\*. Em cada

---

<sup>39</sup> Conforme escrito em SANT'AGOSTINO (2001, p. 155), o processo metodológico que envolve a Percepção Ambiental é necessário para *produzir uma inteligibilidade do concreto*.

\* No caso de moradores com mais de sete anos de bairro, foram elaboradas questões específicas para a análise multitemporal, relativas à época em que se mudaram para o bairro.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

resposta foram identificados atributos e imagens mentais<sup>40</sup> relativas ao espaço social, natural e físico-urbano.

- i. As expectativas dos usuários foram abordadas com questões referentes à infra-estrutura e a possíveis implantações de equipamentos urbanos (creche, praça, ginásio, entre outros). Foram captadas preferências de cada indivíduo, interpretando as respostas de moradores em relação à estruturação urbana do bairro.
- ii. Outro aspecto explorado pelo estudo da percepção relaciona-se à convivência e aos interesses particulares e coletivos. Isto, pelo fato de o lugar ter-se desenvolvido a partir de uma ocupação induzida. Pressupõe-se que *quanto mais "induzida" e menos espontânea a ocupação do território, mais as interpretações pendem para o individualismo, quer tenha essa indução sido processada pelos mecanismos do discurso "da casa própria" dos núcleos habitacionais (...), quer tenha se processado pelos atrativos propalados pelo marketing imobiliário (...), pois tanto em um quanto em outro processo, 'força-se' uma aglomeração em bloco e impõe-se, de chofre e aleatoriamente, a convivência de repertórios culturais os mais variados e díspares, que leva ao encapsulamento defensivo da 'propriedade conquistada' \**. Isto leva a refletir sobre a importância de se obter informações relativas à consciência e ao desejo individual de estabelecer limites entre o público e o privado.

---

<sup>40</sup> *Elas representariam as percepções básicas do processo cognitivo relativo ao ambiente, pois refletem as dimensões das relações do cotidiano social e das geografias natural e construída, conformando os principais aspectos do "senso do lugar" (Lynch apud del RIO, 1999).*

\* SANT'AGOSTINO, L.H.F. **Rumo ao Concreto**. Tese de Doutorado, FAUUSP, 2001, p. 165.

POLI, M.N. (2004). **A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

- iii. Desenvolver o estudo da percepção das preferências ambientais e do senso de lugar dos usuários através da análise das imagens mentais por eles reveladas. Por exemplo: através de questões específicas procurou-se obter respostas relativas à primeira idéia que ocorre ao entrevistado a respeito do bairro. Nesta abordagem procurou-se saber dos entrevistados quais elementos físicos do bairro são mais significativos.

Resumidamente, as informações coletadas através das entrevistas são referentes à:

1. Opinião do "estrangeiro";
2. Expectativas dos usuários;
3. Convivência dos usuários (limites do público e do privado); e
4. Preferências ambientais dos usuários.

### **6.1.3.1 A Pesquisa de Campo**

---

#### **▶ Pesquisa Piloto com os moradores da cidade**

---

Esta pesquisa piloto contou com entrevistas com moradores da cidade de São Carlos (e NÃO do bairro Cidade Aracy), a fim de captar opiniões desses moradores em relação ao bairro. No caso foram coletadas informações de pessoas que pouco ou nunca estiveram no lugar. Captar a percepção, neste caso, significa revelar imagens ambientais destas pessoas referentes ao bairro enfocado nesta investigação através da interpretação de suas opiniões.

A importância desta etapa reside em compreender o que representa o bairro no imaginário de são-carlenses não residentes no Cidade Aracy, distinguindo as percepções dos usuários do bairro da dos “estrangeiros” a ele.



Nesta pesquisa piloto foram entrevistadas 15 pessoas abordadas em diferentes locais da cidade (universidade, calçadão do comércio, pontos de ônibus, rua do centro comercial).

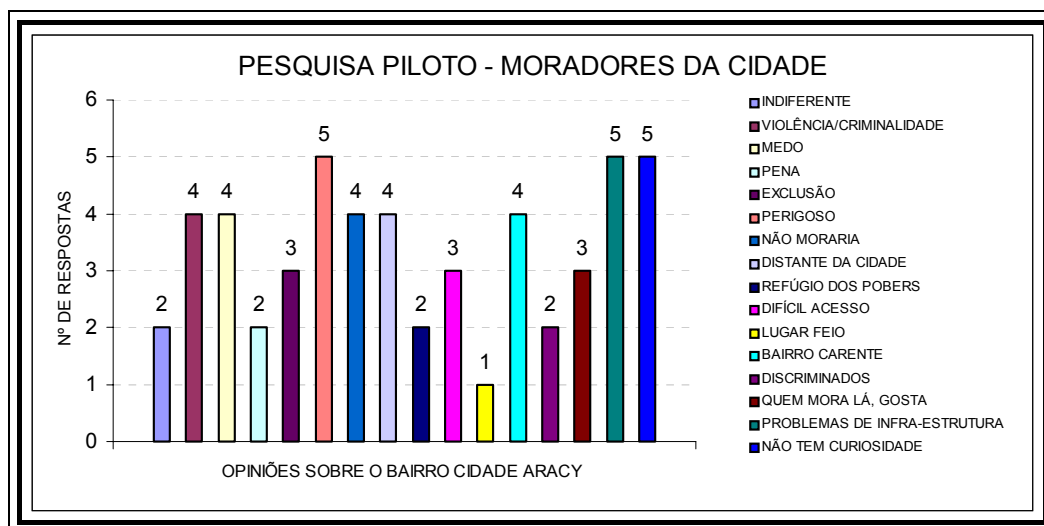


GRÁFICO 13 - Pesquisa Piloto - Opinião dos moradores da cidade sobre o bairro Cidade Aracy

Pode-se observar pelo gráfico acima, que as respostas de moradores da cidade carregam valores e opiniões parecidas sobre o Cidade Aracy, sendo que a maioria das manifestações foi negativa. São, de maneira geral, opiniões manifestadas com diversas denominações, mas com sentido comum ou análogo. Como esta pesquisa se mostrou coerente e sem desvios estatísticos (uma vez que as informações são qualitativas e, também, porque os moradores da cidade não fazem parte dos objetivos específicos da pesquisa) foi utilizado o mesmo instrumento de coleta de dados para definir e concluir esta parte da pesquisa, como pode se visto adiante.

#### ► Pesquisa definitiva com os moradores da cidade

Como a pesquisa piloto para esta fase mostrou-se pertinente à obtenção das informações necessárias, foi utilizado o mesmo questionário. Desse modo,



a pesquisa definitiva contou com as respostas da pesquisa piloto, somando-se mais dez entrevistas (resultando 25 no total).

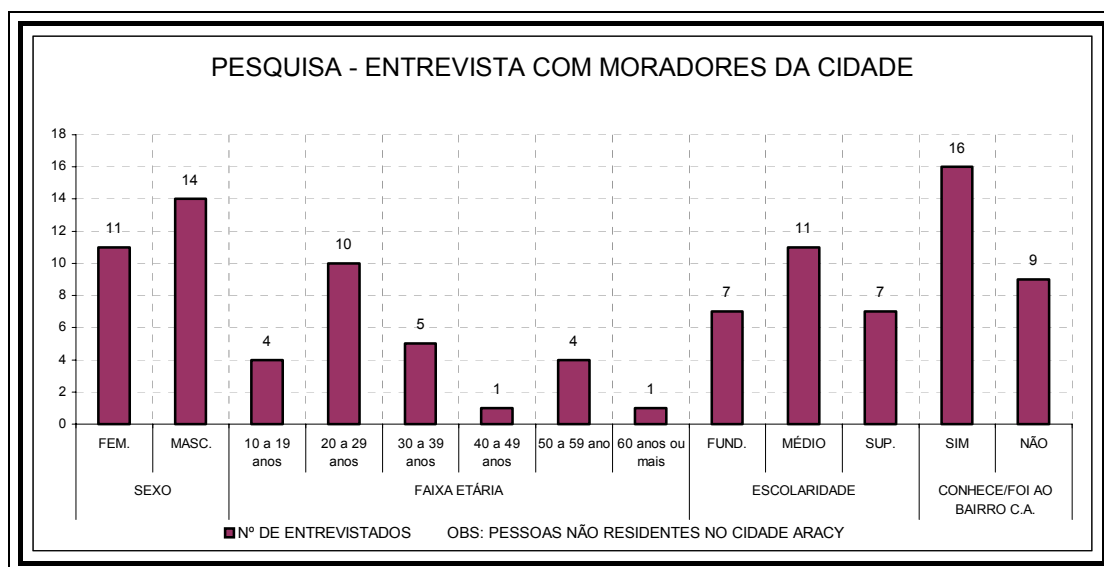


GRÁFICO 14 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Informações Gerais sobre os entrevistados

Vale lembrar que as codificações das respostas foram colocadas na planilha de acordo com as informações obtidas nas entrevistas, ou seja, para questões abertas e qualitativas, foram considerados as informações dadas e os comentários de cada entrevistado.

Ressalta-se que as respostas relacionadas à opinião dos entrevistados sobre o bairro Cidade Aracy foram, de certo modo, análogas. As respostas variaram quanto às denominações, mas todas apresentaram julgamentos comuns (exceto poucas pessoas, indiferentes em relação à existência do bairro ou que denominaram a área discriminada e injustamente qualificada pela maioria que não vive lá).

Muitos dos que não conhecem o lugar sentem medo, acham o lugar feio ou pensam que lá moram as pessoas carentes e sem oportunidade da cidade. Interessante observar que as pessoas mais instruídas (com curso superior) citaram a exclusão social e a dificuldade de acesso e distância do bairro ao centro da cidade (ou seja, referiram-se à segregação sócio-espacial). Isso

reforça o que foi afirmado há pouco: apesar de ser o discurso mais ou menos elaborado, as pessoas entrevistadas manifestaram opiniões semelhantes sobre o Cidade Aracy.

A análise desta pesquisa revelou que o bairro é discriminado por moradores da cidade, sendo que a imagem mais recorrente do Cidade Aracy para os são-carlenses entrevistados é negativa, relacionada à decadência social. Foi observado que, na maioria das opiniões, existe uma repulsão, uma relação de rejeição e de afastamento dos moradores da cidade com os **moradores** do Cidade Aracy, uma vez que poucas pessoas manifestaram opinião sobre aspectos físicos do bairro.

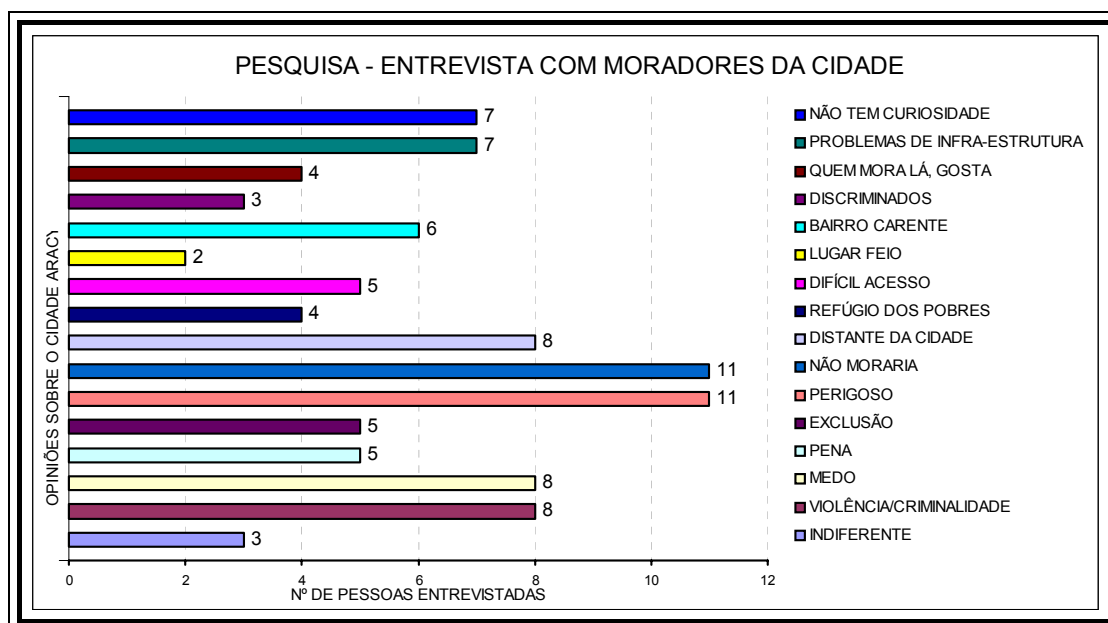


GRÁFICO 15 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões Gerais sobre o bairro Cidade Aracy

A funcionalidade do bairro, para alguns entrevistados, está em abrigar os excluídos, pobres e carentes da cidade; para muitos, o bairro está distante de seu cotidiano. Dos nove entrevistados que não conhecem o bairro, sete não têm curiosidade em conhecê-lo.

Algumas pessoas disseram que o bairro é bom para a cidade, pois "graças" a ele, não existe favela em São Carlos. Alguns entrevistados tocaram

na questão da falta de infra-estrutura, mas não relacionaram o fato a questões políticas.

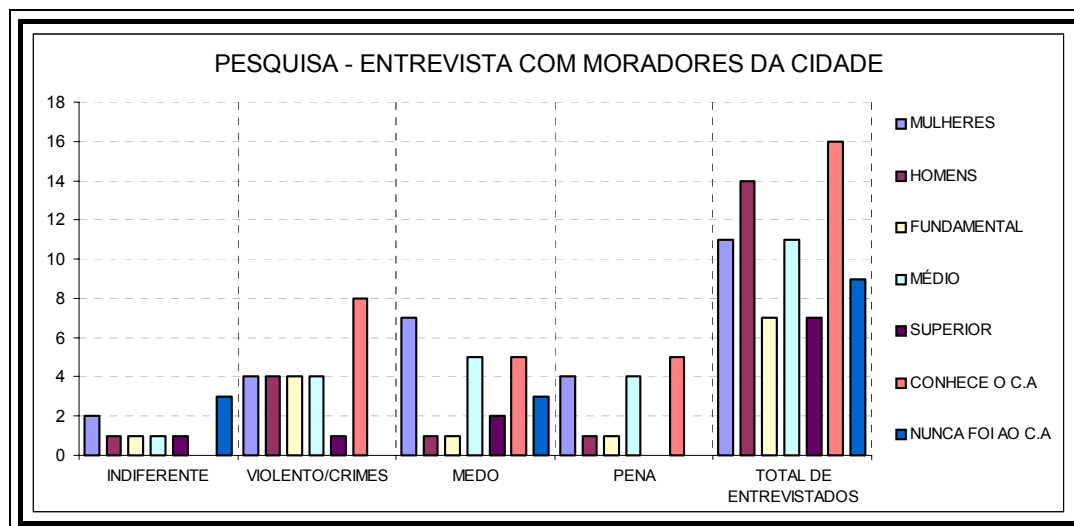


GRÁFICO 16 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy

Observando o gráfico acima, percebe-se que os entrevistados que nunca foram ao Cidade Aracy não manifestaram opiniões sobre violência, ao passo que 50% dos que já foram ao bairro inseriram em seus depoimentos a violência como fenômeno característico do lugar.

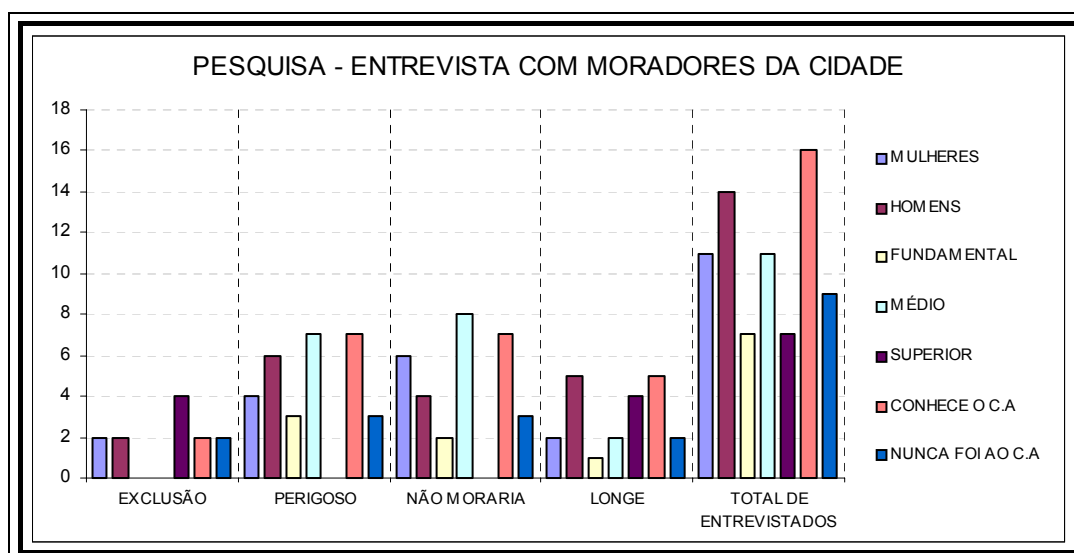


GRÁFICO 17 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy

As pessoas entrevistadas, que mais manifestaram opiniões, foram as que já estiveram no Cidade Aracy. Tais pessoas apontaram diversas características, físicas e sociais, relacionadas ao bairro. Por exemplo: uma mulher, de 37 anos, afirmou que, para ela, o bairro é perigoso, feio, longe da cidade e que não moraria lá porque tem medo da violência, além de sentir pena dos moradores do bairro, por serem pessoas pobres e carentes.

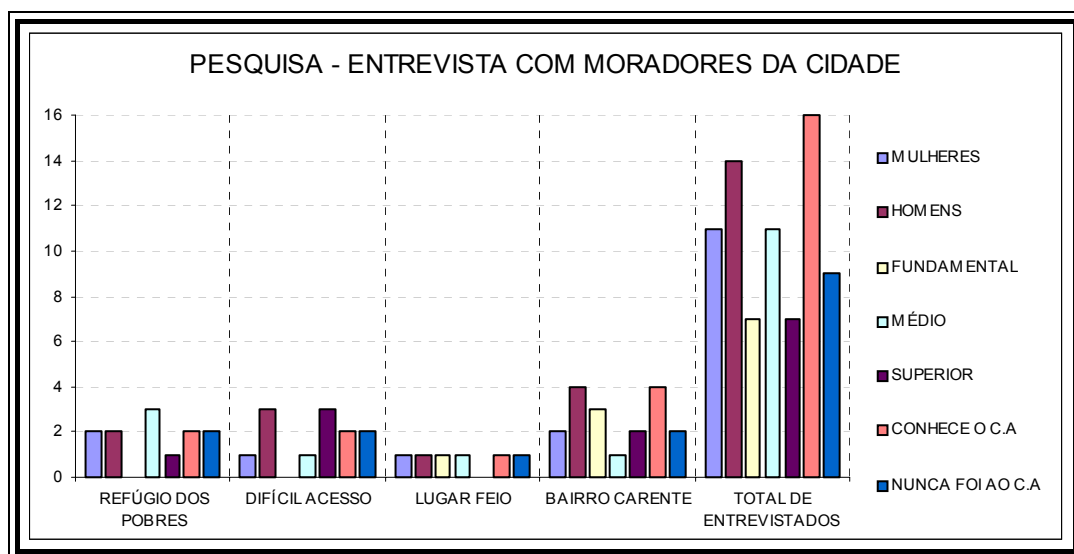


GRÁFICO 18 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy

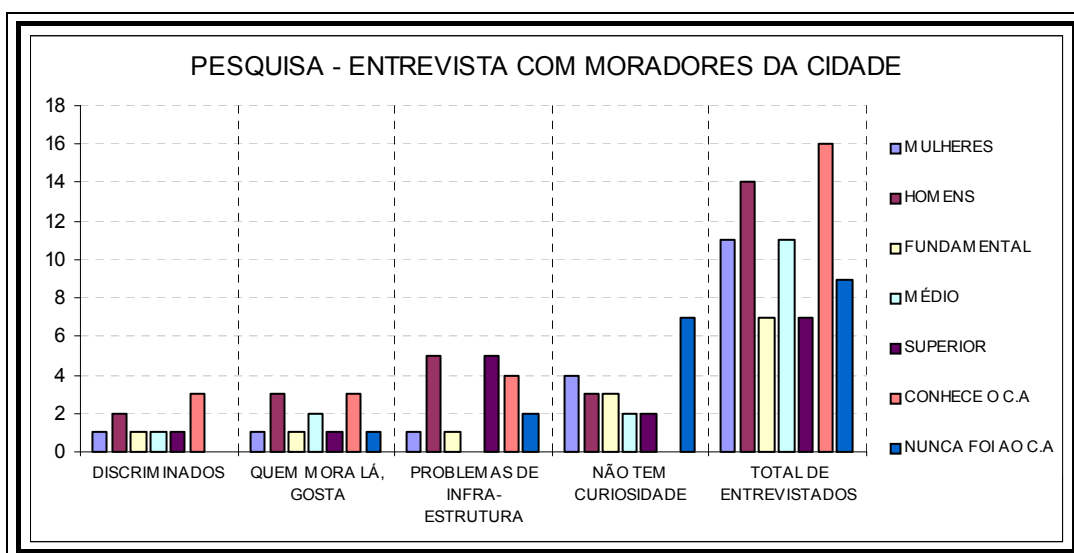


GRÁFICO 19 - Pesquisa - Moradores da Cidade - Opiniões sobre o bairro Cidade Aracy

QUESTIONÁRIO - MORADORES DA CIDADE - SOBRE O BAIRRO CIDADE ARACY - PESQUISA REALIZADA EM MAIO E AGOSTO DE 2003 - PESQUISADORA: MARIANA NAXARA POLI																								
QUESTÕES GERAIS								OPINIÃO SOBRE O LUGAR (RESPOSTAS RECORRENTES)																
QUESTIONÁRIO	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	ORIGEM	TEMPO MORANDO EM SÃO CARLOS	CONHECE O CIDADE ARACY	QUANTAS VEZES FOI AO BAIRRO	POR QUE	INDIFERENTE	VIOLÊNCIA/CRIMINALIDADE	MEDO	PENA	EXCLUSÃO	PERIGOSO	NÃO MORARIA	DISTANTE DA CIDADE	REFÚGIO DOS POBRES	DIFÍCIL ACESSO	LUGAR FEIO	BAIRRO CARENTE	DISCRIMINADOS	QUEM MORA LÁ, GOSTA	PROBLEMAS DE INFRA-ESTRUTURA	NÃO TEM CURIOSIDADE
1	F	25	3	2	2	2	99	99			X		X				X			X				X
2	M	56	1	2	23	1	1	3				X									X			
3	F	33	2	2	7	2	99	99	X													X		X
4	F	23	2	1	23	1	3	3		X			X	X										
5	M	25	3	2	18	1	5	3		X			X		X		X							X
6	F	19	2	1	19	1	1	3		X	X													
7	M	23	3	1	23	1	6	4								X								X
8	M	22	3	2	5	1	1	2								X								X
9	M	25	2	2	9	1	6	4						X		X						X		
10	M	61	1	2	18	2	99	99												X			X	X
11	F	16	1	1	16	2	99	99	X															X
12	F	37	2	1	37	1	5	3		X	X	X		X	X				X					
13	M	33	3	2	22	1	2	3					X			X		X		X	X	X	X	
14	M	51	1	2	18	1	6	3		X				X	X					X				
15	M	17	2	1	17	2	99	99						X	X	X		X						X
16	F	20	2	1	20	1	2	3		X				X	X									
17	M	37	3	2	8	2	99	99	X															
18	F	57	2	1	57	1	6	3			X	X			X	X	X			X	X			
19	F	29	3	2	5	2	99	99			X		X			X		X						X
20	F	32	2	1	32	1	3	4		X		X		X	X									
21	M	55	1	2	30	1	3	3		X												X		
22	M	16	1	1	16	2	99	99			X			X	X				X					X
23	F	24	2	1	24	1	1	3			X	X			X									
24	M	48	1	2	20	1	1	2		X				X	X					X				
25	M	27	2	1	27	2	99	99						X	X		X							

FIGURA 20 - Planilha elaborada a partir da pesquisa com os moradores da cidade

Acima, pode-se observar a planilha elaborada com as respostas do questionário aplicado na pesquisa com os moradores da cidade de São Carlos. Em Apêndice estão o questionário aplicado com os moradores da cidade e a planilha com a codificação das respostas\*.

\* Pode-se encontrar cópia dos questionários respondidos relacionados a esta pesquisa na Secretaria da Pós-Graduação em Engenharia Urbana da UFScar.

---

▶ **Pesquisa Piloto com os moradores do bairro**

---

O instrumento de coleta de dados definitivo (o questionário) para a etapa de interpretação de fenômenos sociais específicos do bairro foi elaborado a partir de pesquisas piloto. As questões foram adaptadas de maneira a melhorar a qualidade das informações a serem coletadas. Durante a aplicação das pesquisas piloto, foram feitas anotações que serviram para complementar os questionários. Algumas questões foram elaboradas também com o auxílio de bate-papo informal com moradores que indicaram informações interessantes à pesquisa.

Foram feitas duas pesquisas piloto com moradores do bairro, totalizando 25 entrevistas. Cada entrevista durou, em média, 40 minutos (exceto aquelas em que as pessoas discursavam sobre questões principalmente políticas ou, no outro extremo, aquelas em que as pessoas ficaram muito constrangidas ou sem disposição a responder).

- Primeira pesquisa piloto

A primeira pesquisa piloto de abordagem teve a preocupação de captar dados referentes:

1. ao TEMPO: há quanto tempo a pessoa mora no bairro e, em caso propício, na cidade;
2. ao ESPAÇO (lugar): onde se concentram as ações cotidianas referentes aos temas consumo, habitação, educação, trabalho, saúde e lazer e como se caracteriza a relação dos usuários com “a cidade”;
3. a DISPOSIÇÃO: captar o grau de disposição e ou de constrangimento dos entrevistados a abordagem.

Este primeiro contato com os moradores do bairro serviu para fazer ajustes no método de abordagem e na elaboração do instrumento de pesquisa definitivo. Além disso, possibilitou o alcance da qualidade e do conteúdo

coerentes com as intenções do trabalho. Constatou-se, por exemplo, que os moradores têm, de maneira geral, boa disposição para responder as perguntas qualitativas e um pouco de constrangimento para responderem as perguntas referentes ao grau de escolaridade e a renda própria. A seguir estão os gráficos elaborados com as informações desta primeira pesquisa piloto.

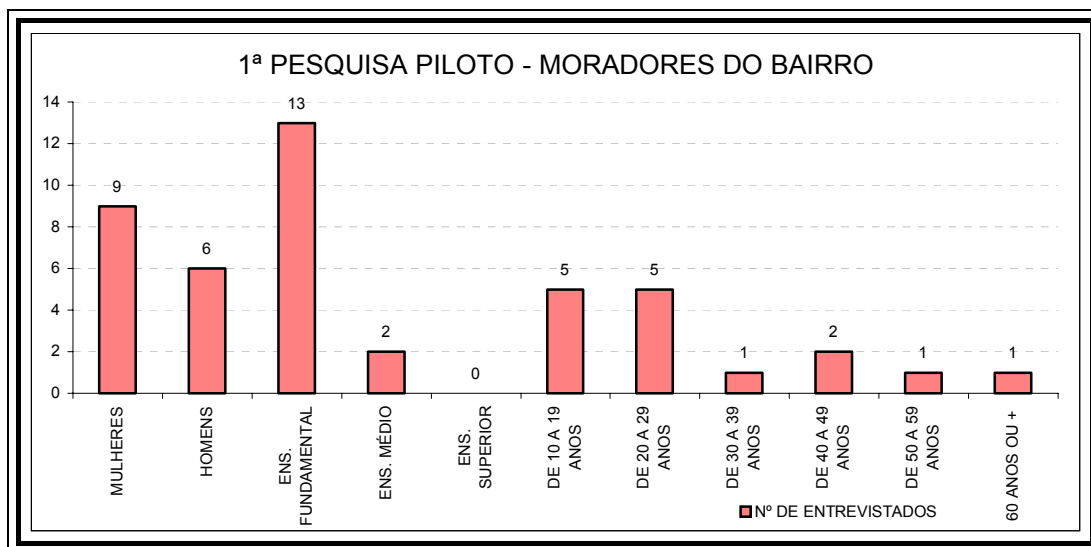


GRÁFICO 20 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Moradores do Bairro - Informações Gerais

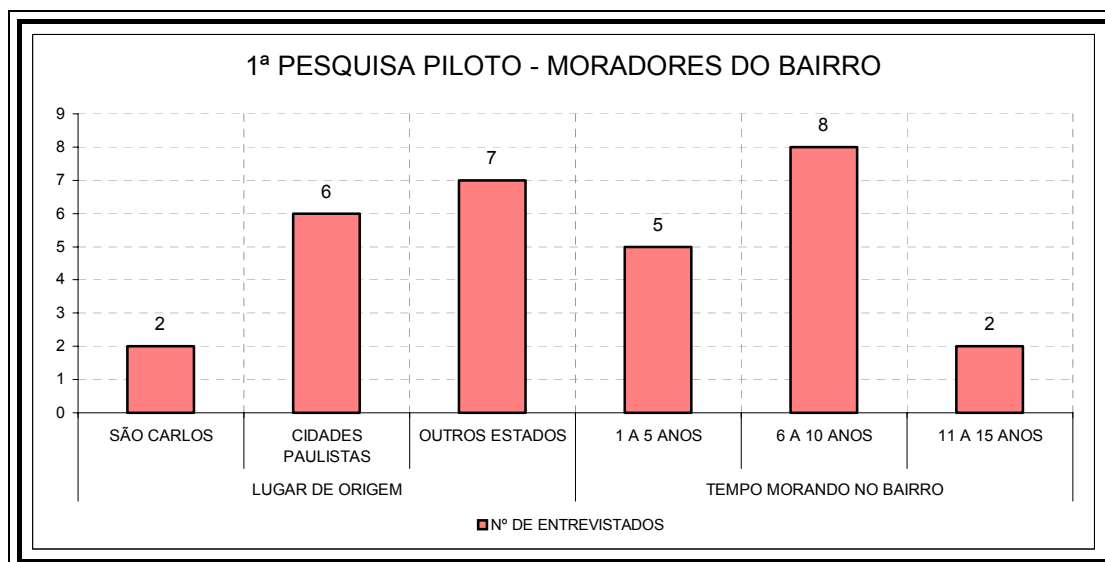


GRÁFICO 21 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Lugar de origem e tempo morando no bairro

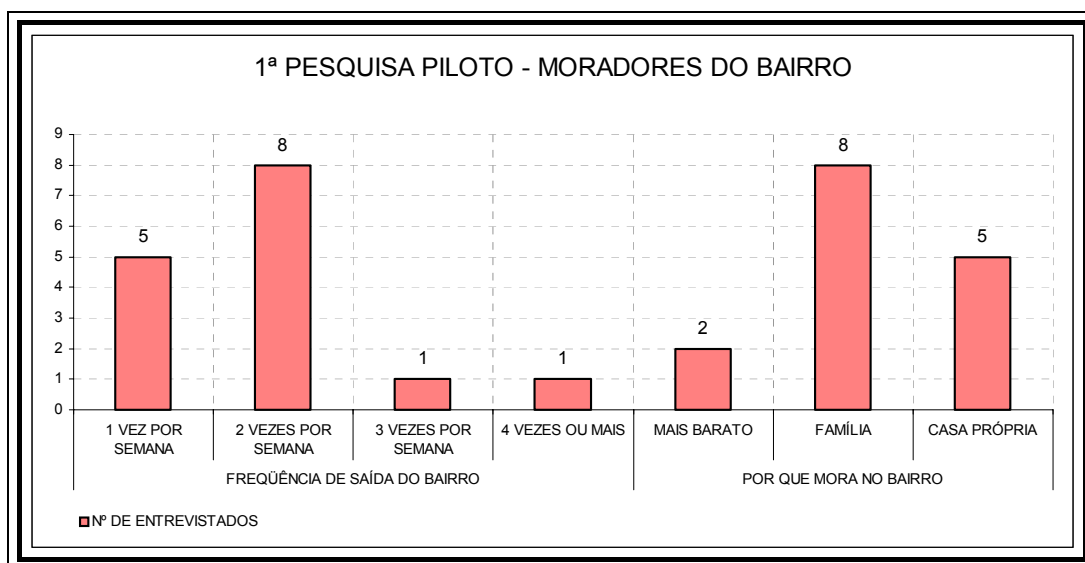


GRÁFICO 22 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Frequência de saída e motivo de ir morar no bairro

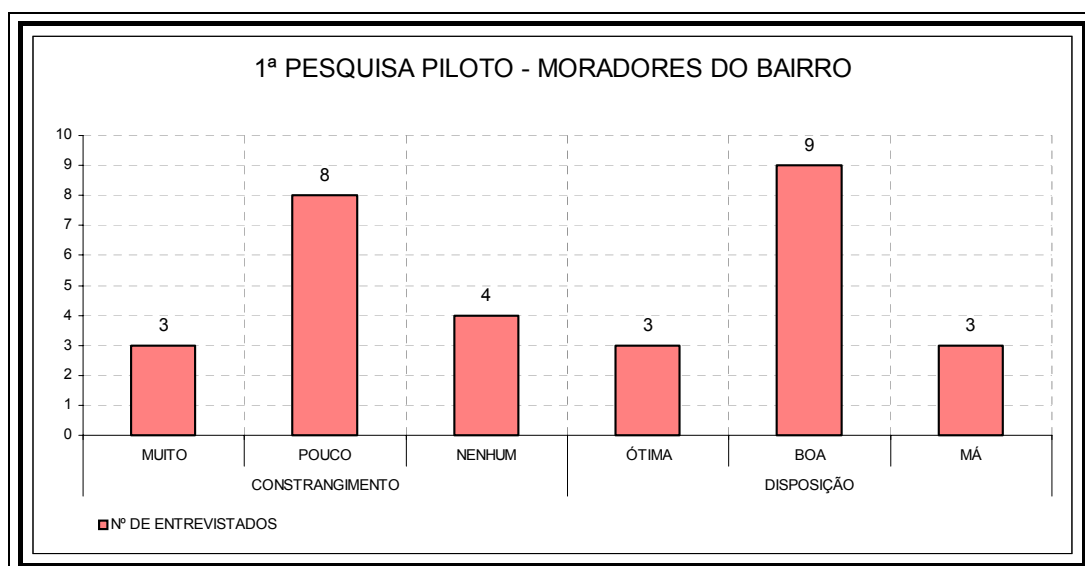


GRÁFICO 23 - Pesquisa Piloto Nº 1 - Constrangimento e Disposição à entrevista

- Segunda pesquisa piloto

A segunda pesquisa piloto foi elaborada a partir de correções feitas na primeira pesquisa e com um estudo mais aprofundado das intenções do trabalho, delimitando as questões imprescindíveis à análise final. Entre a primeira pesquisa e esta, foram desconsideradas algumas questões e outras



foram adicionadas. Esta pesquisa mostrou-se coerente com o objetivo da coleta de dados. Por isso, as respostas foram consideradas e somadas as outras obtidas com a continuidade da aplicação do mesmo questionário.

Em relação às modificações necessárias na pesquisa, pode-se ressaltar a eliminação de duas questões. A primeira "o que, na sua casa, acha mais importante?"; nesta questão, todos os entrevistados ficaram constrangidos, sem saberem o que responder. Foi necessário insistir e o resultado foi que todos, sem exceção, responderam que "tudo" é importante. Esta questão foi substituída por "o que é mais importante, para você, no bairro?", pois já nesta segunda pesquisa foi obtida tal informação, através da apreensão dos dizeres dos moradores durante os depoimentos. A outra questão excluída do questionário foi "qual o bairro em que morou, antes desse?": chegou-se a conclusão de que essa pergunta não traz informações relevantes para a análise uma vez que, na grande maioria das respostas, as pessoas vieram de outras cidades e nunca moraram em outros bairros de São Carlos.

---

► **Pesquisa Definitiva com os moradores do bairro**

---

Após os ajustes feitos nas questões, tendo em vista os resultados das pesquisas piloto, foi possível elaborar e aplicar a pesquisa definitiva como os moradores do bairro. Como já foi dito, as respostas da segunda pesquisa piloto foram consideradas, uma vez que os ajustes foram poucos (exclusão de questões e modo de abordagem). Dessa forma, a pesquisa definitiva totalizou 60 entrevistas; este número foi considerado uma amostra significativa da população alvo, levando em conta as informações obtidas.

No momento de abordagem foi possível chegar a algumas conclusões como, por exemplo, que as pessoas entrevistadas que moram em casas mais bem acabadas são as mais *descontentes* com o lugar. Este fato pode ser exemplificado nas palavras de uma entrevistada que mora numa casa boa, comparada às demais casas do bairro:

"Quando eu me mudei pra cá, vim chorando. Não acostumei com este lugar. Mas é muito difícil vender a casa aqui. Eu não saio de casa. Os ônibus pra cidade são lotados, não dá coragem. Vim pra cá com o meu filho pra sair do aluguel. Mas eu gostaria de morar em qualquer outro lugar. Não gosto de morar aqui, mas não tem outro jeito."

No outro extremo, as pessoas com menor poder aquisitivo se mostraram contentes com o lugar, mesmo que algumas são revoltadas com a discriminação que sofrem. Um dos entrevistados contou um fato que expõe este problema:

"Uma conhecida minha viu uma placa lá no centro da cidade que dizia: *precisa-se de doméstica, menos do Aracy*. Não é um absurdo? Eu fico revoltada!"

Outro entrevistado disse que as pessoas da cidade pensam *que tudo de ruim acontece no Aracy*.

Entre as respostas também é pertinente expor algumas informações obtidas como o por quê de tantas pessoas do Paraná\* morarem no bairro. Um dos entrevistados disse que, depois de 1992, com a reforma política da época, os agricultores do Paraná faliram e ficaram endividados. Vieram para São Carlos induzidos pela propaganda feita pelo poder público local, na qual se prometia emprego e casa própria. Mas o resultado dessa empreitada não foi a desejada, como conta o entrevistado:

"Vim com a esperança de um futuro, mas deu tudo errado. Você vê esse monte de gente na rua. É tudo desempregado. Aí, esse pessoal fica revoltado com a sorte e acaba na marginalidade. Eu mesmo, fui roubado dentro de casa, quatro vezes".

---

\* Foi observado que muitos estabelecimentos comerciais do bairro apresentam a palavra "Paraná" no letreiro.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

Foi observado também que na maioria das respostas, a questão da paisagem ou da estrutura urbana não é de grande importância para os moradores do bairro. Eles se preocupam mais com a convivência, com a segurança e com o bem estar individual (com a casa, com a família e com a situação financeira - muitos estão desempregados e buscam sustento através de serviços informais como a cata de papelão e de lixo).

A questão *"fale o primeiro lugar, daqui do bairro, que lhe vem na mente"* mostrou que, para a maioria, a escola CAIC é uma grande referência ambiental, sendo a Igreja, a segunda grande referência para os moradores.

Para os moradores com mais de sete anos no bairro, a paisagem não foi o que mais lhes chamou a atenção na época em que se mudaram para lá. Nas respostas, o mais percebido foi o pouco número de pessoas e de casas.

Alguns aspectos importantes do bairro foram observados pela pesquisadora, como a presença de estabelecimentos comerciais com a finalidade de sanar a dificuldade de acesso à cidade. Existem muitos mini-mercados, padarias, bares, lojas de materiais de construção\*, além de um número impressionante de igrejas e de salões de cabeleireiro.

Esta foi uma exposição das primeiras impressões obtidas com a aplicação da pesquisa no bairro Cidade Aracy. Os gráficos com as respostas desta pesquisa foram elaborados, bem como o cruzamento dos dados para a análise e obtenção dos resultados.

No próximo capítulo serão expostos os resultados e a análise definitiva da pesquisa com os moradores do bairro. Os dados coletados sobre o bairro e sua história, as análises das entrevistas, os gráficos, o levantamento de uso e ocupação em SIG e o cruzamento de todas estas informações adquiridas e tratadas serão discutidas e exploradas, o que evidenciará as interpretações elaboradas sobre o uso social do solo no bairro Cidade Aracy.

---

\* Foi constatado, através das entrevistas com os moradores da cidade, que muitos conhecem o bairro pela necessidade de materiais de construção. Segundo estes entrevistados, o Cidade Aracy, é o único lugar da cidade onde as lojas de construção ficam abertas, de segunda a segunda.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

## 7. ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES

---

O usuário age e interage dentro do espaço social, lugar onde ocorrem modificações representadas por sinais e marcas deixadas no tempo e no espaço através de processos de transformação social. Tais modificações “escrevem” uma história não verbal sustentada por imagens, máscaras, fetiches, designando expectativas, valores, usos, hábitos e crenças do homem que dinamiza o espaço social.

Assim, a linguagem do espaço urbano se manifesta através de representações que são acionadas pelo usuário. Segundo FERRARA, *a transformação da cidade é a história do uso urbano escrita pelo usuário e o significado do espaço urbano é o desenvolvimento daquela recepção* (1993a, p. 106). Por isso neste trabalho, toma-se o objeto de estudo como um espaço de representação. As estruturas de representações manifestadas pelos usuários locais são a linguagem do lugar.

Este capítulo caracteriza-se por conter os resultados da pesquisa aplicada no bairro Cidade Aracy desde o levantamento de uso e ocupação, passando pelas análises e interpretações das entrevistas, até a elaboração de um vídeo. Será então apresentada a leitura do lugar, partindo do princípio de que o espaço urbano é uma linguagem que pode ser lida ou decodificada, através de associações e de observação atenta das representações manifestadas pelos usuários, através do uso de seu espaço vivido.

## **7.1 Análise e Interpretação**

---

A análise e a interpretação do uso social do solo no bairro partiram de um processo de descobrimento e de envolvimento com o lugar, como foi explicitado nos capítulos anteriores. O resultado dessa leitura foi viável através da aplicação de constantes estratégias de abordagem do objeto de estudo, lembrando que tal resultado é o possível, não o correto ou o total, levando em

conta que não existe um método *predeterminadamente* eficaz para a captação da percepção dos usuários de um lugar.

Considerando a dinâmica e a natureza do objeto de leitura, optou-se por articular algumas estratégias de abordagem, como o levantamento de uso e ocupação em SIG, as entrevistas com os usuários do bairro e o discurso cinematográfico (vídeo documentário). As associações e interpretações, apresentadas neste capítulo, estão relacionadas ao olhar da pesquisadora, embasado na fundamentação teórica descrita na revisão bibliográfica desta dissertação.

Neste processo, foi preocupação constante da pesquisa manter o envolvimento com o lugar, sempre testando a estratégia escolhida de abordagem do objeto de estudo, fazendo adaptações necessárias à captação de informações pertinentes ao uso social do bairro. Foi necessário um critério de apreensão daquele espaço, através de atenção constante sobre o cotidiano local, o que não deixa de ser um controle metodológico de observação.

A capacidade associativa da pesquisadora, articulada à observação do cotidiano e da natureza locais, buscou superar a opacidade da imagem cotidiana que é heterogênea e polissensorial. Atrelado à este esforço, houve ainda o cuidado de afastar o olhar observador e especulativo de armadilhas relacionadas à juízos de valor. Muitas vezes, este exercício foi calcado no processo de captação, aceitação, e questionamento de sentimentos, ainda existentes durante o envolvimento da pesquisadora com o lugar, como a caridade, a pena e o medo.

### **7.1.1 Levantamento - Uso e Ocupação**

---

A análise do levantamento de uso e ocupação do bairro foi atrelada à observação da estruturação física e do cotidiano locais. Além da digitalização dos equipamentos urbanos, das ruas e avenidas e das construções em geral,

foram observadas características peculiares, relacionadas à adaptação dos moradores ao loteamento. Isto significa que alguns elementos concretos, distribuídos no espaço físico do bairro, são também importantes elementos para a análise do uso social do lugar. Como a etapa de digitalização em SIG já foi explicada no capítulo anterior, cabe aqui expor as análises e interpretações elaboradas através do levantamento de uso e ocupação do Cidade Aracy.

- **Caos e complexidade**

Inicialmente, o que mais chamou atenção na forma urbana do bairro foi a complexidade, a peculiar heterogeneidade, o "caos" específico ali estampado. Específico porque faz parte de um contexto único, que não é visto em outras partes da cidade. São muitos os signos a serem lidos, interpretados em cada residência, nas ruas, no cotidiano. A leitura dessa imagem complexa e heterogênea (a mescla meio físico-vivido) é a análise/interpretação da maneira como os moradores se apropriam do espaço, como eles relacionam-se (entre si e com o lugar), adaptam-se e são adaptados, transformam-se e são transformados.

A perplexidade inicial, sentida nas primeiras visitas de observação da dimensão fenomenológica<sup>41</sup> local - o cotidiano - foi sendo substituída pelo entendimento daquela complexidade, através da associação do que é visto ao contexto histórico e social já estudados.

A ordem, a organização peculiar do Aracy, foi estruturada pelos moradores, segundo suas necessidades e possibilidades, atreladas ao repertório cultural herdado de suas biografias particulares.

Segundo a observação feita *a priori* no bairro, o "caos" e a "complexidade" de um todo sólido desmancham-se em universos e dimensões organizadas e passíveis de apreensão e de entendimento, onde estão gravados poderes de força e de fragilidade.

---

<sup>41</sup> *A fenomenologia é a transmutação do real abstrato em real concreto. E vice-versa.* SANTOS, 2002, p. 122.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP.* Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.



FIGURA 21 - Casas do bairro Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2004

- **Os "Aracys"**

Durante o levantamento de uso e ocupação, conversas com moradores do bairro revelaram que o Cidade Aracy foi "dividido" em porções. Esta divisão foi criada pelos próprios moradores que apelidaram as porções de "Aracy um", "Aracy dois" e "Aracy três".

Tais porções são distintas quanto à densidade populacional e quanto à concentração de estabelecimentos comerciais e de equipamentos urbanos. Chamou atenção a maneira como algumas pessoas se referem a esses "Aracys". Muitos discriminam a porção vizinha. Por exemplo, um morador que mora no "Aracy um" disse que o "Aracy três" é perigoso, e que não moraria "lá". No âmbito das necessidades, moradores do bairro mantêm-se afastados, física e psicologicamente, dos "Aracys" onde não moram. Ou então, almejam morar no "Aracy melhor".



O "Aracy um" corresponde às três primeiras faixas de quadras construídas na época da implantação do loteamento. Compreende as duas avenidas mais movimentadas do bairro, a maior concentração de estabelecimentos comerciais e a maior densidade populacional. Apresenta também melhor infra-estrutura, comparando-o aos outros "Aracys". Segundo corretor imobiliário da Imobiliária Faixa Azul, um lote inteiro nesta porção custa, em média, R\$6.000,00.

O preço do lote cai para R\$5.000,00, no "Aracy dois". Esta área corresponde à área central do bairro compreendendo também três faixas de quadras. Comparada ao "Aracy um", esta área apresenta construções dispersas sobre o solo, topografia acidentada e erosões, apresentando, conseqüentemente, vazios ou terrenos desocupados em várias quadras.

No "Aracy três" o lote inteiro custa, em média, R\$3.000,00 segundo o corretor. As casas são mais precárias e as pessoas mais carentes, comparando esta porção com as outras. Corresponde à área rarefeita, com pouca infra-estrutura e com maior degradação ambiental. Nesta área encontra-se o "lixão", fonte de renda e de subsistência de muitos moradores do "Aracy três".

Conforme foi revelado pela pesquisa, a maioria dos imóveis próprios quitados estão no "Aracy um". Isto porque é onde estão as pessoas de maior poder aquisitivo do bairro, e não por ser, supostamente, a área onde estão os moradores mais antigos. Comprovando isto, alguns moradores entrevistados do "Aracy três" estão no bairro há sete anos. As pessoas entrevistadas que habitam o "Aracy três" moram "de favor" e correm o risco de serem despejadas. A casa foi construída por eles, mas o terreno pertence à imobiliária.

É necessário expor alguns pontos sobre as condições de apropriação dos terrenos e imóveis do bairro. Muitos terrenos foram "doados" na época da implantação do loteamento, num acordo entre o interessado e o loteador. Outros foram comprados, mas grande parte dos moradores entrevistados, principalmente os do "Aracy três", vivem em terrenos "emprestados", pagando,

parceladamente, as despesas referentes ao lote onde construiu sua residência, não tendo, sobre este, nenhum direito.



FIGURA 22 - Lixão, no "Aracy 3", ao fundo  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2004

Por se tratar de questões delicadas e complexas, devido à diversidade de situações e condições dos moradores em relação aos lotes onde habitam, esta pesquisa não achou prudente adentrar em tais questões, visto que seria necessária uma pesquisa específica, que cuidasse apenas de levantar dados referentes às questões legais e políticas, e dos acordos feitos entre os moradores e as Imobiliárias responsáveis pela venda dos lotes. No Capítulo 5 foi exposto um levantamento de informações sobre o loteador e de suas atuações. Foi exemplificado como acordos foram estipulados com interessados em comprar terrenos em loteamentos pertencentes às imobiliárias de Airton Garcia, e como funcionava o processo de "doação" de lotes.

Esta análise revela que existe o fator "auto-organizativo" que re-arranja o bairro através da reprodução de valores relacionados à divisão de classes, aos modelos correntes nos processos de exclusão. Este rearranjo desenvolvido pelos moradores marca o bairro com uma disritmia característica de cada porção, tanto

que as diferenças entre cada "Aracy" também podem ser percebidas, por exemplo, no modo de andar, de especular e de conviver dos usuários.

Em relação aos "Aracys", achou-se conveniente digitalizar estas informações no projeto desenvolvido em SIG. Vale lembrar que não existem registros ou publicações comprovando tais dados.

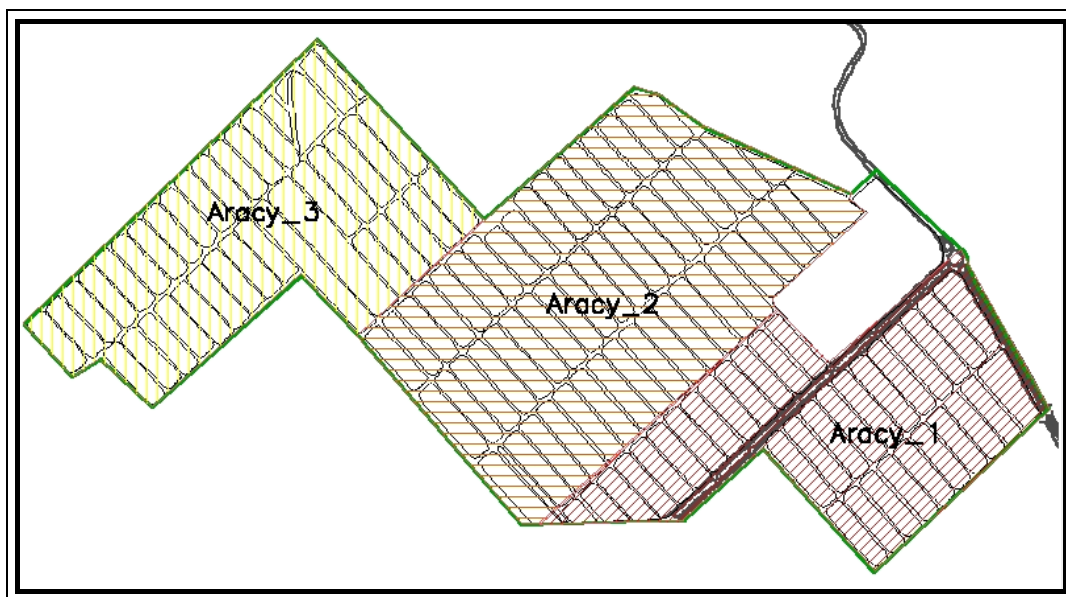


FIGURA 23 - Os "Aracys"

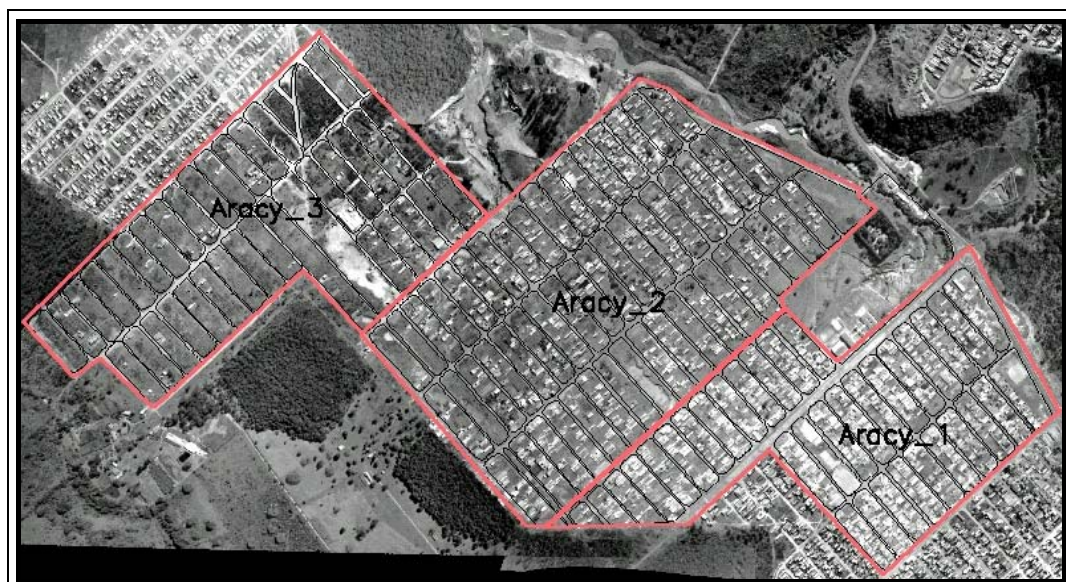


FIGURA 24 - Digitalização dos "Aracys" sobre fotografia aérea georreferenciada de 1998

### • O Público e o Privado

No bairro, a delimitação entre o espaço público e o privado é complexa e contraditória. Existe desde a residência devassada, onde são flagradas cenas cotidianas, como as de donas-de-casa lavando roupa ou cozinhando, até a totalmente gradeada, com muro alto e interfone na fachada. No entanto, mesmo as casas devassadas são cuidadosamente cercadas, delimitadas.

Ruas e calçadas, aparentemente, são o lugar onde se dão atividades cotidianas de convívio. A ausência de praças, e de outros lugares destinados ao lazer e ao ócio, faz das calçadas o palco de cenas corriqueiras, como a dos moradores jogando baralho, dominó ou conversando, sentados em bancos adaptados nas fachadas das casas. Foi interessante perceber que alguns moradores construíram suas próprias praças, em terrenos vazios, nos quais delimitaram uma pequena área a ser trabalhada, através do plantio de flores e de árvores e, na maioria dos casos, da improvisação de alguns bancos.



FIGURA 25 - Terreno transformado por morador do bairro  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2004





FIGURA 26 - Bancos de uma "praça" feitos por moradores do bairro  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2004

Existe também uma complexa contradição no que tange o interesse pelo público/coletivo e pelo privado/particular. De maneira geral, os moradores se preocupam com a demarcação de seu território particular, mas também o rejeitam, na medida em que elegem a rua para passarem a maior parte do dia. Acredita-se que o desconforto da casa é um dos motivos que incentiva a procura pela rua. Muitos, quando questionados sobre a preferência de ficar na casa ou na rua, disseram que ficam na rua, não porque “gostam da rua”, mas porque “não gostam de ficar em casa”; ou ficam em casa porque “não gostam de ficar na rua”, mas não porque “gostam de ficar na casa”.

Os bancos adaptados nas fachadas das casas chamaram atenção por serem elementos comuns nas residências do bairro. Apresentam as mais diversas formas, e os mais diversos materiais. São encontrados caixotes de feira, taboas sobre tijolos, e bancos de concreto e alvenaria, agregados aos muros e às grades. A maioria destes bancos faz parte da calçada, mas existem também aqueles nos terraços das casas, do "lado de dentro" mas com vista

para fora. Na interpretação da pesquisadora, este signo (banco) representa a necessidade de convivência, para uns e a necessidade de notar e de serem notados, para outros.



FIGURA 27 - Exemplos de bancos adaptados nas calçadas do Cidade Aracy  
FOTOS: Mariana Naxara Poli - 2004





FIRURA 28 - Morador do bairro em sua residência-loja  
FOTO: Gustavo Russo Estevão - 2004

Percebe-se que tudo o que se passa na rua é buscado pelos moradores, atentos a qualquer "forasteiro" ou novidade. A maioria da população que caminha pelo bairro, não é formada de andarilhos, figura urbana do passado<sup>42</sup>, uma vez que o que se busca, em primeira instância, não é conhecer, tatear o lugar. Os percursos são, em geral, curtos, ou, quando longos, tem o local de destino determinado, como os cultos nas Igrejas, a casa do parente, ou a escola das crianças.

O canteiro central da avenida principal, Regite Arab, agregou várias funções na vida cotidiana e coletiva do bairro. Além de passagem de pedestres, é hoje palco para publicidade de serviços locais (cabeleireiros, varejão, mecânico, etc.), lugar de brincadeiras de crianças, como a pipa e a queimada, e ponto de parada para conversas rápidas entre transeuntes. Esta avenida é um eixo de referência para moradores e visitantes. Caracteriza-se por ser passagem

<sup>42</sup> *Na verdade, as vias expressas são comuns como imagem real ou almejada de todas as capitais globais e apagaram a rua como espaço de apropriação coletiva e como possibilidade de um conhecimento tátil da cidade. Eliminou-se a possibilidade de conhecer a cidade pela planta dos pés; o andarilho é uma figura urbana do passado.* FERRARA, 2000, p. 76.

obrigatória daqueles que chegam de fora, independentemente de seu lugar de destino no bairro. A outra avenida de grande importância, é a Vicente Laurito, pois é onde se encontra o maior número de estabelecimentos comerciais concentrados no bairro.

Como foi dito, durante os dias da semana há uma intensa concentração de gente nas ruas. Entretanto, aos sábados, as ruas do bairro ficam mais cheias, a maioria dos bares abre desde cedo, lojas ficam abertas com carros de som para atrair fregueses, cabeleireiros funcionam o dia todo. Aí se percebe a presença de andarilhos, de pessoas que, sem destino predeterminado, caminham pelo bairro, tateando o lugar explicitamente, na embriaguez, ou implicitamente, com a temporalidade e pensamentos remotos<sup>43</sup>.



FIGURA 29 - Vista da avenida Vicente Laurito  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2004

---

<sup>43</sup> Interessante relacionar este raciocínio ao que BERMAN (1997, p. 21) diz, em um de seus ensaios, sobre a modernidade: *A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades. (...) Em tempos como esses, "o indivíduo ousa individualizar-se". De outro lado, esse ousado indivíduo precisa desesperadamente "de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, à autolibertação". As possibilidades são ao mesmo tempo gloriosas e deploráveis.*



Aos domingos, a maioria das pessoas fica dentro de casa, até às sete horas da noite, pois, a partir desse horário, começa a maioria dos cultos nos templos religiosos. O bairro então se transforma numa verdadeira romaria de pessoas, a maioria bem vestida, homens de terno e gravata com a Bíblia debaixo do braço, mulheres de saias longas e cabelos abaixo da cintura, crianças iguais aos pais.

Assim, os interesses particulares dos moradores do bairro podem ser percebidos pela apreensão, no cotidiano, dos interesses coletivos, e vice-versa. A necessidade de lugares destinados ao lazer ou à convivência, de modo geral, é gritante. Este é um ponto que foge à regra da contradição entre o discurso dos moradores e o que o lugar revela enquanto linguagem não verbal.



FIGURA 30 - Grupo de pessoas - rua do bairro  
FOTO: Gustavo Russo Estevão - 2004

### • Igrejas

Atualmente pode-se perceber que as Igrejas Evangélicas estão se reproduzindo agressivamente pelas cidades brasileiras. Segundo GWERCMAN (2004) um a cada seis brasileiros é evangélico. Não obstante, o poder atrativo das Igrejas evangélicas não faz parte dos questionamentos específicos desta pesquisa. Entretanto, os templos religiosos, principalmente a grande

quantidade dos evangélicos, são elementos que chamam atenção na estruturação do bairro. Pode-se afirmar que, numa primeira interpretação, tais seitas religiosas funcionam, no bairro, como preenchimento da necessidade do lazer planejado, com lugar e hora marcada.

A maioria das Igrejas do Cidade Aracy é evangélica, sendo apenas uma Católica. As Igrejas Evangélicas proliferadas no bairro apresentam as mais diversas denominações. As de orientação Pentecostal, como *Assembléia de Deus*, *Deus é Amor*, *Brasil para Cristo* e *Congregação Crista do Brasil*, são as que atraem mais fiéis no bairro, em relação às Neopentecostais, que têm regras menos rígidas em relação à conduta dos fiéis e baseada na Teologia da prosperidade (*Igreja Universal do Reino de Deus*, *Internacional da Graça de Deus*, *Renascer* e *Igreja do Evangelho Quadrangular*).



FIGURA 31 - Exemplos de Igrejas do bairro  
FOTOS: Mariana Naxara Poli - 2004

É interessante expor que a *Congregação Cristã do Brasil*, fundada em 1910 e mais citada pelos entrevistados, tem sua maior área de atuação no Paraná<sup>44</sup>, local de origem da maioria deles.

Desse modo, *a priori*, pode-se associar a "Igreja" à necessidade ou à busca de uma identidade, de algo que lhes arraigam ou que lhes remetem à uma história particular. Aí existe uma contradição, uma vez que as crenças religiosas funcionam, principalmente em lugares de contexto parecido com o do Cidade Aracy, para distanciar os moradores de sua história manipulando-os e ensinando-os a serem submissos e a aceitarem os preceitos e as regras da Igreja, sem questionamentos.



FIGURA 32 - Igreja Congregação Cristã do Brasil - Cidade Aracy  
FOTO: Mariana Naxara Poli - 2004

Não obstante, o passado não está no novo lugar (SANTOS, 2002), e as lembranças trazidas e as experiências tidas, em função de outro meio vivido,

---

<sup>44</sup> Segundo GWERCMAN, 2004.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

pouco lhes servem para a luta cotidiana<sup>45</sup>. Seguindo neste raciocínio, a procura pelas Igrejas Evangélicas evidencia certa necessidade de *reinserção*, representando uma descoberta do novo espaço vivido e do “novo ser”. Dessa maneira, concorda-se com SANTOS, quando afirma que a reinserção ativa *depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta* (2002, p. 329).

- **Esquinas**

Foi observado que muitas esquinas estão vazias, sem edificação.



FIGURA 33 - Exemplos de esquinas do Cidade Aracy  
FOTOS: Mariana Naxara Poli e Gustavo Russo Estevão– 2004

<sup>45</sup> *O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem.* SANTOS, 2002, p. 329.



Algumas foram adaptadas e transformadas em campos de futebol; outras estão sendo utilizadas para o plantio de alguma cultura, como o milho; mas, a maioria, permanece vazia (algumas por causa das erosões).

Estes espaços são sobras físicas, entretanto, não são considerados, segundo a interpretação feita sobre o lugar, espaços residuais, uma vez que os moradores procuram dar uma funcionalidade a eles. As esquinas vazias do Aracy fazem parte da paisagem do lugar, foram adaptadas pelos moradores, tornando-se espaços necessários ao cotidiano local. Algumas esquinas foram transformadas em atalhos pelos usuários do bairro, onde passam até mesmo carros. Isto vem da necessidade de transpor a dificuldade imposta pelas quadras do bairro, que são muito longas (200 m de comprimento), causando um desconforto de visibilidade e de funcionalidade.

#### • **Residências**

Os acabamentos e revestimentos das casas revelam expectativas, valores e necessidades. Segundo FERRARA (1993a, p. 122) *os acabamentos e revestimentos da habitação são a marca que a identifica e enobrece o proprietário*. É necessário esclarecer que durante a pesquisa de campo não foi possível entrar nas casas dos entrevistados. A maioria deles foi abordada na rua e não em suas residências. Por isso, a análise e a interpretação dos signos construídos pelos moradores em suas casas foi elaborada a partir do que pode ser observado nas fachadas.

No caso do Cidade Aracy, como foi dito, há uma enorme complexidade e diversidade também em relação aos materiais escolhidos e adaptados que, nas fachadas das residências, são signos explícitos. Nesta busca por novos usos e finalidades para objetos e materiais, os moradores reinventam não só técnicas construtivas, mas, também, novas normas na vida social<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> *Por serem "diferentes", os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes. É assim que eles reavaliam a tecnosfera e a psicofera, encontrando novos usos e finalidades para objetos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva.* (SANTOS, 2002, p. 326).

A instabilidade econômica é percebida através do aspecto provisório das casas, caracterizadas pela falta de revestimentos e pela abundância na utilização de materiais adaptados e requalificados, como a utilização de telhas de alumínio como portão. Dessa forma, a maioria das casas parece estar em reforma. Muitas foram ampliadas, quase sempre na vertical.

O anseio de afirmação da propriedade representado pelos portões, cercas e muros é, de forma geral, indispensável aos moradores. A esta necessidade somam-se as aspirações, o desejo de exibir o que possui. No bairro, poucas são as casas vedadas por muros altos e portões. A maioria das residências tem o seu lote demarcado com cercas ou com grades que permitem a penetração do olhar de quem está na rua.

É grande o número de casas com placa de "vende-se" pendurada nas fachadas. Não obstante, há uma grande diversidade de placas com avisos e propaganda de serviços caseiros nos portões das casas. Por exemplo: "Seja educado: Bata palma antes de entrar"; "Animo sua festa"; "Costura-se pra fora"; "Mantenha distância"; "Vendo, alugo ou troco".

Esta publicidade exposta por moradores revela um tipo de comunicação peculiar do lugar. O fato de esses moradores anunciarem que vendem ou fazem algum tipo de serviço vem de necessidades óbvias: do impacto do desemprego, da falta de oportunidade e do difícil acesso à cidade; os avisos recorrentes sobre como entrar na casa, ou para manter distância, evidenciam aspectos ligados à proximidade, às relações de vizinhança. Representam, possivelmente, um lugar fortificado, uma proteção adicional, o medo do "inimigo exterior", mas com o intercâmbio da comunicação<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> *O intercâmbio efetivo entre pessoas é a matriz da densidade social (...) e que constituem a condição desses acontecimentos infinitos, dessas solicitações sem-número, dessas relações que se acumulam, matrizes de trocas simbólicas que se multiplicam, diversificam e renovam. A noção de "emorazão" (...) encontra seu fundamento nessas trocas simbólicas que unem emoção e razão.* (SANTOS, 2002, p. 319).

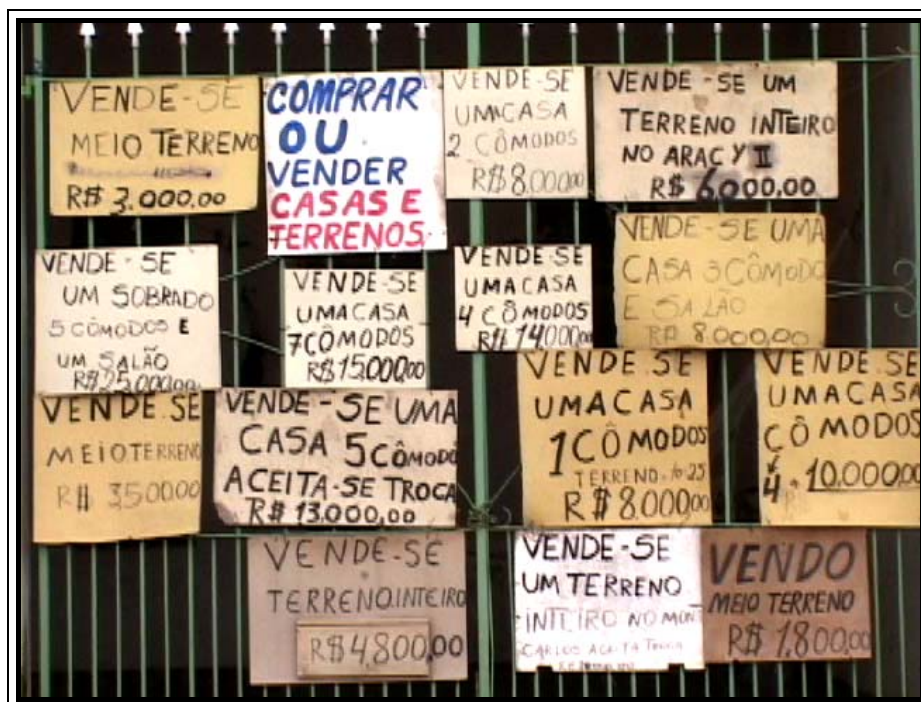


FIGURA 34 - Anúncios  
FOTO: Gustavo Russo Estevão - 2004

As casas do Aracy oferecem ao observador uma imagem caleidoscópica, através de uma mescla tão grande de materiais e formas e uma multiplicidade de cores, que a atmosfera do lugar torna-se ímpar. Respira-se diferente no Aracy. É como se adentrar numa dimensão paralela àquela comum, dos outros lugares da cidade.

As análises e as interpretações da relação dos moradores com o bairro mostraram que existe uma prática no lugar: a de (re)criar espaços para sanar dificuldades impostas pela exclusão social, pela falta de recursos dos moradores, pelo desemprego e pelo projeto do loteamento. As transformações estruturais elaboradas pelos usuários do lugar "falam", às vezes "gritam".

Esta linguagem não verbal se contrapõe às entrevistas com os moradores em muitos aspectos. Isto será exposto adiante.



FIGURA 35 - Residências do bairro Cidade Aracy  
FOTOS: Mariana Naxara Poli - 2004

### 7.1.2 O Uso Social do Bairro - Entrevistas com moradores\*

Como foi dito, foram totalizadas 60 entrevistas com moradores do bairro. As pessoas entrevistadas foram, na maioria, abordadas nas ruas do Aracy. Foi um trabalho dividido em três partes. A primeira parte corresponde à segunda

\* Pode-se encontrar cópia dos 65 questionários aplicados na Secretaria da Pós Graduação em Engenharia Urbana da UFSCar.

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.



pesquisa piloto aplicada no bairro. No Capítulo 6 foi exposto o motivo de esta pesquisa ser considerada para a análise e interpretação das respostas. Em apêndice encontram-se as planilhas elaboradas a partir das entrevistas, bem como as tabelas de codificações das respostas.

A primeira etapa da pesquisa foi aplicada entre Junho de 2002 e Janeiro de 2003. A segunda parte da pesquisa ocorreu entre os meses de Junho e Setembro de 2003; a terceira e última parte foi aplicada entre Setembro e Dezembro de 2003. Cada etapa da pesquisa contou com 20 entrevistas.

As entrevistas contaram com questões elaboradas a partir de pesquisas piloto, como foi explicado no Capítulo 6. Mas, além das questões, a pesquisadora também conversou informalmente com alguns entrevistados (os que se mostraram mais abertos e dispostos à abordagem). Esta foi uma necessidade da pesquisa, pois se percebeu que os moradores entrevistados utilizam muitos juízos de valor em seus depoimentos, falando mais ou menos coisas semelhantes sobre o bairro, num discurso inconscientemente pré-formulado.

A pesquisa que utiliza entrevistas como esta, causa desconforto ao entrevistado, gerando um filtro, uma auto-censura, pois as pessoas policiam sua maneira de falar e as suas opiniões. Passam a atuar e acabam falando o mesmo texto, aprendido na experiência e impactado pelo que é disseminado pela mídia local (principalmente pelas rádios e pelos jornais).

Por isso a articulação de análises. Esta estratégia foi necessária para o entendimento da contradição existente entre a linguagem verbal (das entrevistas) e a não-verbal (dos signos construídos pelos moradores - o bairro, seus lugares e seu cotidiano específico). Assim, as linguagens complementam-se, tornando possível uma leitura da relação dos moradores com o bairro.

A pesquisa aqui exposta caracterizou-se por: buscar informações gerais dos entrevistados (a); determinar informações introdutórias sobre o bairro (b); captar expectativas (c); captar sentidos de convivência (d); captar preferências

ambientais (e), e; coletar informações específicas de moradores que vivem no bairro há mais de sete anos (f). Para auxiliar a análise, foram elaborados gráficos com as respostas dos moradores abordados.

#### **a. Informações gerais:**

Coincidentemente, foram entrevistados exatamente 30 homens e 30 mulheres. 24% dos entrevistados têm entre 42 e 51 anos; 22% têm entre 22 e 31 anos; 20% têm entre 32 e 41 anos; 18% têm entre 10 e 21 anos; 11% têm entre 52 e 61 anos e; 5% têm mais de 61 anos de idade.

Durante as entrevistas da pesquisa de campo, a pesquisadora optou por abordar pessoas com idade acima de 10 anos. Entretanto, durante as captações das imagens e dos depoimentos para o vídeo elaborado, percebeu-se que as crianças mais novas poderiam oferecer informações interessantes à pesquisa, pois seus depoimentos foram os mais espontâneos. Entretanto, não foi possível coletar estas informações, uma vez que a etapa da pesquisa de coleta de dados já estava encerrada. No vídeo poderá ser observada a espontaneidade das crianças em seus depoimentos sobre o bairro.

Observando os gráficos a seguir, pode-se visualizar as características da amostra populacional utilizada na pesquisa de campo, através da observação das informações gerais dos entrevistados, como a escolaridade - a grande maioria (75%) estudou até a quarta série e nenhum dos entrevistados tem curso superior.

Em relação à ocupação dos entrevistados, 16 dos 60 (26%) estão aposentados, desempregados ou afastados do emprego. Pessoas jovens, inclusive, estão afastadas ou esperando benefícios por não poderem trabalhar. Dois destes jovens justificaram o afastamento por causa de depressão.

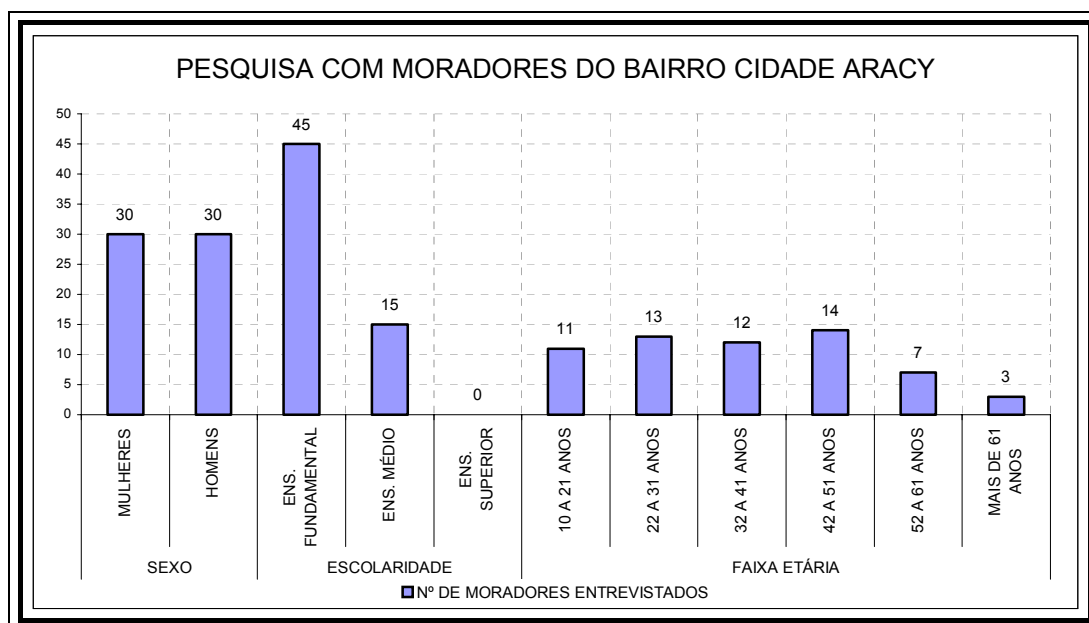
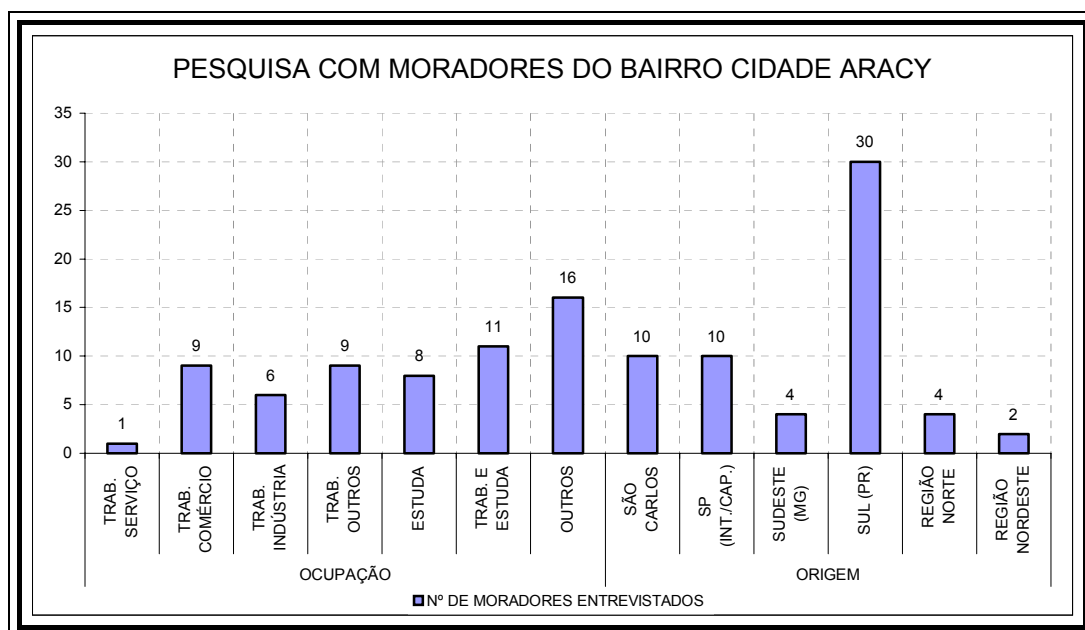


GRÁFICO 24 - Informações Gerais dos Moradores Entrevistados

No início dos anos 90, houve um crescimento populacional intenso no bairro. O principal motivo deste crescimento, ou seja, o chamariz que provocou a migração de tantas pessoas vindas de outras cidades e Estados para se fixarem em São Carlos, foi a demanda de operários das indústrias da cidade. Muitas destas pessoas foram morar no Aracy, pois a época coincidia com a propaganda feita para povoar o loteamento\*. No entanto percebe-se que o número de trabalhadores empregados na Indústria corresponde à apenas 10% dos entrevistados. Os 15% que trabalham em outras atividades correspondem aos catadores de lixo, ambulantes e prestadores de serviços domésticos. Muitos desempregados justificaram sua condição pela discriminação que sofrem por serem moradores do bairro.

\* O professor Dr. José Francisco (DECiv, UFSCar) informou que havia, nesta época, cartazes distribuídos pela cidade, principalmente no centro comercial, fazendo propaganda do loteamento. Segundo o professor, os cartazes anunciavam o loteamento com uma enorme arara azul, com os seguintes dizeres: "Venha morar no Cidade Aracy: O loteamento ecológico de São Carlos". A pesquisadora tentou encontrar um exemplar destes cartazes durante toda a pesquisa, mas não conseguiu.



**GRÁFICO 25 - Ocupação e Origem dos Moradores Entrevistados**

No gráfico anterior pode-se observar que 50% dos entrevistados vieram do Paraná. Estas pessoas, em sua maioria, trabalhavam no campo e vieram para São Carlos à procura de emprego nas indústrias da cidade.

Em relação ao tempo morando na cidade, o resultado da pesquisa com os moradores do bairro foi: 3% moram em São Carlos há menos de um ano; 18% vivem na cidade há mais de um ano e menos de cinco anos; 30% moram na cidade há mais de 6 e menos de 10 anos; 27% dos moradores do bairro moram na cidade há mais de 11 e há menos de 15 anos; 10% estão na cidade ou há mais de 16 ou há menos de 20 anos; 8% destes entrevistados moram na cidade há mais de 21 ou menos de 30 anos; nenhum dos entrevistados (0%) mora na cidade há mais de 31 ou menos de 40 anos; 2% mora em São Carlos há mais de 41 e menos de 50 anos; 2% mora na cidade há mais de 51 anos.

Após esta introdução à pesquisa de coleta de informações dos moradores, as questões são mais específicas, direcionadas à relação do usuário com o bairro, como poderá ser observado a seguir:

**b. Informações introdutórias sobre o bairro:**

Foram aplicadas três questões introdutórias na coleta de informações sobre a relação dos moradores com o bairro:

1ª - Há quanto tempo mora no bairro?

2ª - Morou em outros bairro de São Carlos?

3ª - Qual o principal motivo de você vir morar no Aracy?

Segundo estas três questões, foram elaborados os seguintes cálculos (dados trabalhados a partir do gráfico a seguir):

- 7% estão no Cidade Aracy há dois anos ou menos;
- 17% vivem no bairro há menos de quatro ou há mais de dois anos;
- 15% vive no bairro num período entre quatro e seis anos;
- 12% têm de 6 à oito anos morando no bairro;
- 23% (14 entrevistados) responderam que moram no bairro há mais de oito ou há menos de dez anos;
- cinco pessoas entrevistadas, 8% do total, responderam que moram no bairro num período entre dez e doze anos;
- 13% moram no bairro há mais de doze ou há menos de catorze anos e;
- 5% (3 dos 60 entrevistados) responderam que moram no Aracy há mais de catorze ou menos de dezesseis anos.
- Nenhum dos entrevistados respondeu que mora no bairro há mais de dezesseis anos.

Dos sessenta entrevistados, dezenove, ou seja, 32% deles afirmaram ter morado em outros bairros de São Carlos. Destes dezenove, treze moram no bairro há menos de dez anos e, na cidade, há, pelo menos, 20 anos. Os entrevistados que moram no bairro há mais de dez anos, e que moraram em outros bairros de São Carlos, moram na cidade há mais de 20 anos.

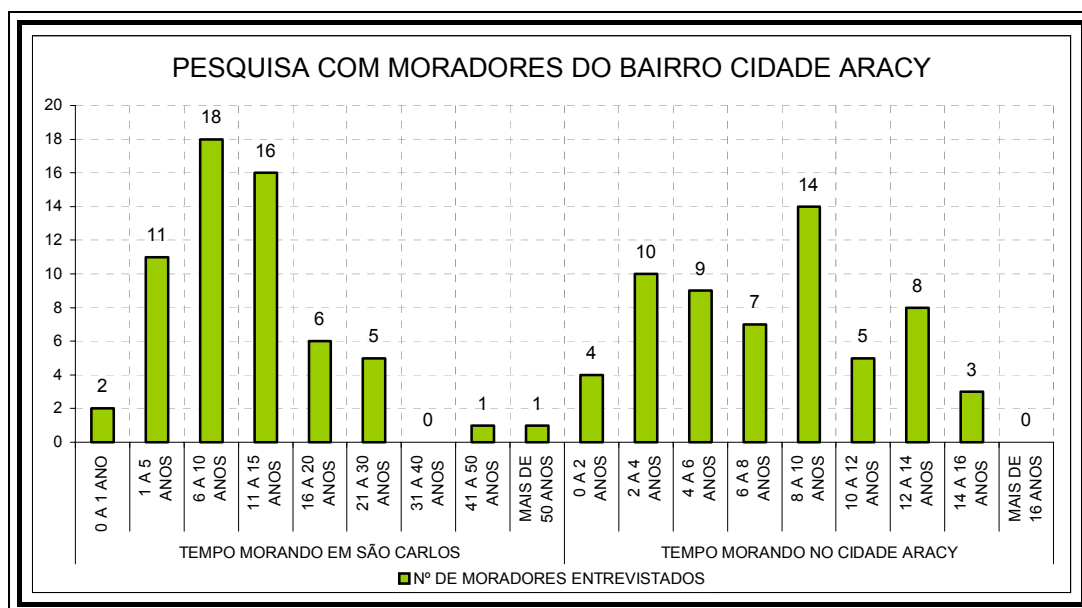


GRÁFICO 26 - Moradores Entrevistados - Tempo morando na cidade e no bairro

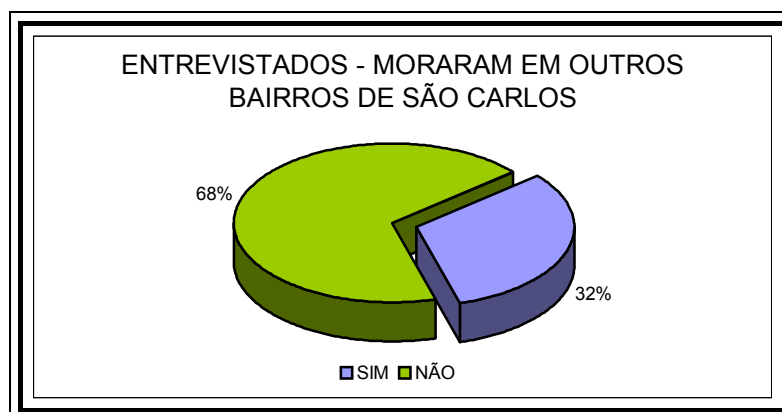


GRÁFICO 27 - Porcentagem de moradores que moraram ou não em outros bairros

Nos gráficos a seguir é necessário levar em conta que o número de respostas para cada pergunta pode ser, se somadas, superior a 60 (número do total de entrevistados). Isto se justifica pelo fato de que alguns entrevistados deram mais de uma opinião ou resposta a determinadas perguntas. Por exemplo, se somados os resultados totais do gráfico abaixo, serão obtidas 83 respostas no total. Isto significa que 23 pessoas deram mais de uma resposta.

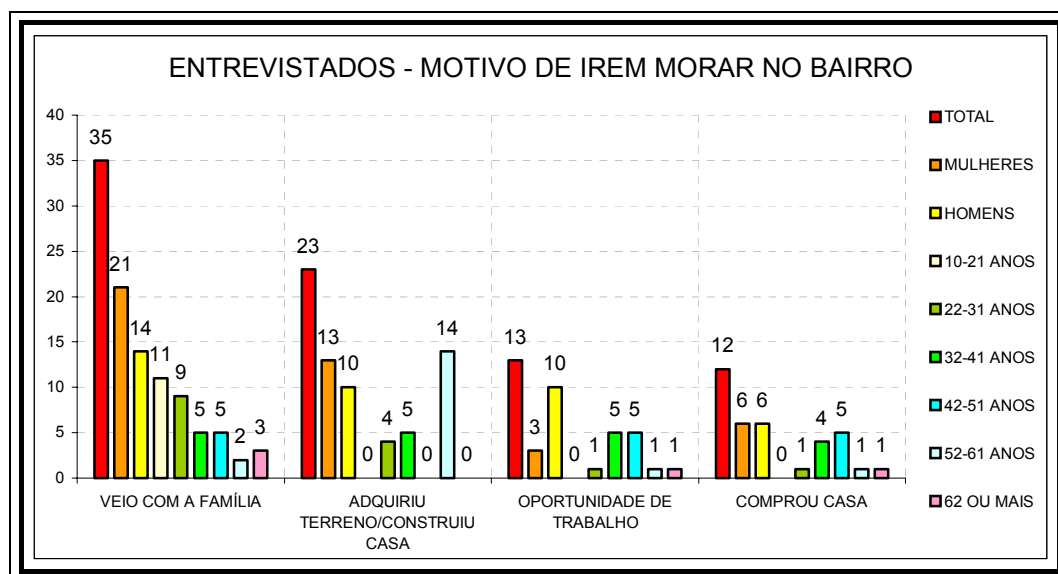


GRÁFICO 28 - Motivo que levou os entrevistados a morar no bairro

Conforme pode ser observado no gráfico acima, 35 dos 60 entrevistados fixou-se no bairro porque a família foi morar no Cidade Aracy. Destes 35 moradores, a maioria (21 deles) é mulher; onze têm menos de 21 anos de idade, nove têm entre 22 e 31 anos de idade, cinco têm entre 32 e 41 anos, cinco têm entre 42 e 51 anos, dois têm entre 52 e 61 anos de idade e três têm mais de 61 anos de idade. Dos que afirmaram que a oportunidade de construir a casa própria foi o principal motivo de ir morar no bairro (23 dos 60 entrevistados), catorze têm mais de 52 anos, cinco têm entre 32 e 41 anos e quatro têm entre 22 e 31 anos de idade.

As respostas "oportunidade de trabalho" e "comprou casa", estiveram em, respectivamente, 13 e 12 entrevistas. A resposta "oportunidade de trabalho" foi mais freqüente entre os homens (10, dos 13 entrevistados que deram esta justificativa), ao passo que para a resposta "comprei casa" houve empate entre as respostas de homens e de mulheres.

Percebe-se, com esta questão, que os moradores têm a necessidade de ficarem próximos de seus próximos, por isso, acredita-se que a família foi a resposta mais corrente.

A oportunidade de construir ou de adquirir a casa própria também foi um forte atrativo aos moradores do bairro. É obvio que os loteamentos periféricos acabam sendo, às pessoas de menor poder aquisitivo da cidade, os lugares mais viáveis para a compra de lotes ou da casa própria. À este, no caso do Cidade Aracy, soma-se o fato da maioria dos moradores do bairro terem vindo de outras cidades e estados do país, sendo espoliados da cidade naturalmente, no processo de busca da identidade perdida. Em um lugar de história recente, como é o caso do Aracy, a convivência de pessoas de diferentes repertórios culturais e de biografias diversas, se faz, de certa forma, na procura por uma cumplicidade, por uma semelhança de necessidades, como a re-formulação ou re-aquisição da identidade, re-construída num solo quase sem história. Neste processo, novas histórias e novas identidades vão sendo constituídas. É aí que a leitura do bairro está debruçada, pois é onde as especificidades do lugar se manifestam.

As análises expostas a seguir dizem respeito à coleta de informações específicas sobre as expectativas, os valores, a convivência, as necessidades e as preferências dos moradores em relação ao bairro.

### **c. Expectativas:**

Para captar as expectativas dos moradores entrevistados, foram utilizadas duas questões:

1ª - Gosta de morar aqui? Por que?

2ª - O que, para você, faz mais falta aqui no bairro?

Foram seis respostas distintas coletadas, segundo aqueles que não gostam e, outras seis respostas para aqueles que gostam de morar no bairro. Dos 60 entrevistados, 49 (82%) disseram gostar de morar no bairro. A minoria (18%) afirmou que não gostam de morar no Aracy.



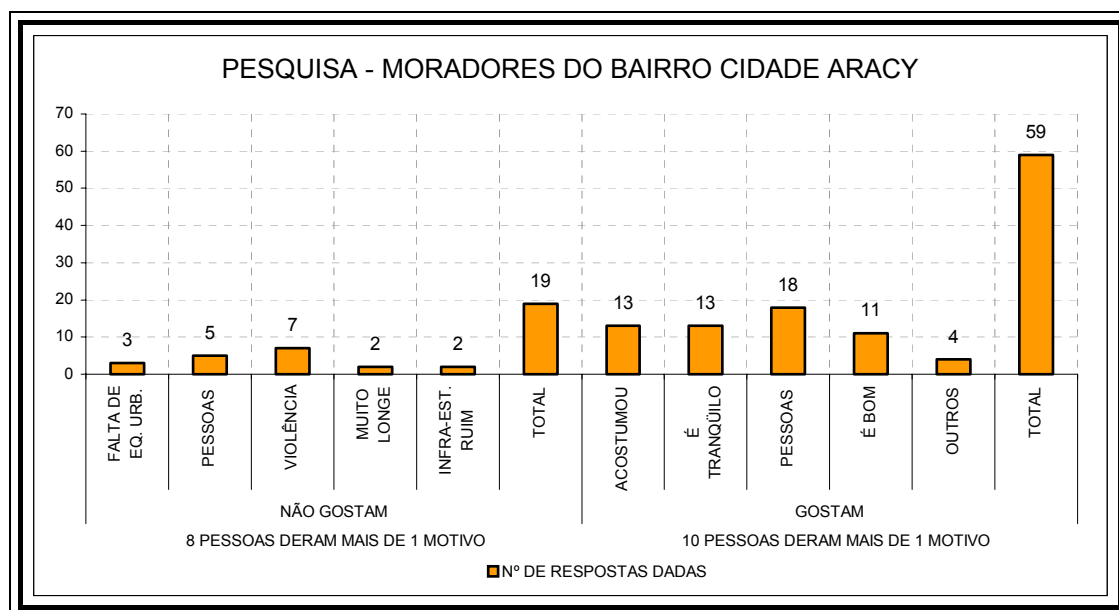


GRÁFICO 29 - Motivo de gostarem ou não de morar no bairro

Pelo gráfico, pode-se observar que, para aqueles que gostam, “as pessoas”, de maneira geral, é o maior motivo que faz do bairro um lugar bom para se viver. É interessante perceber que, para 45,4% dos que não gostam de morar no Cidade Aracy, alguns moradores são o maior problema do bairro. Estas respostas sugerem algo para ser analisado no universo da convivência entre os moradores (tal análise será exposta mais adiante).

Observando as respostas dos que gostam do bairro, percebe-se que não são objetivas. Muitos entrevistados demoraram a dar a justificativa, para depois dizer: "porque é bom". Estas pessoas, de maneira geral, não justificaram suas respostas relacionando-as a elementos do espaço físico, mas sim ao universo cotidiano, à convivência. A resposta "acostumou" chamou atenção, pois foi a segunda justificativa mais dada, segundo os que gostam de morar no bairro, empatando com “é tranquilo”.

Esta questão revelou que, em relação às expectativas, os moradores entrevistados são tocados pela convivência. Ou para o bem, no caso daqueles que têm em seus próximos o motivo maior de gostarem do bairro, ou para o mal, quando citam a violência como o problema mais grave do

bairro, referindo-se à algumas pessoas ou grupos como promotores da violência citada.

As mulheres mais jovens manifestaram a maior parcela das respostas negativas sobre o bairro. Elas têm medo da violência, de se relacionar com os moradores do bairro que não sejam seus parentes ou vizinhos mais próximos. Os homens de meia idade, de maneira geral, sentem a necessidade de defender o bairro, sendo estes os depoimentos menos espontâneos.

A questão correspondente ao gráfico a seguir coletou informações dos moradores entrevistados sobre o que mais falta no bairro. Em 28 entrevistas a "praça" apareceu como resposta à esta questão.

Nas análises feitas sobre o levantamento de uso e ocupação, a falta que os moradores sentem de praças no bairro é nítida, principalmente quando foi analisada a relação entre o público e o privado. Os moradores que adaptaram seus bancos nas fachadas de suas casas ou requalificaram terrenos baldios como área de descanso, também demonstram suas expectativas e necessidades de lugares destinados às atividades realizadas em praças públicas.

Entretanto, é necessário analisar as reais necessidades relacionadas à convivência, pois tais elementos adaptados e tais requalificações podem significar, por exemplo, a necessidade de se formar grupos de convívio protegidos e limitados; especulares, mas afastados do coletivo maior.

"Ocupação para as crianças" foi a segunda resposta mais manifestada sobre o que falta no bairro. Realmente, o número de crianças nas ruas é grande, especialmente durante as tardes dos dias da semana. Os pais e avós entrevistados sentem grande insegurança tendo seus filhos nas ruas do bairro. Eles esperam que a prefeitura invista em creches, mais escolas e áreas de lazer para ocupar as crianças durante as tardes que, na maioria, ficam andando pelo bairro "aprendendo coisa errada", ou brincando nas ruas, nas calçadas ou nos campinhos de futebol das esquinas.

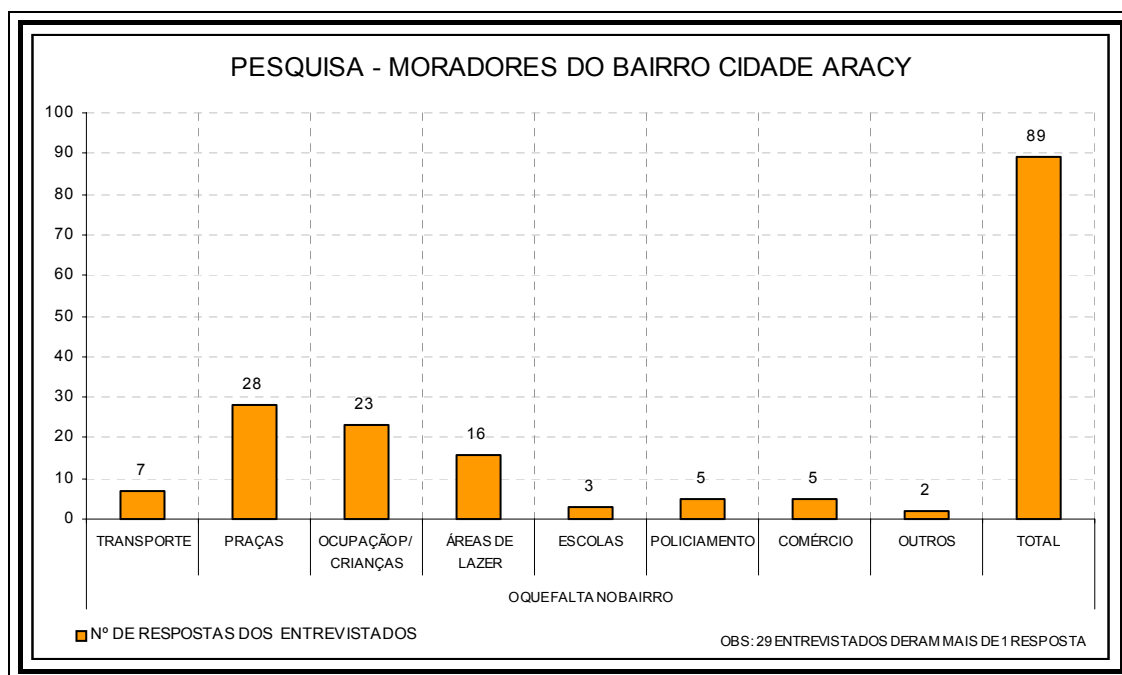


GRÁFICO 30 - O que falta no bairro - moradores entrevistados

"Áreas de lazer" foi a terceira resposta mais dada pelos entrevistados à esta questão. O lazer e a diversão são problemas para os entrevistados, uma vez que o bairro não oferece opções aos moradores nos momentos de ócio. Desta maneira, pôde ser observado no bairro que os moradores recorrem aos bares e botecos, às calçadas para observar o movimento da rua, à televisão e aos cultos religiosos para preencher as horas de folga e de lazer.

A falta de transporte coletivo também foi uma resposta manifestada pelos moradores entrevistados. Isto significa que os moradores sentem a falta de acesso à cidade; eles sentem a segregação física-urbana à qual foram submetidos, uma vez que o sistema de transporte público não dá conta da demanda de moradores do bairro que querem ou que precisam ir até outros lugares da cidade. Dessa forma, sentem o isolamento e a exclusão social se manifesta, porque os incomoda.

"Policiamento", "comércio" e "escolas" também foram respostas dadas à questão "o que mais falta no bairro". O policiamento é uma falta em resposta à

violência, segundo os entrevistados. A falta de escolas se refere, para os entrevistados, àquela necessidade de ocupar as crianças. Já o comércio é um elemento que merece análise mais detalhada.

O comércio do Cidade Aracy se caracteriza por várias lojinhas, mini-mercados, mercearias e varejões que tentam suprir as necessidades de consumo dos moradores do bairro. Entretanto, estes estabelecimentos se concentram nas avenidas Vicente Laurito e Regite Árab ("Aracy um"), mas "pipocam" pelo bairro todo. Esta resposta, ("falta comércio") contraposta à análise da linguagem não-verbal peculiar do Cidade Aracy, revela que a dimensão do consumo faz parte das expectativas do usuário do bairro.

O consumo, segundo Milton SANTOS (1998 p. 35) constrói e alimenta *um individualismo feroz e sem fronteiras, contribui ao aniquilamento da personalidade, sem a qual o homem não se reconhece como distinto, a partir da igualdade entre todos*. Se os estabelecimentos encontrados no bairro tendem a suprimir as necessidades básicas de consumo, como alimentação e vestuário, o que é ainda necessário ser consumido por esses moradores, a ponto de citar o comércio como elemento de falta no bairro? Esta informação não foi dada pelos entrevistados. Entretanto, pode-se especulá-la através da associação de um elemento curioso do bairro, por sua repetição na paisagem: os salões de cabeleireiro.

A satisfação pessoal relacionada ao consumo destes moradores pode ser apreendida na maneira como a buscam. E os diversos salões emergem a dimensão da necessidade de consumo para a satisfação pessoal destes usuários. Para SANTOS (1998) *a existência é vivida não tanto para a consagração dos valores, mas para a busca das coisas, o produtor se tornando submisso ao objeto produzido* (p. 37).

#### d. Convivência:

As questões que visaram captar informações relacionadas à convivência dos moradores do bairro foram:

1ª - Conhece muita gente no bairro?

2ª - Prefere ficar mais dentro de casa ou na rua? Por que?

3ª - O que faz para se divertir no bairro? E fora do bairro?



FIGURA 36 - Pessoas em bares, cabeleireiros e crianças brincando  
FOTOS: Mariana Naxara Poli e Gustavo Russo Estevão – 2004

A convivência pode ser observada no cotidiano dos moradores, mas as entrevistas-depoimentos e a interpretação dos signos construídos pelos usuários locais foram articulados, a fim de captar as representações pautadas pelas relações sociais peculiares, manifestadas no bairro.

As repostas das questões sobre convivência e sobre preferências ambientais dos moradores são as que mais carregam juízos de valor e auto-

policiamento nas manifestações. Os moradores, de maneira geral (fato reafirmado durante a coleta de depoimentos para o vídeo produzido), querem que o bairro deixe de ser discriminado. À todo custo, dizem coisas "boas" sobre as pessoas que moram ali, ou então, quando falam algo negativo sobre o bairro, tratam logo de apaziguar a afirmação. Se falam da violência ou dos assaltos, logo enfatizam que "gente ruim tem em todo lugar"; procuram exteriorizar os problemas.

Em relação às respostas das questões sobre "convivência", 83% dos entrevistados disseram conhecer muita gente no bairro. Este "conhecer" não significa "conviver", já que esta foi uma das conclusões das análises sobre a relação público-privado, representada por alguns signos como os bancos nas fachadas das casas, que acumulam, cada um, o seu grupo. A rua, que seria à primeira vista o espaço coletivo das práticas sociais, é o espaço de onde se pode ver o que está sendo exibido - é um espaço público de publicidade, de especulação social, e não de convivência. A calçada é a mescla coletivo-particular, e é onde e como se dá a convivência do bairro: limitada à um grupo que se resume aos parentes e vizinhos mais próximos.



GRÁFICO 31 - Resposta à pergunta "Conhece muita gente no bairro?"

Em relação a essa proximidade entre vizinhos (que, na maioria dos casos, são parentes), existe uma força *comunicacional*, em função de uma

percepção clara das situações pessoais e do grupo. Tal força foi denominada por Milton SANTOS (2002) de “afinidade” (de destino, econômica ou cultural).

A segunda questão referente à convivência dos moradores do bairro perguntou se o entrevistado fica mais dentro de casa ou mais na rua, e o porquê de sua preferência. Esta questão trouxe à tona também questões não relacionadas à convivência. Por exemplo, algumas pessoas responderam que ficam a maior parte do dia na rua ou na calçada, porque dentro de casa é muito quente. O desconforto da casa apareceu como um fator relevante nesta questão. A convivência, neste caso, deixa de ser o atrativo da rua e o conforto térmico e ambiental passam a ser um requisito de análise.

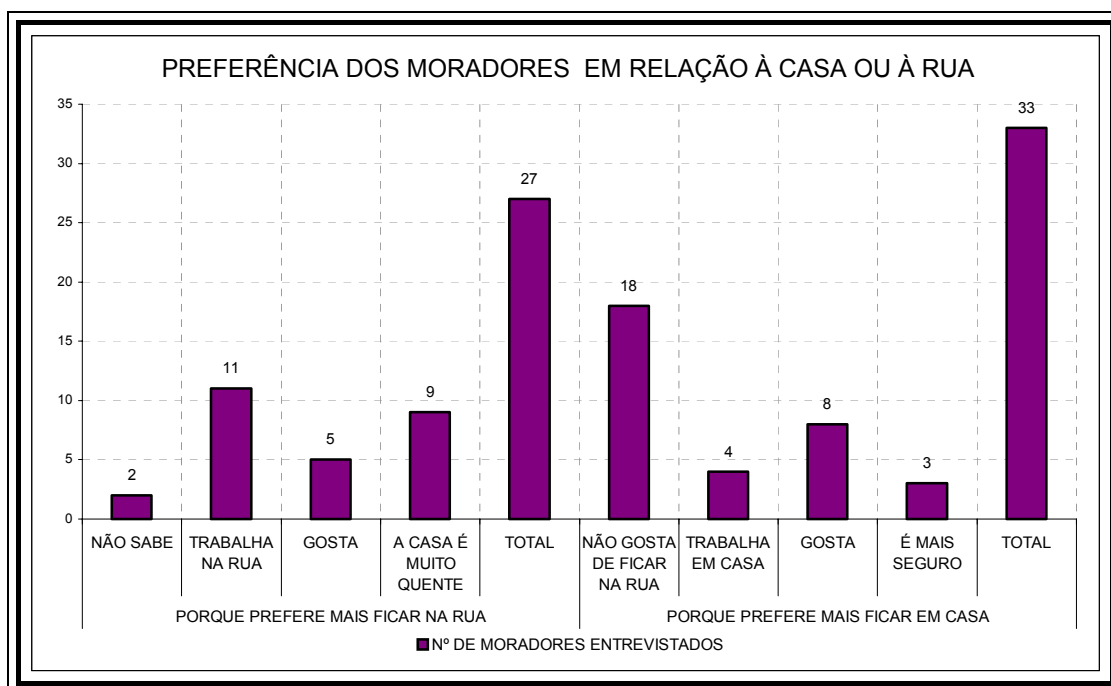


GRÁFICO 32 - Razão dos moradores entrevistados preferirem ficar mais em casa na rua

Dos 34 entrevistados que preferem ficar em casa, 19 justificaram sua resposta dizendo que não gostam de ficar na rua; 8 afirmaram que preferem ficar em casa porque gostam; 4 dos 34 que preferem ficar em casa porque

precisam, pois trabalham em casa e; 3 (mulheres) destes entrevistados disseram que se sentem mais seguros dentro de casa.

Percebe-se que a maioria dos entrevistados afirmou que prefere ficar mais dentro de casa, sendo que o motivo maior desta preferência é não gostarem de ficar na rua. Mas este dado contradiz o que se observou no bairro: são muitas pessoas pra fora de suas casas; as visitas periódicas ao bairro possibilitaram observar que muitos destes entrevistados continuavam a maior parte do dia nos lugares onde foram abordados - ou na rua ou na frente de suas casas.

Dos 26 entrevistados que preferem a rua para passar a maior parte do dia, 12 justificaram a preferência por trabalharem na rua (ambulantes, catadores ou vendedores); 9 disseram que é porque dentro de casa é muito quente; 6 preferem a rua porque gostam e; 2 destes 26 entrevistados que preferem ficar na rua, não souberam justificar sua preferência.

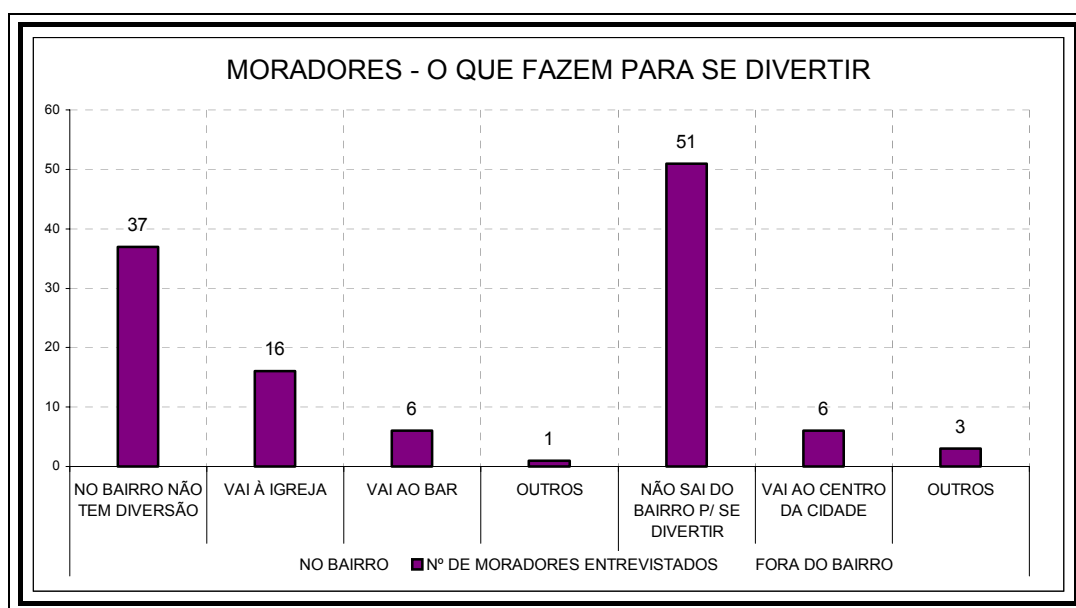


GRÁFICO 33 - O que os moradores entrevistados fazem para se divertir

O gráfico acima foi elaborado com as respostas dos entrevistados para a questão "o que faz para se divertir no bairro e fora do bairro". A maioria dos



60 entrevistados respondeu que não fazem nada para se divertir no bairro (38 dos entrevistados) e fora do bairro (51).

Os 51 entrevistados que responderam não ir à outros lugares da cidade para se divertirem confirma a hipótese de que o bairro é uma “cidade à parte”. Estes moradores também disseram que vão à outros lugares da cidade com pouquíssima freqüência, só mesmo com muita necessidade (pagamento de contas ou consultas médicas). A cidade para estes moradores perdeu a qualidade de lugar; o Aracy é o lugar de referência de cidade para seus usuários.

Já foi dito que a Igreja representa também, para os moradores do bairro, o preenchimento da necessidade de lazer; isto é comprovado agora, já que 16 dos entrevistados afirmaram que têm nos cultos, uma (e, às vezes, a única) opção de lazer e divertimento no bairro.

Com estas análises, pode-se afirmar que as relações de convivência do bairro Cidade Aracy são frágeis, confirmando a hipótese de que, quanto mais induzida é a ocupação de um lugar, mais as relações sociais tendem ao individualismo e à afirmação da propriedade em detrimento do espaço público de convívio, em resposta ao impacto causado pelo cruzamento de diversas origens, repertórios culturais e biografias num lugar destinado aos excluídos.

#### **e. Preferências Ambientais:**

Para captar as preferências ambientais dos moradores entrevistados, a pesquisa contou com quatro questões:

1ª - Para você, o que é mais importante no bairro?

2ª - Fale o primeiro lugar do bairro que lhe vem na mente.

3ª - O que é mais agradável para você no bairro? (ou: o que você mais gosta no bairro?).

4ª - E o que é mais desagradável? (ou: o que você não gosta?).

Nestas respostas-depoimentos, os moradores entrevistados, na maioria, manifestaram opiniões menos espontâneas. Percebeu-se que o policiamento das respostas dadas foi um esforço constante nesta parte da entrevista. Isto em vista da preocupação que os moradores do Aracy têm de, como já foi dito, exteriorizar os problemas ambientais, urbanos e, principalmente, sociais.

O próximo gráfico expõe as respostas dos entrevistados sobre o que lhes é mais importante no bairro. Percebe-se que, em 30 respostas, as "pessoas" apareceram como elemento mais importante no bairro. Esta foi uma questão complicada de ser aplicada, pois os entrevistados ficaram constrangidos em respondê-la. Por isso, 16 pessoas disseram não saber o que é mais importante para elas.

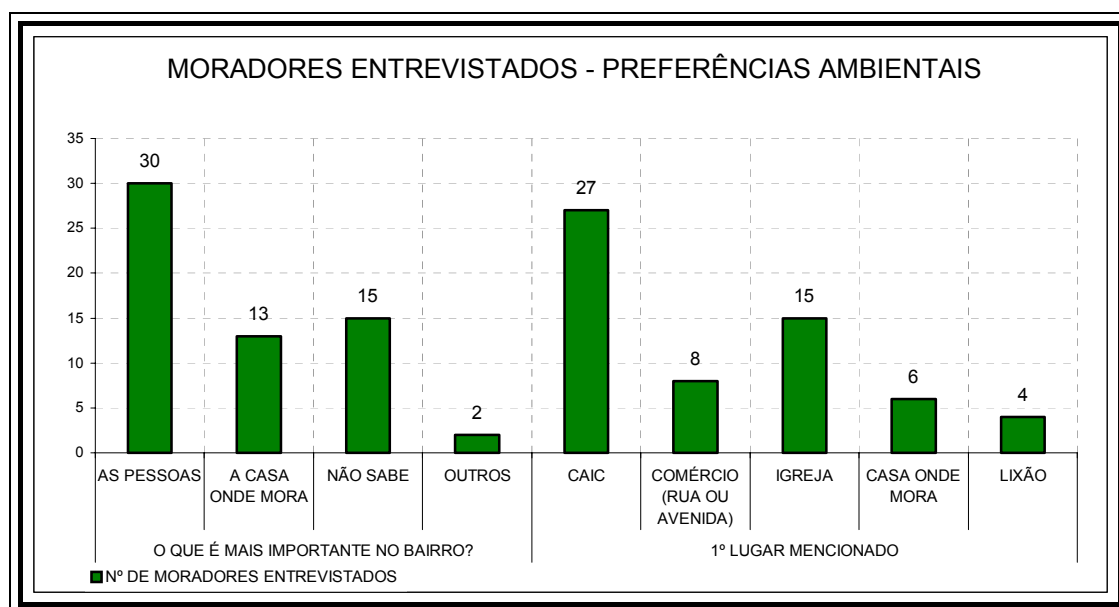


GRÁFICO 34 - O que é mais importante no bairro e o 1º lugar mencionado - entrevistados

As respostas "as pessoas" e "a casa onde mora" não foram tão espontâneas como a "não sei". A pergunta foi intencionalmente formulada para provocar o entrevistado, para fazê-lo examinar o espaço físico e

ambiental do lugar em que vive. Em comparação às outras questões, esta resultou num pequeno número de respostas diferentes. As pessoas entrevistadas não se referiram, em nenhum momento, aos problemas estruturais e ambientais do bairro.

Um fato interessante, confirmado nas próximas questões analisadas, chamou atenção: os moradores têm dificuldade de perceber a paisagem do lugar que, para estrangeiros, é notável. Talvez a escassez de recursos e todas as dificuldades sentidas pelos moradores do bairro, como a falta de asfaltamento, de iluminação, e de equipamentos urbanos faz com que a paisagem seja opaca à percepção destes usuários. Desta forma, eles não percebem, não são capacitados a interpretar a paisagem em que vivem por terem outras necessidades, por entenderem apenas a imagem alcançada pelo olhar limitado pelos problemas e dificuldades vividos no lugar.

O primeiro lugar mais mencionado pelos entrevistados foi o CAIC (escola pública situada na entrada do bairro, na avenida Regite Árab). O segundo foi "Igreja", e os lugares mencionados em terceiro, quarto e quinto lugar, respectivamente, foram "comércio", "casa" e "lixão".

A resposta "Igreja" e "minha casa" são, obviamente, pontos de referência particulares. Revelam o lugar de preferência para estes moradores, representando os territórios conhecidos à estes entrevistados, o que, em primeira instância, é compreendido e necessário à sua vivência no bairro. Já a escola, o comércio e o lixão possuem, para os que citaram estes lugares, intensa funcionalidade. Não citaram estes lugares pela referência ambiental, ou pela qualificação de uma paisagem, mas pela necessidade, pela qualidade funcional que estes lugares representam.

Aqueles que citaram "lixão" (4 dos 60 entrevistados) trabalham lá como catadores. Entretanto o lixão é um elemento forte na paisagem do bairro, principalmente no "Aracy três", onde está situado. É um lugar de muita movimentação durante o dia. As pessoas catam tudo o que lhes pode ser útil:

desde pedaços de móveis e roupas à comida enlatada. Para moradores do “Aracy três”, o lixão é fonte de renda e de materiais para a sobrevivência.



FIGURA 37 - CAIC e catadores no lixão  
FOTOS: Mariana Naxara Poli e Gustavo Russo Estevão – 2004

As questões "o que é agradável" e "o que é desagradável no bairro" revelaram aspectos ainda não apresentados e outros, já bastante recorrentes nas entrevistas.

Novamente o fator social, de convivência, aparece nas respostas, quando os entrevistados respondem que "as pessoas do bairro" são o elemento mais agradável ou o mais desagradável. Alguns dos 28 entrevistados que responderam que "as pessoas" são o que o bairro apresenta de mais agradável quiseram, em seus depoimentos, enaltecer o caráter dos moradores

do bairro, dizendo que são muito trabalhadores. Os entrevistados que deram esse tipo de depoimento eram homens de meia idade. Foram estes também os mais preocupados com a discriminação que as pessoas do Aracy sofrem em São Carlos. Desse modo, a discriminação aparece como elemento desagradável do bairro, em 19 entrevistas. A falta de infra-estrutura e os buracos também foram citados como elementos desagradáveis, sendo que, na maioria destas entrevistas os moradores justificaram esta degradação exaltando a grandeza e dimensão do bairro. Disseram ser muito difícil manter o bairro em ordem e que a prefeitura vive consertando os estragos.

A pesquisadora perguntou à estes entrevistados suas opiniões à respeito do loteador Airton Garcia. Muitos se preocuparam em defender o loteador, dizendo que ele tentou dar ao bairro muita coisa, mas não conseguiu "porque não deixaram ele trabalhar". Outros disseram que ele era uma pessoa boa, "sem frescura", apertava a mão de todo mundo e chegava até a entrar na casa de moradores. Sobre o loteador, apenas num depoimento (que faz parte do vídeo, não destas entrevistas) existe o questionamento de atitudes e do comportamento de Garcia, vinculando seus atos à preocupação em atingir seus fins lucrativos.

Para "o que é mais desagradável", as respostas "algumas pessoas" e "violência" foram dadas, na maioria, por mulheres e adolescentes. Revelam que existe a insegurança, fator preocupante para os moradores que tentam velar a situação. Nas entrevistas com crianças para o vídeo, a insegurança apareceu como um motivo de incomodo muito forte aos moradores do bairro. Nestes depoimentos espontâneos, "as pessoas más" fazem parte do universo inconsciente de moradores do bairro, o que é passado às crianças, como pode ser observado no vídeo.

Das 11 pessoas que responderam "nada é agradável", 9 são mulheres. As mulheres, de maneira geral, se mostraram as pessoas mais descontentes com o lugar. Assim como as pessoas entrevistadas de melhor poder aquisitivo.

Percebeu-se que, quanto mais carente e humilde era o entrevistado maior era sua satisfação pessoal de morar no bairro. Foram estes que responderam "nada é desagradável no Cidade Aracy".

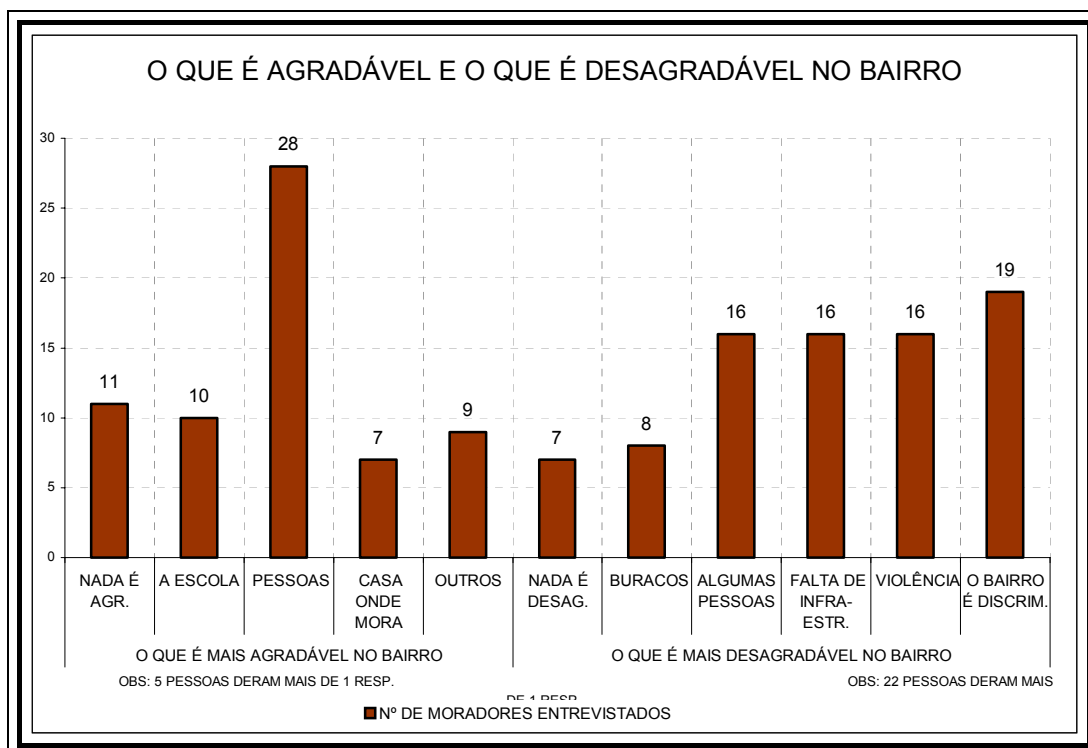


GRÁFICO 35 - O que é mais agradável ou desagradável no bairro - moradores entrevistados

#### f. Informações específicas de moradores que moram no bairro há mais de 7 anos:

Estipulou-se fazer perguntas específicas aos moradores que moram no bairro há mais de sete anos\*, pois, com as pesquisas piloto, percebeu-se que foi a partir de meados dos anos 90 que o bairro sofreu suas maiores modificações. Para estes 40 moradores entrevistados foram aplicadas três questões específicas:

\* 40, dos 60 entrevistados.

1ª - O que chamou a sua atenção quando veio morar no bairro?

2ª - Para você, quais as principais diferenças ocorridas no bairro entre aquela época e hoje?

3ª - Era melhor antes ou agora?

Dos 40, 37 preferem o bairro atual, ao da época em que se mudaram. Em suas respostas, os moradores deixaram claro que o bairro, há sete anos ou mais, era a imagem da degradação e da decadência. Não tinha asfalto, tinha pouca gente, nenhum tipo de equipamento urbano, sem iluminação e com muitos buracos. Um senhor disse que o bairro há alguns anos, era muito mais violento e que hoje apresenta apenas alguns pontos ou focos de violência e de marginalidade.

Para a maioria dos moradores entrevistados, a transformação mais significativa, acontecida no bairro no decorrer do tempo, foi o seu crescimento. Abaixo pode-se observar o gráfico elaborado com as informações obtidas dos moradores entrevistados que moram no bairro há mais de sete anos.

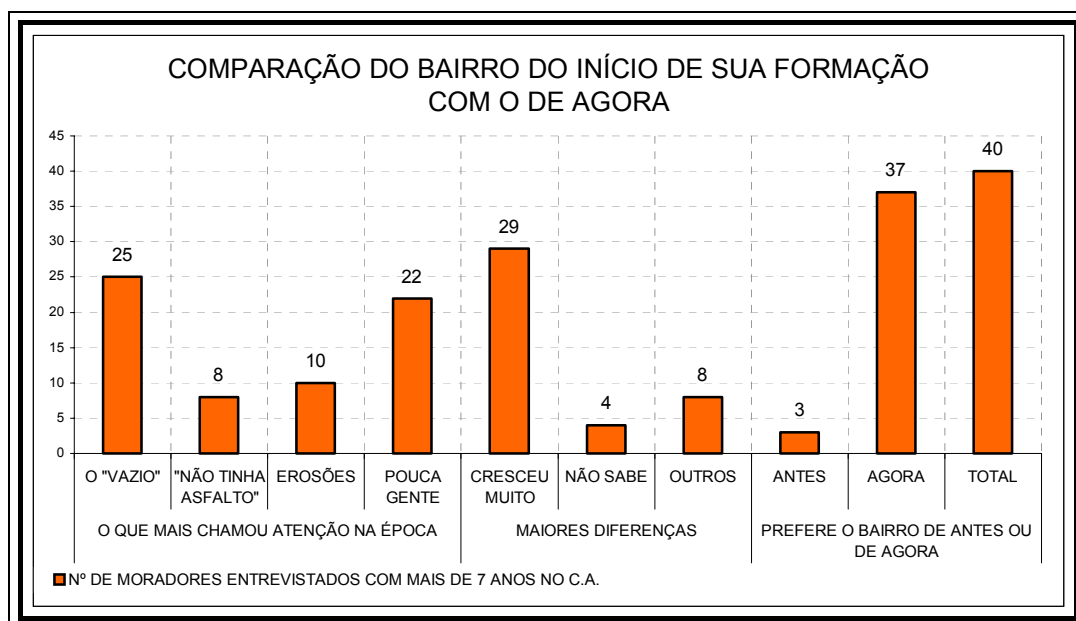


GRÁFICO 36 - Informações específicas dos entrevistados com mais de 7 anos de bairro

- **Resumo das análises (e das interpretações)**

Estas análises mostram que os moradores do Cidade Aracy têm, na sua peculiar maneira de uso do bairro, suas necessidades, seus valores, suas expectativas e seus potenciais marcados no território e na maneira como se relacionam com o lugar. As representações flagradas nos signos construídos pelos moradores e articuladas ao discurso das entrevistas, demonstram que os moradores do bairro compreendem o "seu lugar" através de suas necessidades naturais, apreendidas, conscientes e inconscientes. A casa é o lugar que dá referência ao que se tem e, às vezes, mostra uma situação momentânea e provisória. A rua é o lugar de observação e de especulação da vida cotidiana.

As esquinas revelam a fragilidade e os problemas estruturais do projeto do loteamento, através de suas requalificações. A convivência é localizada na porta da casa, limitada aos escolhidos, aos mais próximos. As Igrejas revelam a necessidade de lazer programado e a descoberta "do ser" perdido (*a reinserção*). Os salões de cabeleireiro e a necessidade de consumo indicam o desejo de referência individual. O envolvimento e o compromisso com o lugar se perderam num discurso repetido, marcando um juízo perceptivo "manipulado"; os autores do lugar não são reconhecidos e os moradores acabam por exteriorizar todos os problemas e dificuldades do bairro.

## **7.2 Vídeo - *Cidade Aracy*: uma leitura do lugar**

---

A idéia de produzir um vídeo surgiu da necessidade sentida em trazer a tona a contradição existente entre as linguagens verbal e não-verbal, captadas na pesquisa de campo. Dessa maneira, o vídeo tentou expor o olhar da pesquisadora e sua interpretação dos signos construídos pelos usuários no processo de adaptação ao lugar.

Entretanto, este vídeo é o resultado de somas. Não há nele somente impressões e interpretações da pesquisadora frente o objeto de estudo. É



imprescindível admitir que o olhar do cinegrafista e o processo de edição foram também determinantes no resultado obtido.

Mesmo em filmes como este, de teor documental, acredita-se que não é possível o(s) realizador(es) ser(em) passivo(s) e imparcial(ais). Cada percepção e cada cena são moldadas, exista, ou não, esta consciência.

Neste caso, a partir deste raciocínio nós, os realizadores do filme (diretores e produtores), somos em mesmo grau, seus sujeitos.

### **7.2.1 Apontamentos importantes**

Foram seis dias de filmagens, durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2004. Aos abordados foram feitas algumas perguntas do questionário aplicado, mas com a intenção de captar depoimentos espontâneos. Ao todo, foram quatro horas e meia de captação. O vídeo finalizado conta com, aproximadamente, 12 minutos.

A câmera de vídeo gerou um deslumbramento, principalmente entre as crianças e os adolescentes. O comportamento dos moradores frente algo inusitado, um aparelho que representa novidade, tecnologia, e a oportunidade de serem vistos e ouvidos em outros lugares, foi surpreendente, pois pensávamos que a câmera de vídeo geraria timidez e desconforto aos abordados. De fato, os abordados fomos nós, realizadores do vídeo.

Este tipo de reação revela a carência dos moradores, não só de consumo (material e imaterial), mas também carência de cidadania, de participação. Os sujeitos da pesquisa e do vídeo são, em grande maioria, pobres, migrantes, espoliados; querem ser ouvidos, vistos; o impacto da câmera filmadora sobre estes indivíduos tornou-se assim, surpreendentemente, um outro elemento de análise.

Muitos entrevistados utilizaram a câmera como palanque. Mandaram recados aos seus desafetos, falaram de problemas pessoais, mencionaram a

falta de interesse dos políticos que só vão ao bairro para caçar votos, e alguns ainda defenderam o Airton Garcia. Uns ficaram preocupados com as filmagens, abordando-nos para saber qual a razão de estarmos filmando o bairro. Foi necessário esclarecer que não éramos “da televisão”, e sim estudantes desenvolvendo um trabalho para a Universidade Federal. Aí, sabendo que não estávamos interessados em difamar o bairro, e que as imagens não seriam veiculadas na mídia, eles, tranqüilamente, começavam a falar do bairro com maior descontração.

O produto áudio-visual fala por si. É um resultado importante na complementação da pesquisa. A seguir serão expostas algumas imagens do vídeo.



FIGURA 38 - Menino e bola de gude  
IMAGEM: Gustavo Russo Estevão - 2004



FIGURA 39 - Lixão  
IMAGEM: Gustavo Russo Estevão – 2004



FIGURA 40 - Menino - morador do bairro  
IMAGEM: Gustavo Russo Estevão – 2004





FIGURA 41 - Olhar de menina - moradora do bairro  
IMAGEM: Gustavo Russo Estevão – 2004



FIGURA 42 - Bonecas no armário - casa de moradora do bairro  
IMAGEM: Gustavo Russo Estevão - 2004

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Entender um lugar tão crispado de contradições e de máscaras como o Cidade Aracy não é tarefa simples e rápida. Talvez até não seja possível captar com veemência toda a realidade social e urbana de um lugar, apesar de estratégias complexas e mirabolantes que prometem tal façanha. O que pôde ser feito nesta pesquisa, foi a interpretação daquilo que transforma constantemente um lugar: a relação sujeito-objeto, isto é, a relação entre as partes estática/concreta e a animada/abstrata do meio vivido. Uma interpretação possível dentro das possíveis. Esta interpretação promoveu o envolvimento da pesquisa com o lugar e a vontade de se continuar o caminho da descoberta.

O bairro continuará existindo, para o incomodo de alguns, satisfação de outros e indiferença de muitos, e continuará crescendo construindo uma história através de elementos, pessoas e fatos tão diversos tornando difícil e complexa sua interpretação e leitura. As análises foram feitas, as teorias de fundamentação foram discutidas e expostas e o objetivo específico da pesquisa foi alcançado. Enfrentar barreiras metodológicas, superar os obstáculos de testar as estratégias de análise, buscar a articulação de leituras, teorias, técnicas e linguagens, foram esforços do processo de pesquisa que acabou por gerar ora estímulo e euforia, ora desestímulo e estagnação.

A crítica cabível aqui é que não existe a melhor forma de captar a essência de um lugar e sim, como foi dito, formas possíveis de interpretação e leitura da dimensão fenomenológica - seu cotidiano.

A pesquisa percorreu a trilha desejada: partiu do foco mais amplo (com as análises das fotografias aéreas do município são-carlense) e foi até a interação com os usuários de um fragmento urbano da cidade de São Carlos. O bairro Cidade Aracy foi contextualizado, observado, interpretado e analisado. O resultado deste esforço pode também ser avaliado através do vídeo documentário que acompanha esta dissertação. Este produto foi surpreendente, pois desvendou o olhar da pesquisadora para a própria.

Agora, para a pesquisadora, o bairro tem suas potencialidades e problemas mais claros e passíveis de serem detectados. Existe um caminho possível para o direcionamento de políticas públicas que possam transformar o bairro segundo expectativas, valores e necessidades de seus usuários. O uso social do solo do Cidade Aracy esconde, em suas especificidades, o que pode e deve ser melhorado, ou o que não poderá ou que será difícil ser modificado, porque sedimentado. Além dos problemas comuns da atualidade, como o desemprego, o bairro apresenta outros, relacionados, por exemplo, à convivência e à imagem de decadência social.

"O que fazer?" com estes dados é a questão crucial. Existem muitos lugares carentes, invisíveis aos planos à espera de soluções criativas e sustentáveis. A exclusão social é um fenômeno específico de países como o Brasil. Como "ler" a exclusão social específica deste país, como entender as reais necessidades dos usuários de lugares periféricos, ilegais e irregulares, como transformar e interpretar as expectativas e necessidades sociais e urbanas destes lugares?

Trata-se de buscar caminhos, inverter a dinâmica da desigualdade, da formação atual da estrutura das cidades brasileiras. Trata-se de formar cidadãos, entender o porquê da alienação. Trata-se de ler a imagem da cidade para a colocação da realidade social nos meios políticos, nos planejamentos; pensar e estudar um futuro verdadeiramente sustentável.

Por fim, como disse G.C. Argan, *a cidade é feita de homens e não de pedras*. Há de se reconhecer que estes homens têm horizontes plurais, em temporalidades múltiplas. E não há ingenuidade na idéia de se imaginar um conjunto de possibilidades para se avaliar tamanha pluralidade.

## 9. BIBLIOGRAFIA

---

POLI, M.N. (2004). **A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP.** Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.



## 9.1 Referências Bibliográficas

---

- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1997. 360 p.
- BRAGA, R. Qualidade de Vida Urbana e Cidadania. **Território e Cidadania**, Rio Claro, Ano II, Julho-Dezembro, 2002.
- CÂMARA, G. **Anatomia de um SIG**. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/geopro/livros/anatomia.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2002.
- CÂMARA, G.; MEDEIROS, J.S. **Geoprocessamento para Projetos Ambientais**. São José dos Campos, INPE, 1996.
- CAMPOS, M.M.F. **Educação Ambiental e paradigmas de interpretação da realidade: tendências reveladas**. 2000. 398 p. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de Sistemas Ambientais**. São Paulo, Editora Edgard Blücher Ltda, 1999.
- CISNEROS, P. C. A. **Qualitative social research in Mexico**. Qualitative Social Research [On-line Journal]. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-00/1-00cisneros-e.htm>>. Acesso em 11 nov. 2002.
- CORREA, M.S. Especulação imobiliária invade favelas. **A Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2002. Caderno Cotidiano (Ribeirão), p. C7.
- DEVESCOVI, R C B. **O Processo de Produção do Espaço Urbano e da Segregação Sócio-Espacial: um estudo sobre a cidade de São Carlos**. 1985. 261 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV , São Paulo.
- DOWBOR, L. Da Globalização ao Poder Local: a Nova Hierarquia dos Espaços. **Pesquisa e Debate**. São Paulo: PUC-SP, Vol. 7, número 1 (8), 1996.
- DOZENA, A. **São Carlos e seu "Desenvolvimento": Contradições Urbanas de um Pólo Tecnológico**. 2001. 160p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - FFLCH, USP, São Paulo.
- DUPAS, F.A. **Geoprocessamento Aplicado à Avaliação da Dinâmica Ambiental de Projeto de Mineração na Amazônia: Estudo do caso da Mina Pitinga**. Tese de Doutorado - EESC, São Carlos, 1997.

\_\_\_\_\_. **Crescimento Urbano e suas Implicações Ambientais – Proposta de redirecionamento de cidades de médio porte utilizando as variáveis ambientais, sensoriamento remoto e SIG: Estudo do caso de São Carlos, SP.** São Carlos, 2001.

DUPAS, F.A.; RÖHM, S.A. **"Uso Atual e Uso Potencial do Solo no Município de São Carlos, SP - Base do Planejamento Urbano E Rural"**, 2002. Projeto de Políticas Públicas - Centro de ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

DUPAS, G. **Economia Global e Exclusão Social** – Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo, 1999. 219p.

FALCOSKI, L.A.N. **Dimensões Morfológicas de Desempenho: instrumentos urbanísticos de planejamento e desenho urbano.** Tese de Doutorado. FAUUSP, 1997.

FARIA, A.C.R. Mapeando a cidade: uma percepção urbana a partir das representações da periferia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 10, 2003, Belo Horizonte, MG. **Encruzilhadas do Planejamento: repensando teorias e práticas, anais.** Belo Horizonte: ANPUR, 2003. (Disponível em CD-ROM).

FARIA, V. **O Processo de Urbanização no Brasil: algumas notas para seu estudo e interpretação.** São Paulo: Anais da ABEP, 1978. p. 89-108.

FAZANO, C.B. **Proposta de zoneamento ambiental estudo de caso - bairro Cidade Aracy, São Carlos - SP.** 2001. 164 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, SP.

FERNANDES, A.C. Da Reestruturação Corporativa à Competição entre Cidades: Lições Urbanas sobre os Ajustes de Interesses Globais e Locais no Capitalismo Contemporâneo. **Espaço & Debates**, N.41, 2001. p.26-45.

FERRARA, L.D'A. **Os Significados Urbanos.** São Paulo: Edusp/FAPESP, 2000. 185 p.

\_\_\_\_\_. **Olhar Periférico,** São Paulo: Edusp/FAPESP, 1993. 277p.

\_\_\_\_\_. Do Mundo como Imagem à Imagem do Mundo. In: **Território: Globalização e Fragmentação.** São Paulo: Hucitec, Anpur, 1993. p 27-36.

\_\_\_\_\_. **Leitura sem Palavras,** São Paulo: Ed. Ática, série Princípios, 1993. 72 p.

POLI, M.N. (2004). **A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP.** Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

- FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 687p.
- FUNDAÇÃO SEADE. **Perfil Municipal de São Carlos**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 27 ago. 2002.
- GASPAR, J. W. **Análise do Processo Erosivo do Loteamento Social Antenor Garcia. Proposta para Expansão do Bairro**. 2000. 171p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, SP.
- GORELIK, A. Imaginarios urbanos e imaginación urbana: Para un recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos. *EURE (Santiago)*, Santiago (Chile), vol.28, n.83, p.125-136, 2002.
- GROSTEIN, M.D. Presença da História e a Intervenção na Cidade Existente. In: SEMINÁRIO O ESTUDO DA HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO ARQUITETO, 1994, São Paulo. **Anais...**São Paulo: Revista Pós, n. esp. 1995. p. 46-52.
- GWERCMAN, S. Evangélicos. **Revista Superinteressante**. Edição 197, Fevereiro de 2004.
- HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1980. 291 p.
- HUXHOLD, W. E. **An Introduction to Urban Geographic Information Systems**. New York, Oxford University Press, 1991. 336 p.
- IBGE - **ESTATCART – Sistema de Recuperação de Informações Georreferenciadas**. Censo Demográfico 2000 - Resultados do Universo em escala Municipal. CD-ROM.
- JACOBS, J. **Morte e vida nas grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Resenhado por MEYER, R.P. **Vitruvius**, resenha 018, dez. 2001. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em 30 out. 2003.
- KLEIT, R. G. Neighborhood Relations in Suburban Scattered - Site and Clustered Public Housing. **Journal of Urban Affairs**, Urban Association Press, v. 23, n. 3-4, p. 409-430, 2001.
- LAGO, L.C. Favela-Loteamento: re-conceituando os termos da ilegalidade e da segregação urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 10, 2003, Belo Horizonte, MG. **Encruzilhadas do Planejamento: repensando teorias e práticas, anais**. Belo Horizonte: ANPUR, 2003. (Disponível em CD-ROM)

- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Editora Documentos LTDA, 1969. 133 p.
- LEITE, M.A.F.P. Projeto e uso dos espaços públicos, o código e a interpretação. *In*: OLIVEIRA, A.C.M.A., BRITO, Y.C. **Visualidade, Urbanidade, Intertextualidade**. São Paulo: Hacker; Centro de Pesquisa Sociosemiótica, 1998. p. 65-75.
- \_\_\_\_\_. **Destruição e Desconstrução? Questões da Paisagem e Tendências de Regionalização**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 1994.
- LOJKINE, J. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1981. 337 p.
- LYNCH, K. "A cidade como meio ambiente". *In*: **Cidades. A urbanização da humanidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977. p.207-217.
- MARICATO, E. "As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias", *in*: **A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 121-192.
- MARTIN, D. **Geographic Information systems and their socioeconomic applications**. London, Routledge, 1991. 179 p.
- MARTINS, A.A.C., MOURA, C.C. **Vizinhanças no Plano Piloto - análise da qualidade de vizinhança em áreas do Plano Piloto**. Disponível em: <<http://www.unb.br/ip/lpa/textos/vizinhanca>>. Acesso em 28 out. 2003.
- MOREIRA, M.A. **Fundamentos do Sensoriamento Remoto e Metodologias de Aplicação**. São José dos Campos, SP. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). 2001. 250 p.
- NETTO, J.T.C. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva. 1990. p. 56-76.
- OLIVEIRA, F. Totalitarismo e Exclusão: A Formação de um Espaço Anti-Público. *In*: Simpósio Internacional "Espaços Públicos e Exclusão Sócio-Espacial: práticas urbanas", 1998, São Paulo. **Anais...**São Paulo: FAU-USP, 1998. p. 1-7.
- PONS, N.A.D. **Identificação e Avaliação dos Vazios Urbanos da Cidade de Santa Maria (RS) em Termos Geológicos-Geotécnicos**. 2002. 130 f. Dissertação de Mestrado (Engenharia Urbana). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. **Site oficial da Prefeitura Municipal de São Carlos**. Disponível em <<http://www.saocarlos.sp.gov>>. Acesso em: 2003 e 2004

QUEIROZ, E.A. de. **A Utilização do Sistema de Informações Geográficas no Estudo da Dinâmica do Escoamento Superficial em Áreas Urbanas: Aplicação na Bacia do Córrego do Gregório**. 207 f. Dissertação de Mestrado – EESC, São Carlos, 1996.

RIBEIRO, L.C.Q. e SANTOS J.O.A. **Globalização Fragmentação e Reforma Urbana: O futuro das cidades brasileiras na crise**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1997.

RIO, V. del, OLIVEIRA, L. (orgs.) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Ed. Studio Nobel/Ed. da UFSCar, 1996. 265 p.

ROCHA, V. Sociedade em Detalhes. **Univerciência**, São Carlos, Ano 1, v.1, p. 29-31, 2002.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**. São Paulo: Editoras Studio Nobel e FAPESP, 1997. 242 p.

SABATINI, Francisco, CACERES, Gonzalo e CERDA, Jorge. Segregación residencial en las principales ciudades chilenas: Tendencias de las tres últimas décadas y posibles cursos de acción. **EURE (Santiago)**, v.27, n.82, p.21-42. 2001.

SANT'AGOSTINO, L.H.F. **Rumo ao Concreto**. Tese de Doutorado, FAUUSP, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002. 384 p.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Cidadão**. Coleção Espaços. São Paulo: Nobel, 1998. 142 p.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo - Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994. 69 p.

\_\_\_\_\_. **O Retorno do Território**. In: Território: Globalização e Fragmentação. São Paulo: Ed. Hucitec/ Anpur, 1993. p. 15-20.

SÃO PAULO. Ministério Público do Estado de São Paulo. Processo nº 1.359/97. **Ação Civil Pública/Pedido de Liminar**. Ficha R Nº 491/97 - CENACON. São Carlos, 7 de agosto de 1997.

- SERRA, G.G. **Espaço Natural e a Forma Urbana**. São Paulo: Nobel, 1987, 211p.
- SINGER, P. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. São Paulo: Ed. Nacional, 1968. p. 7-79.
- SOUZA, M.A.A. de. **A Identidade da Metrópole**. São Paulo: Ed. Hucitec, EDUSP, 1994. 247p.
- SPOSATI, A. **Mapa de Exclusão/Inclusão da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora PUC-SP, 1996. 128p.
- VILLAÇA, F. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 373 p.

## **9.2 Bibliografia Complementar**

---

- BAUDRILLARD, J. **Para uma Crítica da Economia Política do Signo**. Coleção Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1972.
- BERNARD, J.; LEFÈVRE, C. **Villes, métropoles. Les nouveaux territoires du politique**. Paris: Anthropos, 1999. Resenhado por NEWMAN, P. **International Journal of Urban and Regional Research**, V. 25.1, p, 191-192, 2001.
- BYRNE, D. **Social Exclusion**. Buckingham: Open University Press, 1999. Resenhado por DEMAZIÈRE, C. **International Journal of Urban and Regional Research**, V. 25.1, p. 207-209, 2001.
- CAULFIELD, J.; PEAKE, L. **City Lives and City Forms. Critical Research and Canadian Urbanism**. Toronto: University of Toronto Press. Resenhado por KEATING, M. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 25.4 p. 349-351, 2001.
- CHOAY, Françoise. **A Regra e o Modelo**. Coleção Estudos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1985. 320 p.
- COHN, Amélia. **Crise Regional e Planejamento: O processo de criação da SUDENE**. Coleção Debates, São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. 170 p.
- FALCOSKI, L.A.N. Artigo: Estatuto da Cidade e do Urbanismo: Espaço e Processo Social. **Seminário Estatuto da Cidade - Gestão Urbana e Cidadania**. Dep. de Geografia, UNESP, 24/11/2000.

- HARLOE, M. Social Justice and the City: The "New Liberal Formulation". **International Journal of Urban and Regional Research**, Volume 25.4, p. 889-897, 2001.
- KOWARICK, L. **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1979. 202 p.
- MacLEOD, G. New Regionalism Reconsidered: Globalization and the Remaking of Political Economic Space. **International Journal of Urban and Regional Research**, Oxford, v. 25.4, p.804-829, 2001.
- NOVO, E.M.L.M. **Sensoriamento Remoto: Princípios e Aplicações**. São Paulo. Ed. Edgard Blucher, 1989. 308 p.
- REVISTA PÓLIS. São Paulo: Instituto Pólis, **n. 32** (Regulação urbanística e a Exclusão Territorial no Estado de São Paulo), 1999.
- REVISTA PÓLIS. São Paulo: Instituto Pólis, **n. 29** (Instrumentos Urbanísticos contra a Exclusão Social), 1997.
- REVISTA PÓLIS. São Paulo: Instituto Pólis, **n. 27** (número especial - anais do seminário: Políticas Públicas para o Manejo do Solo Urbano: experiências e possibilidades), 1996.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. Coleção Espaços, São Paulo: Editora Nobel, 1992. 88 p.
- SCHOSTAK, J. **An Introduction to Qualitative Research**. Disponível em: SOSIG <<http://www.uea.ac.uk/care/elu/Issues/Research/Res1Cont.html>>. Acesso em 12 nov. 2002.
- SCHWARZ, R. "As idéias fora do Lugar". In: **Ao Vencedor as Bananas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1977, p.13 - 28.
- SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.151 p.
- TAVARES, Maria da Conceição. **Destruição não criadora - memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. p. 17-237.

## 10. APÊNDICES

---



## QUESTIONÁRIO – moradores de São Carlos

ASSUNTO: bairro CIDADE ARACY

Nº

1. NOME: \_\_\_\_\_

2. IDADE: \_\_\_\_\_ anos

3. SEXO: \_\_\_\_\_

4. GRAU DE INSTRUÇÃO

FUNDAMENTAL	MÉDIO	SUPERIOR
-------------	-------	----------

5. CIDADE DE ORIGEM: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

6. HÁ QUANTO TEMPO MORA EM SÃO CARLOS? \_\_\_\_\_

7. MORA EM QUAL BAIRRO? \_\_\_\_\_

8. JÁ FOI AO BAIRRO CIDADE ARACY?

SIM	NÃO
-----	-----

9. (SE SIM) QUANTAS VEZES?

1	2	3	4	5	6 OU +	FREQUEN TEMENTE
---	---	---	---	---	--------	--------------------

10. (SE SIM) POR QUE?

11. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE O BAIRRO (EXPOR SUCINTAMENTE SUAS IDÉIAS SOBRE O LUGAR):

---



---



---



---

**PESQUISA PILOTO - 1      QUESTIONÁRIO N° \_\_\_\_\_**

Nome do entrevistado:						Data:			03
Idade:	10-21	22-31	32-41	42-51	52-61	62-...	Sexo:	FEM	MASC

**INFORMAÇÕES GERAIS**

1. É de São Carlos?

( ) SIM

( ) NÃO De onde? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo está em São Carlos?

Por que veio morar na cidade?

2. Sempre morou no bairro?

( ) SIM

( ) NÃO Mora no bairro há quanto tempo?

Por que veio morar no bairro?

3. Já morou em outros lugares?

( ) NÃO

( ) SIM	Bairros (de São Carlos):
Cidades:	

**OCUPAÇÃO/RENDA**

1. Trabalha?

( ) Não

( ) Sim	Onde (bairro ou cidade):		
Período:	M	T	N

2. Faz o quê?

COMÉRCIO	SERVIÇO	INDÚSTRIA
----------	---------	-----------

**EDUCAÇÃO**

1. Estuda? ( ) NÃO

( )SIM	Onde?
--------	-------

2. Grau de escolaridade:

fundamental	médio	superior
-------------	-------	----------

### HABITAÇÃO

1. Quantas pessoas moram com você?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--

2. Há quanto tempo mora(m) na casa? \_\_\_\_\_ anos.

3. Você comprou a casa (ou é alugada)?

própria	alugada	outros
---------	---------	--------

### SOCIABILIDADE/LAZER

1. Você passeia pelo bairro?

( )NÃO

( )SIM				
2. Com quem?				
sozinho	parentes	amigos	colegas	
4. Aonde vai?				
praça	bar	clube		

5. Você passeia ou vai se divertir em outros lugares fora do bairro? ( )NÃO

6. ( )SIM	Onde:
-----------	-------

7. Assiste TV? ( )NÃO

( ) SIM

Canal: \_\_\_\_\_

M	T	N
---	---	---

Período?

### CONSUMO

1. Onde costuma fazer suas compras?

- alimentação

\_\_\_\_\_

- roupas

\_\_\_\_\_

- e o resto?

2. Você vai ao centro da cidade? ( )NÃO

( )SIM.

3. Quantas vezes? \_\_\_\_\_ vezes por semana, ou \_\_\_\_\_ vezes por mês.

4. Para \_\_\_\_\_ quê?

5. Aonde \_\_\_\_\_ vai?

6. Vai como?

Transp. Público	Transp. individual	A pé		
-----------------	--------------------	------	--	--

### SAÚDE

1. Quando você se sente doente, onde vai?

posto de saúde do bairro	médico ou hospital na cidade	outros
--------------------------	------------------------------	--------

### **Anotações adicionais:**

1. Houve disposição do morador para a pesquisa?

muita	boa	média	pouca	não houve
-------	-----	-------	-------	-----------

2. O morador ficou constrangido com a abordagem ou com alguma pergunta?

---



---



---



---



---



---

## QUESTIONÁRIO - MORADORES DO BAIRRO CIDADE ARACY

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

Nº do quest.: \_\_\_\_\_

1. NOME:

2. IDADE: \_\_\_\_\_ anos.

3. SEXO:

1 = FEMININO	2 = MASCULINO
--------------	---------------

4. GRAU DE INSTRUÇÃO:

1 = FUNDAMENTAL	2 = MÉDIO	3 = SUPERIOR
-----------------	-----------	--------------

5. OCUPAÇÃO:

1 = ESTUDA	2 = ESTUDA E TRABALHA	3 = TRABALHA/COMÉRCIO
4 = TRABALHA/SERVIÇO	5 = TRABALHA/INDÚSTRIA	6 = OUTROS (_____)

6. CIDADE DE ORIGEM: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_

7. HÁ QUANTO TEMPO MORA EM SÃO CARLOS: \_\_\_\_\_

8. HÁ QUANTO TEMPO MORA NO CIDADE ARACY: \_\_\_\_\_

**(\_\_\_) OBS: MORADOR COM MAIS DE 7 ANOS DE BAIRRO - RESPONDER TAMBÉM AS QUESTÕES 27, 28, 29.**

9. MOROU EM OUTROS BAIROS?

1 = SIM	2 = NÃO
---------	---------

10. QUAL (OU QUAIS):

\_\_\_\_\_

11. POR QUE VEIO MORAR NO CIDADE ARACY?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

12. VOCÊ GOSTA DE MORAR AQUI? POR QUE?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

13. (EXPECTATIVAS) O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE EXISTISSE AQUI NO BAIRRO? DO QUE VOCÊ SENTE FALTA? (EX: PRAÇA, CLUBE, CRECHE, GINÁSIO, SHOPPING, CINEMA, PARQUE, ETC...)

---

---

14. (CONVIVÊNCIA) VOCÊ CONHECE MUITA GENTE AQUI? \_\_\_\_\_

OBS: \_\_\_\_\_

15. VOCÊ FICA MAIS DENTRO DE CASA OU NA RUA? \_\_\_\_\_

16. POR QUE? \_\_\_\_\_

17. O QUE VOCÊ ACHA MAIS IMPORTANTE NO BAIRRO?

---

18. O QUE VOCÊ FAZ PARA SE DIVERTIR NO BAIRRO?

---

19. E FORA DO BAIRRO?

---

20. (PREFERÊNCIAS AMBIENTAIS) FALE O PRIMEIRO LUGAR, DAQUI DO BAIRRO, QUE LHE VEM NA MENTE:

---

21. O QUE É MAIS AGRADÁVEL PARA VOCÊ NO BAIRRO?

---

---

22. E O QUE É MAIS DESAGRADÁVEL?

---

---

23. ONDE VOCÊ SE SENTE SEGURO?

---

---

24. E INSEGURO?

---

---

25. O QUE LHE CHAMOU A ATENÇÃO QUANDO VEIO MORAR AQUI?

---

---

26. VOCÊ GOSTARIA DE FALAR ALGUMA COISA A MAIS SOBRE O BAIRRO?

---

---

**(QUESTÕES PARA OS MORADORES COM MAIS DE SETE ANOS DE BAIRRO)**

27. QUANDO VOCÊ VEIO MORAR AQUI, O BAIRRO ERA MUITO DIFERENTE?

---

28. QUAIS AS MAIORES DIFERENÇAS ENTRE AQUELA ÉPOCA E HOJE?

---

29. ERA MELHOR ANTES OU AGORA?

---

---

PESQUISA - moradores - BAIRRO CIDADE ARACY - planilha - questões/respostas - PESQ.:	
Mariana Naxara Poli	
QUESTÕES	CÓDIGO DAS RESPOSTAS
<b>1. SEXO</b>	
FEMININO	1
MASCULINO	2
<b>2. IDADE</b>	
10 a 21	1
22 a 31	2
32 a 41	3
42 a 51	4
52 a 61	5
+ de 62	6
<b>3. INSTRUÇÃO</b>	
FUNDAMENTAL	1
MÉDIO	2
SUPERIOR	3
<b>4. OCUPAÇÃO</b>	
A - TRABALHA	
SERVIÇO	1A
COMÉRCIO	2A
INDÚSTRIA	3A
OUTROS	4A
B - ESTUDA	2
C - TRABALHA E ESTUDA	3
D - OUTROS	4
<b>5. LUGAR DE ORIGEM</b>	
SÃO CARLOS	1
INTERIOR/SP	2
SUDESTE	3
SUL	4
NORTE	5
NORDESTE	6
<b>5. HÁ QUANTO TEMPO MORA EM SÃO CARLOS?</b>	
0 - 1 ANO	1
1 - 5 ANOS	2
6 - 10 ANOS	3
11 - 15 ANOS	4
16 - 20 ANOS	5
21 - 30 ANOS	6
31 - 40 ANOS	7
41 - 50 ANOS	8
mais de 51 ANOS	9

**INFORMAÇÕES GERAIS**



<b>EXPECTATIVAS</b>	<b>12. O QUE FAZ FALTA NO BAIRRO?</b>	
	TRANSPORTE	1
	PRAÇAS	2
	OCUPAÇÃO P/ CRIANÇAS	3
	ÁREAS DE LAZER	4
	ESCOLAS	5
	POLICIAMENTO	6
	COMÉRCIO	7
	OUTROS	8
<b>CONVIVÊNCIA</b>	<b>13. CONHECE MUITA GENTE NO BAIRRO?</b>	
	SIM	1
	NÃO	2
	<b>14. FICA MAIS DENTRO DE CASA OU NA RUA?</b>	
	CASA	1
	RUA	2
	<b>15. (CASA) POR QUE?</b>	
	MAIS SEGURANÇA	1
	GOSTA DE FICAR EM CASA	2
	TRABALHA EM CASA	3
	NÃO GOSTA DE FICAR NA RUA	4
	OUTROS	5
	<b>(RUA) POR QUE?</b>	
	DENTRO DE CASA É MUITO QUENTE	1
	GOSTA	2
	TRABALHA NA RUA	3
	NÃO SABE	4
	OUTROS	5
	<b>16. O QUE FAZ P/ SE DIVERTIR NO BAIRRO?</b>	
	NADA	1
	VOU À IGREJA	2
VOU AO BAR	3	
OUTROS	4	
OUTROS	4	
<b>17. E FORA DO BAIRRO?</b>		
NADA	1	
VOU AO CENTRO (COMÉRCIO)	2	
OUTROS	3	

**PREFERÊNCIAS AMBIENTAIS**

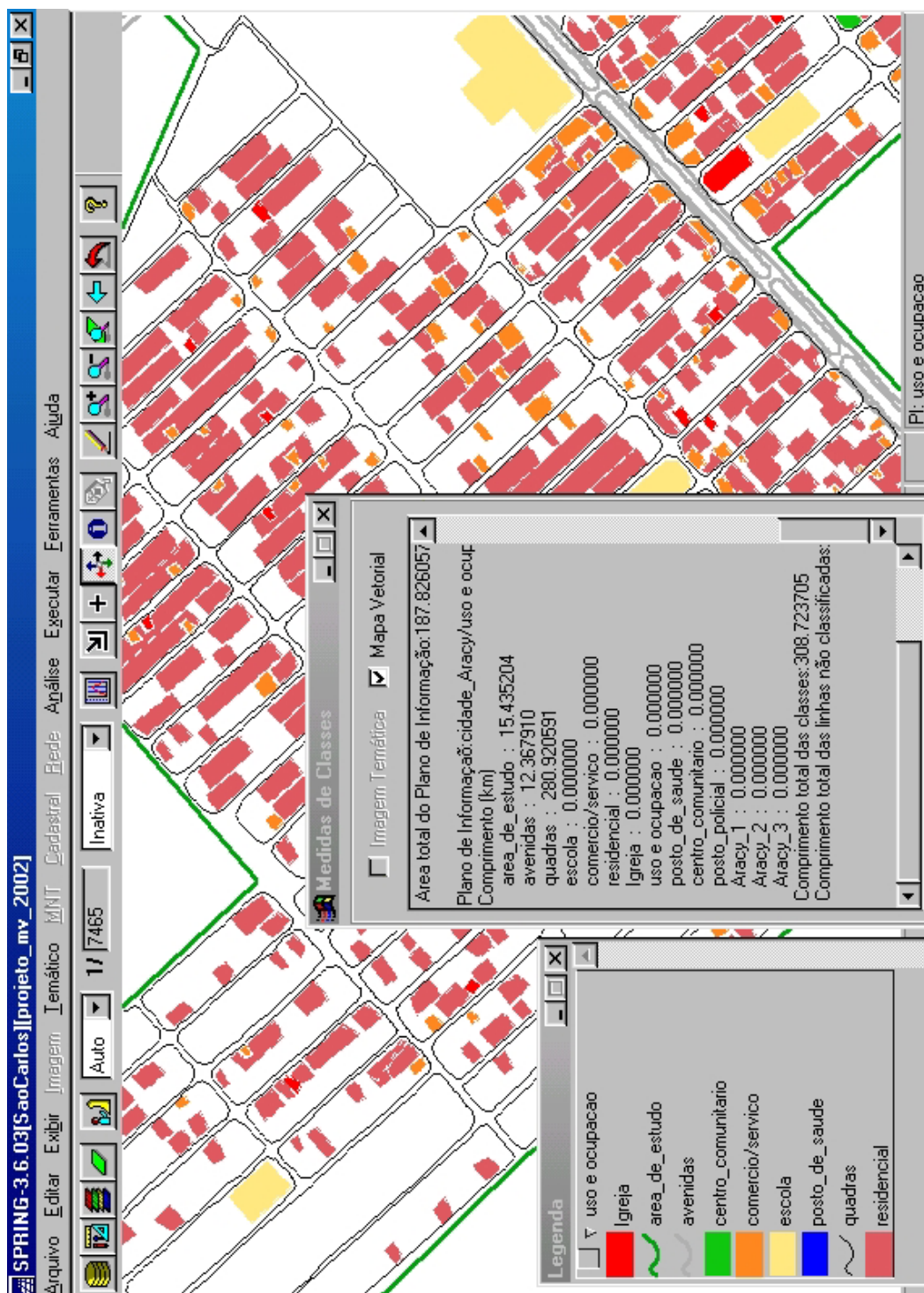
<b>18. O QUE É MAIS IMPORTANTE NO BAIRRO?</b>	
AS PESSOAS	1
MINHA CASA	2
NÃO SABE	3
OUTROS	4
<b>19. QUAL É O PRIMEIRO LUGAR DO BAIRRO QUE LHE VEM NA MENTE?</b>	
CAIC	1
COMÉRCIO	2
IGREJA	3
CASA	4
LIXÃO	5
<b>20. O QUE É MAIS AGRADÁVEL NO BAIRRO?</b>	
NADA	1
ESCOLA	2
PESSOAS	3
CASA	4
OUTROS	5
<b>21. O QUE É MAIS DESAGRADÁVEL NO BAIRRO?</b>	
ALGUMAS PESSOAS	1
NADA	2
VIOLÊNCIA	3
BURACOS	4
FALTA DE INFRA-ESTRUTURA ("FALTA MUITA COISA...")	5
O BAIRRO É DISCRIMINADO PELAS PESSOAS DA CIDADE	6
<b>22. O QUE CHAMOU ATENÇÃO QUANDO VEIO MORAR NO BAIRRO?</b>	
O VAZIO	1
NÃO TINHA ASFALTO	2
EROSÕES	3
POUCA GENTE	4
OUTROS	5
<b>23. COMPARANDO O BAIRRO DA ÉPOCA QUE SE MUDOU COM O DE AGORA, QUAL A MAIOR DIFERENÇA?</b>	
CRESCER MUITO	1
NÃO SABE	2
OUTROS	3
<b>24. ERA MELHOR ANTES OU AGORA?</b>	
ANTES	1
AGORA	2



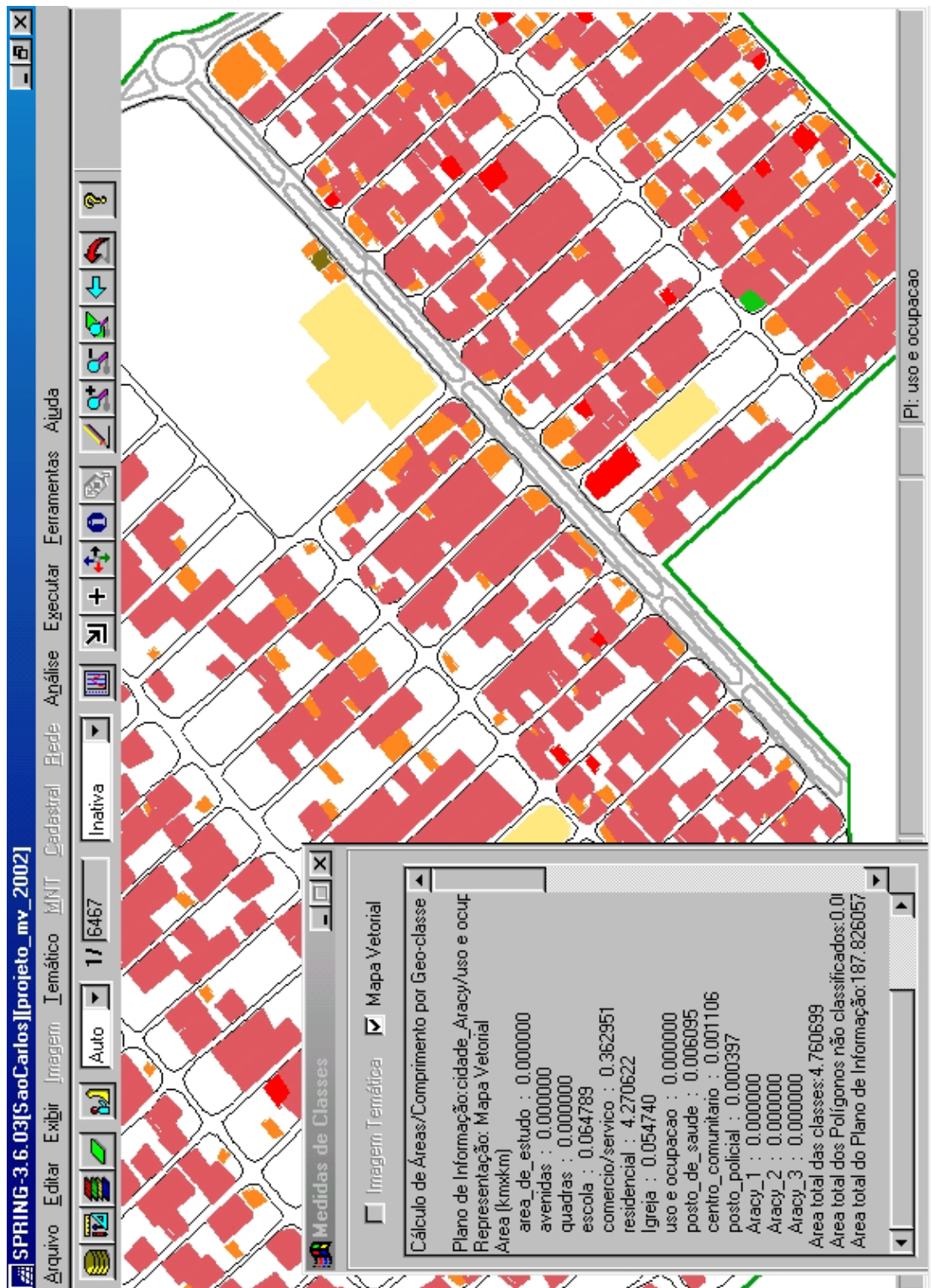




## Uso e Ocupação do Bairro Cidade Aracy - SIG



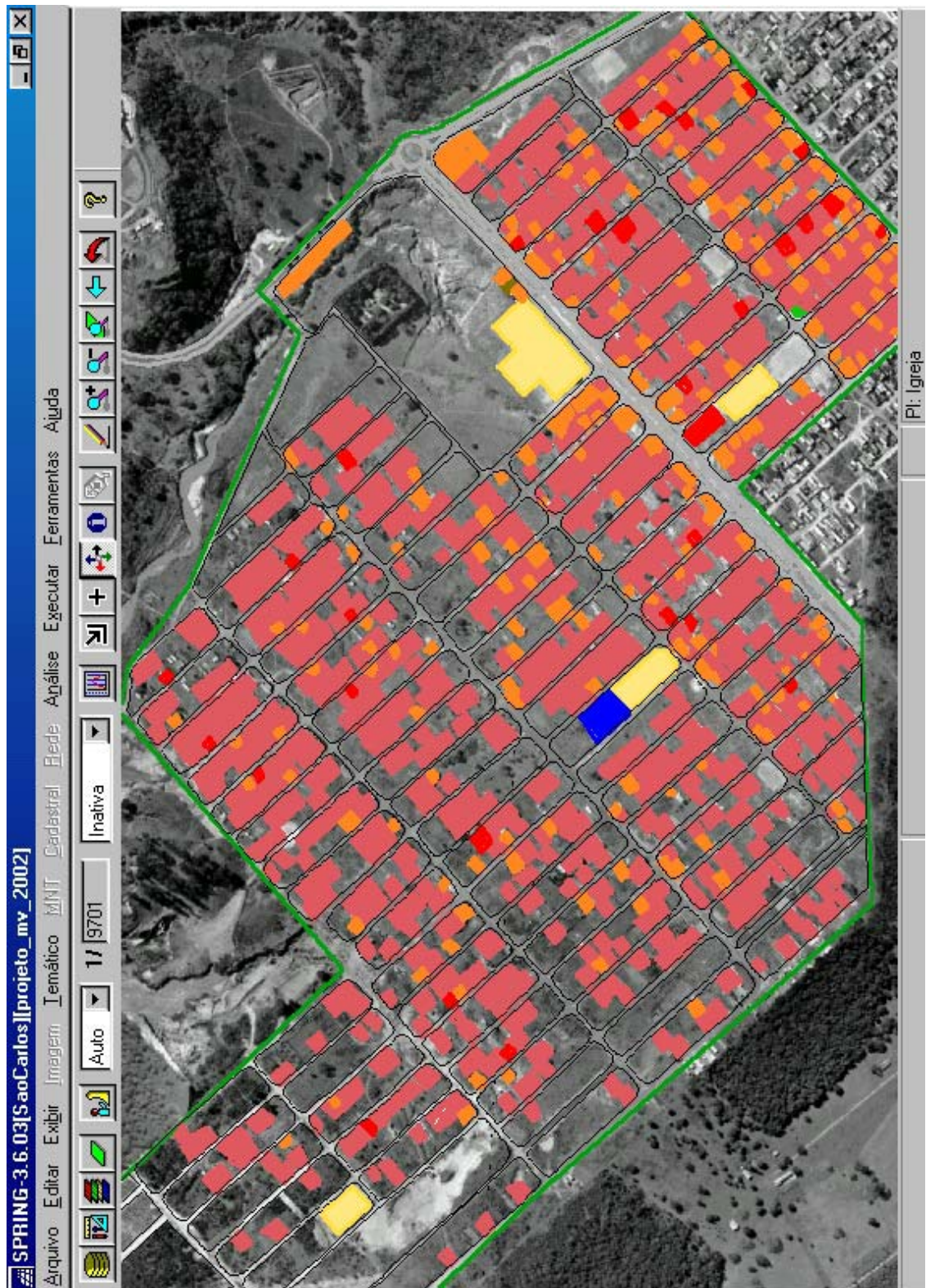
Exemplo das análises do uso e ocupação do bairro Cidade Aracy - recursos do SIG-SPRING



Exemplo das análises do uso e ocupação do bairro Cidade Aracy - recursos do SIG-SPRING

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

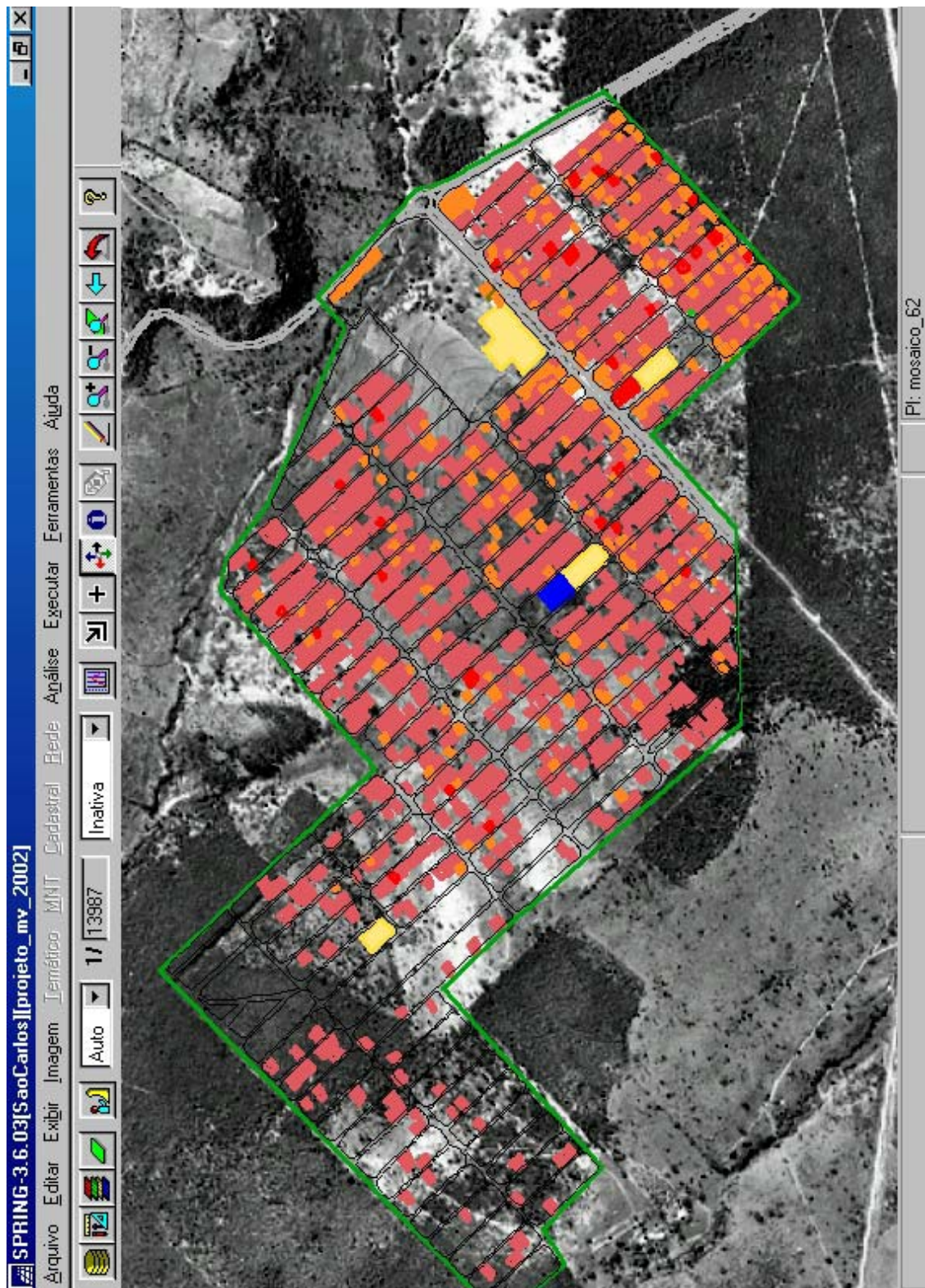




Digitalização do bairro Cidade Aracy sobre fotografia aérea de 1998

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

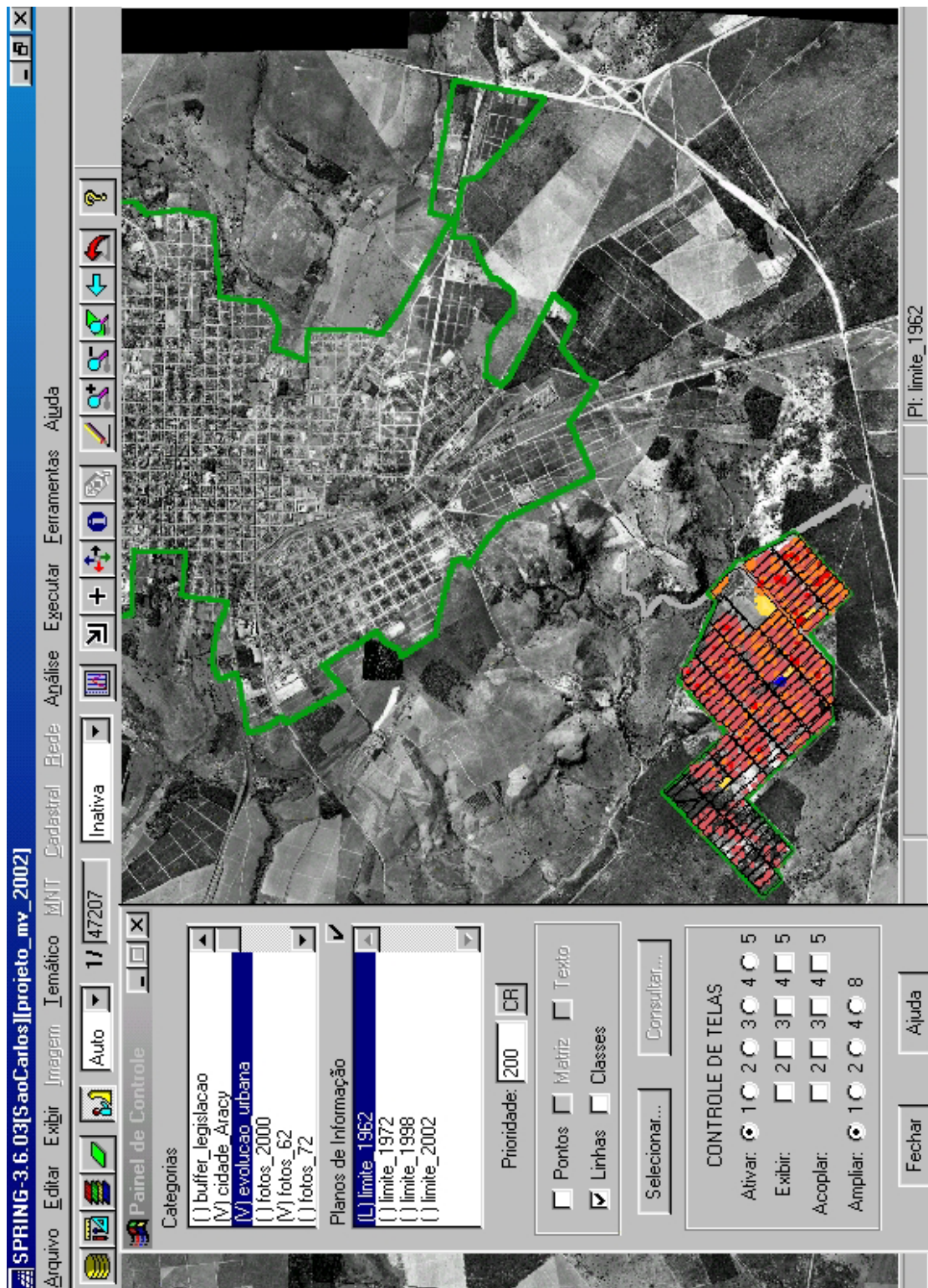




Digitalização do Loteamento Cidade Aracy inserida sobre fotografia aérea de 1962

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.





Exemplo do que pode ser analisado em SIG - Limite da área urbana de São Carlos em 1962 e a localização do Loteamento Cidade Aracy (aprovado em 1983)

POLI, M.N. (2004). *A Geografia do Espaço Vivido: Análise do uso social do solo urbano - estudo de caso na cidade de São Carlos, SP*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana - Departamento de Engenharia Civil UFSCar, São Carlos, SP. 231p.

## 11. ANEXOS

---

**Decreto de Aprovação do Loteamento Cidade Aracy\***

Prefeitura Municipal de São Carlos

Decreto Nº 117 de 28 de Setembro de 1983

JOÃO OTÁVIO DAGNONE DE MELO, Prefeito Municipal de São Carlos, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o que consta do processo administrativo sob nº 4.396/82, DECRETA:

ARTIGO 1º: Fica aprovado o loteamento CIDADE ARACY LTDA., consubstanciado no processo administrativo protocolado sob nº 4.396/82, de 5 de Abril de 1982, uma vez que segundo parecer da Comissão nomeada para apreciá-lo, foi considerado dentro das normas legais que regem a matéria.

ARTIGO 2º: Este decreto servirá de alvará para ser apresentado ao senhor oficial do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Carlos.

ARTIGO 3º: Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

São Carlos, 28 de Setembro de 1983.

João Otávio Dagnone de Melo  
(Prefeito Municipal de São Carlos)

---

\* Publicado no jornal A Tribuna, São Carlos, em 30 de setembro de 1983, p. 11.

---

**ANEXO 2****Mapas dos Setores Censitários IBGE (2000)<sup>48</sup> - correspondentes ao Bairro Cidade Aracy.**

Setores Censitários:

1. 3548906130000**41**
2. 3548906130000**42**
3. 3548906130000**43**
4. 3548906130000**44**
5. 3548906130000**45**
6. 3548906130000**46**
7. 3548906130000**47**
8. 3548906130000**48**
9. 3548906130000**49**

---

<sup>48</sup> IBGE - ESTATCART – Sistema de Recuperação de Informações Georreferenciadas. Censo Demográfico 2000 - Resultados do Universo em escala Municipal. CD-ROM.























